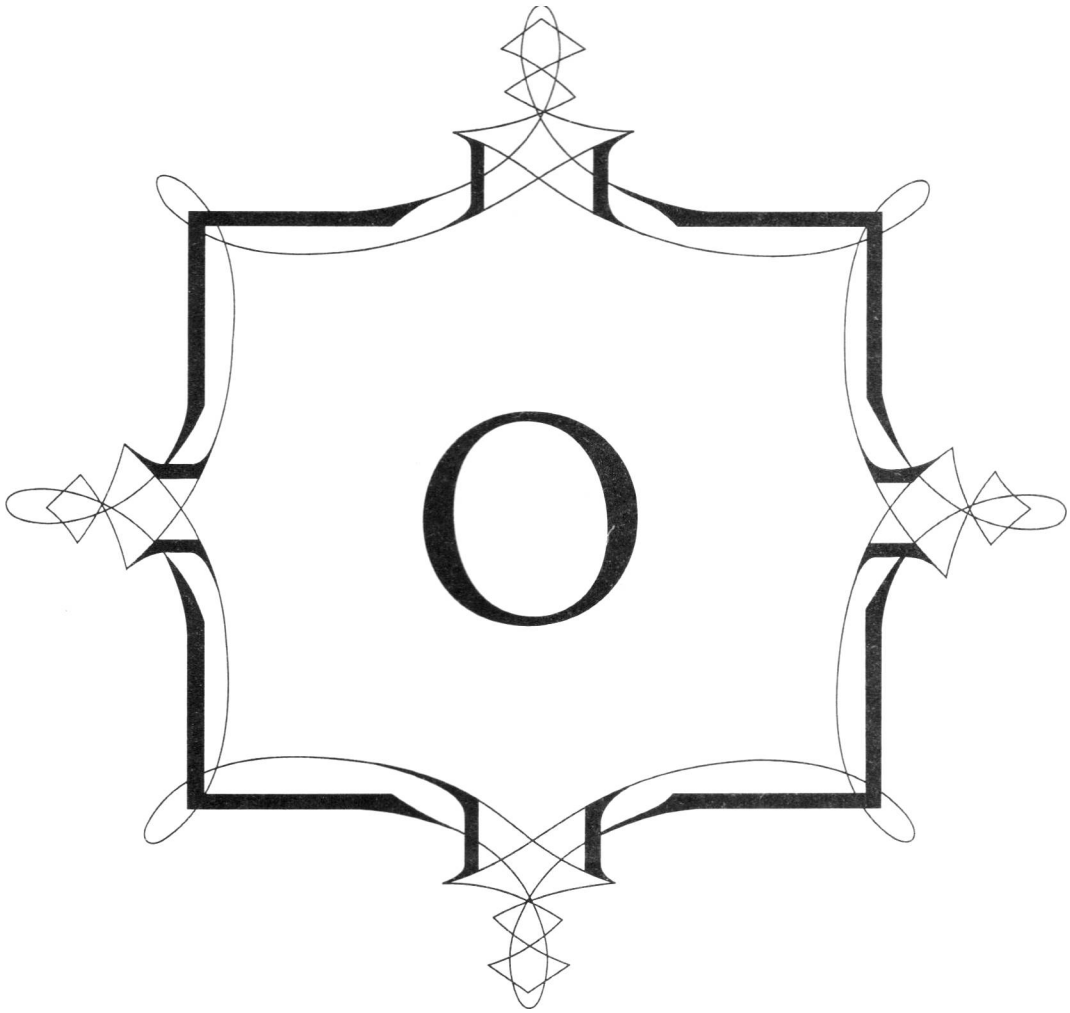
O ANTIGO TESTAMENTO INTERPRETADO

VERSÍCULO POR VERSÍCULO

Autor
R. N. Champlin, Ph. D.

HAGNOS



O

OADE

No hebraico, «unidade». Ele era filho de Simeão, um dos doze patriarcas de Israel (Gên. 46:10). Veio a ser o cabeça de um dos clãs de Israel. Seu nome não se acha nas listas paralelas de Núm. 26:12-14 e I Crô. 4:24,25. Viveu em torno de 1700 A.C. Também há quem interprete seu nome com o sentido de «poderoso».

OBADIAS (LIVRO)

Esboço:

I. Pano de Fundo e Caracterização Geral
II. Autoria e Data
III. Problema de Unidade
IV. Propósito do Livro
V. Relação com o Livro de Jeremias
VI. Teologia
VII. Esboço do Conteúdo
VIII. Bibliografia

I. Pano de Fundo e Caracterização Geral

Obadias é o mais curto livro do Antigo Testamento, pois consiste em apenas vinte e um versículos. Nada se sabe sobre o profeta Obadias, e as poucas tradições que falam sobre ele não são dignas de confiança. Mas, embora o seu livro seja tão minúsculo, muitos eruditos crêem que não foi um único autor que o produziu por inteiro, e que partes do livro vieram de diferentes épocas. De acordo com eles, alguns dos oráculos do livro foram proferidos ou escritos pouco depois da queda de Jerusalém frente aos babilônios, o que deu início ao cativeiro babilônico (587—586 A.C.). Talvez Obadias tenha-se valido das coleções de declarações que haviam sido oralmente transmitidas pelas escolas dos profetas. Isso poderia explicar as incríveis similaridades entre os vss. 1-9 e Jer. 49.7-22. Mesmo nesse caso, porém, aquelas declarações refletem bem o ponto de vista de Obadias.

Obadias foi, primariamente, um poeta que exprimiu algumas questões proféticas. Edom havia-se aliado a outras nações a fim de derrubar Menaém e despojar Judá, num ato inacreditável e imperdoável que foi denunciado por Obadias (vss. 10-14). À semelhança de Joel, Obadias passou a descrever profeticamente o julgamento dessas nações. Ademais, em visão profética, ele previu a volta de Judá à sua terra, o domínio de Judá sobre Edom e o triunfo universal de Yahweh. Alguns estudiosos acreditam que o livro de Obadias foi escrito às vésperas do avanço árabe-nabateu (cerca de 312 A.C.), que haveria de conquistar os edomitas, e que Obadias estava clamando por vingança pelo que Edom havia feito contra Judá. Sal. 137.7 refere-se à maliciosa alegria expressa por Edom diante da destruição de Jerusalém e dos subseqüentes sofrimentos causados pelo cativeiro babilônico. Foi isso o que fez Obadias sentir-se tão ultrajado, sendo também a principal inspiração dessa profecia condenatória contra Edom.

II. Autoria e Data

A tradição atribuiu este livro a um homem de nome *Obadias,* mas essa mesma tradição mostra-se errônea, ao prestar certas outras informações. Ver no *Dicionário* o artigo *Obadias (Pessoas),* no oitavo ponto, que dá a pouca informação que se sabe a respeito desse homem. O nome Obadias era extremamente comum na sociedade hebréia. Ainda assim, não há razão para duvidarmos de que houve um profeta com esse nome, e de que a essência do livro foi escrita por ele, embora ele possa ter incorporado declarações que não fossem de sua lavra original. A data do livro é um ponto disputado, e as sugestões variam muito umas das outras. O nome Obadias significa "adorador de Yahweh"; as poucas indicações que temos acerca dele apontam para um homem piedoso, que seguia a ortodoxia judaica e era impelido por fervoroso nacionalismo.

Data. O livro de Obadias tem sido datado desde 887 A.C. até tão tarde quanto 312 A.C., ou ligeiramente antes. Se a data mais antiga é que está correta, então o livro foi escrito durante o reinado da sangüinária rainha Atalia (II Reis 8.16-26). Se essa opinião está com a razão, então Obadias foi o primeiro de todos os profetas escritores. No entanto, a maioria dos estudiosos não encontra boas evidências em favor dessa data tão antiga. Mas, se o livro foi escrito pouco antes do avanço árabe-nabateu, que arrasou com Edom, devido a seu pecado de ter ajudado aos inimigos de Judá, então o livro foi escrito algum tempo antes de 312 A.C. E se os vss. 1-9 de Obadias foram tomados por empréstimo de Jer. 49.7-22, então o livro deve ter sido escrito depois do de Jeremias, talvez em cerca de 570 A.C., ou pouco mais tarde. Entretanto, esse material poderia fazer parte das declarações dos profetas, de cujos escritos Jeremias também tirou proveito, o que significa que nenhuma data certa pode ser fixada para a sua utilização.

As evidências acerca de uma data mais recuada incluem a observação de que Edom foi hostil com Israel não apenas posteriormente, mas desde muito tempo. Assim, durante o reinado de Jeorão (848--841 A.C.), os filisteus e os árabes avassalaram Judá e saquearam Jerusalém (II Crô. 21.16,17). Na ocasião, os edomitas mostraram-se muito hostis a Judá (II Reis 8.20-22; II Crô. 21.8-20). Mas, contra isso, argumenta-se que os vss. 1-9 de Obadias (tomados por empréstimo de Jer. 49.7-22) associariam a profecia com as dificuldades posteriores que envolveram o cativeiro babilônico. E a posição do livro de Obadias, dentro do cânon do Antigo Testamento, pode indicar uma data mais antiga, visto que ele se agrupa com Oséias, Miquéias e Amós (havendo algum paralelismo verbal com este último). Entretanto, temos aprendido que essas posições, dentro do cânon, com freqüência não são cronológicas. Por outra parte, em favor de uma data posterior, conforme já foi mencionado, temos a associação do livro com Jeremias, em cujo caso a invasão babilônica provê o pano de fundo histórico; a amarga hostilidade de Edom, na ocasião; e a destruição de Edom pelos árabes, o cerne mesmo da predição de Obadias. Essa hostilidade dos edomitas também transparece em Lam. 4.21; Eze. 25.12-14; 35.1-15; Sal. 137.7. Acresça-se a isso que a invasão filistéia, nos dias de Jeorão, não foi um grande evento histórico, não sendo provável que estivesse na mira de Obadias. Apesar de não haver como solucionar o problema, o peso maior parece favorecer uma data posterior.

III. Problema de Unidade

Alguns críticos vêem no livro de Obadias uma colcha de retalhos, e não uma unidade literária. As teorias a respeito diferem tanto que o resultado é a confusão. O pequeno livro de Obadias tem sido dividido de várias maneiras, com seções que refletiriam diferentes períodos de tempo. Uma dessas teorias fala acerca de quatro seções, a saber: 1. vss. 1-4 (pré-exílica); 2. vss. 5-15b (após 450 A.C.); 3. vss. 15a,16-18 (após 350 A.C.), quando os árabes invadiram Edom através do Neguebe, 4. vss. 19-21 (período dos Macabeus). Mas outra teoria divide o livro em sete oráculos, que teriam sido proferidos entre os séculos VI e IV A.C. Em ambos os casos, fica entendido que um editor bastante posterior compilou o livro com base em fontes que datavam de tempos muito dispares. Porém, a divisão mais simples é aquela que fala em duas porções do livro, ou seja: 1. vss. 15a,16-21 (que formariam um apêndice); 2. o começo do livro, que formaria uma unidade literária. Outra divisão dupla é como segue: 1. vss. 1-9,16a,18-20a (pré-exílica); 2. vss. 10-14 e alguns fragmentos (pós-exílica). A posição conservadora em geral é de que algum autor único escreveu o livro, embora tenha inserido algum materi-

al proveniente de tempos anteriores. Um oráculo mais antigo parece despontar nos vss. 1-4, onde o autor afirma: "Temos ouvido as novas do Senhor". É ali que encontramos a predição sobre a ruína de Edom, o que pode ter sido uma antiga profecia que teve vários cumprimentos históricos parciais. Talvez o restante do livro seja, essencialmente, a obra de um único autor, enquanto seus paralelos com o livro do Jeremias poderiam ter provindo do mesmo fundo comum de declarações proféticas, usado tanto por Jeremias quanto por Obadias.

IV. Propósito do Livro

Arrogantemente, os edomitas rejubilaram-se diante das derrotas de Judá (e isso sem importar se mais cedo ou mais tarde na história), chegando a prestar ajuda aos saqueadores. Eles detinham e maltratavam judeus que fugiam, ou chegavam mesmo a vendê-los como escravos. Isso foi um ultraje entre aparentados, racial e historicamente falando. Desse modo, Obadias esboçou como seria tomada vingança contra Edom, e então ocorreria a vitória final de Judá, por meio do temível Dia do Senhor.

V. Relação com o Livro de Jeremias

É patente que os vss. 1-9 de Obadias estão relacionados com o trecho de Jer. 49.7-16, o que tem influenciado a teoria de uma data posterior, conforme dito anteriormente, na segunda seção. Há três teorias atinentes a esse paralelismo, a saber: 1. tanto Jeremias quanto Obadias tomaram por empréstimo declarações proféticas de alguma fonte mais antiga, pelo que um deles não depende do outro no tocante a material ou data. 2. Jeremias é quem tomou por empréstimo de Obadias, o que significa que primeiramente foi escrito o livro de Obadias. 3. Obadias tomou emprestado de Jeremias. Aqueles que defendem a teoria de um *oráculo antigo* supõem que a versão de Obadias se assemelhe mais ao original, e que a versão de Jeremias contenha algumas modificações feitas por ele mesmo. Ou então, se Jeremias foi quem tirou proveito de Obadias, então ele modificou esse material para ajustar-se aos seus propósitos. Contudo, se Obadias realmente tomou emprestado de Jeremias, então, verdadeiramente, o livro de Obadias é posterior, referindo-se ao cativeiro babilônico, e nesse caso as diferenças teriam sido produzidas por Obadias, de acordo com os seus próprios propósitos. Não há como solucionar esse problema. Os eruditos manuseiam a questão essencialmente de acordo com aquilo que acreditam acerca da data do livro.

VI. Teologia

1. É um crime tratar parentes conforme Edom fez com Judá. Que o amor fraternal tenha livre curso.

2. O julgamento divino haverá de recair sobre os ofensores com estrita retribuição (vss. 10,15).

3. As nações que se opõem a Yahweh e a Seu povo finalmente ficarão arruinadas. Aproximam-se tanto o Dia do Senhor (juízo) quanto uma Época Áurea. E os homens participarão ou de uma coisa ou de outra, em consonância com os seus feitos (vs. 17, comparar com Isa. 2.6-22; Eze. 7; Joel 1.15--2.11, Amós 5.18-20, Sof. 1.7,14-18).

4. O livro de Obadias condena as atitudes de traição, ridículo, orgulho e materialismo.

VII. Esboço do Conteúdo

1. *A Temível Sorte de Edom* (vss. 1-9)
a. O título do livro (vs. 1a)
b. Advertências de condenação (vss. 1b-4)
c. A destruição vindoura (vss. 5-9)
2. *A Desprezível Conduta de Edom* (vss. 10-14)
3. *O Julgamento das Nações* (vss. 15-21)
a. Como as situações reverter-se-ão (vss. 15-18)
b. Restauração futura (vss. 19-21)

VIII. Bibliografia

AM BEW E EA UN Z

OBADIAS (PESSOAS)

No hebraico, «adorador de Yahweh». Esse era um nome bastante comum na antiga cultura dos hebreus. Nas páginas da Bíblia há doze ou treze homens com esse nome, a saber:

1. Um descendente de Issacar (I Crô. 7:3). Ele pertencia à casa de Uzi, e viveu em cerca de 1014 A.C.

2. Um líder da tribo de Gade, que se aliou a Davi, em Ziclague, quando este fugia de Saul (I Crô. 12:9). Foi um dos trinta heróicos guerreiros de Davi. Viveu em torno de 1000 A.C.

3. Um descendente de Saul e Jônatas (I Crô. 8:38; 9:44). Viveu em cerca de 720 A.C.

4. O pai de Ismaías, ao qual Davi nomeou sobre a tribo de Zebulom (I Crô. 27:19). Viveu em torno de 1014 A.C.

5. Um oficial de alta patente, camareiro ou mordomo do palácio, durante o governo de Acabe (I Reis 18:3). Isso sucedeu entre 870 e 850 A.C. Embora estivesse tão intimamente associado a Acabe, foi homem de alguma espiritualidade, e assim, quando Jezabel perseguia e matava os profetas de Israel, ele ocultou cem deles em uma caverna, suprindo-lhes alimentos. Sobreveio a fome sobre Samaria, e Acabe e Obadias dividiram a terra entre si, a fim de buscarem pasto para o gado. Obadias então encontrou-se com o profeta Elias, que o instruiu a dizer ao rei que Elias estava próximo. Obadias temeu obedecer a Elias, temendo morrer às mãos de Acabe, mas acabou anuindo. As tradições judaicas fazem dele o profeta *Obadias,* cujo nome está vinculado ao livro veterotestamentário desse nome (ver *Talmude Babilônico, San.* 39b), mas trata-se de um equívoco claro.

6. Um ministro de Estado do tempo do rei Josafá, cuja tarefa foi a de ensinar a lei no território de Judá (II Crô. 17:7). Ele viveu em cerca de 870 A.C.

7. O profeta Obadias. Praticamente nada se sabe a seu respeito. O Talmude Babilônico identifica-o com o camareiro de Acabe; mas sem dúvida essa opinião está equivocada. Ver o quinto ponto, acima. Outras tradições fazem dele o terceiro capitão que Acazias enviou contra Eliseu (ver II Reis 1:13), mas isso também não encontra respaldo bíblico. Ver a seção II, *autoria,* do artigo sobre *Obadias (Livro).*

8. Um descendente de Davi e Jeoaquim, que viveu após o cativeiro babilônico (I Crô. 3:21). Talvez ele seja o mesmo Judá de Luc. 3:26, pelo que faria parte da ascendência de Jesus, o Messias. E talvez o Abiúde de Mat. 1:13 seja outro nome do mesmo homem. O texto parece corrupto, pois a *Septuaginta* e a *Vulgata Latina* (vide) não concordam com o texto hebraico.

9. Um levita que viveu após o cativeiro babilônico (I Crô. 9:16). Ele tem sido identificado com o Abda de Nee. 11:17. Viveu em cerca de 445 A.C.

10. O chefe de uma família que retornou do cativeiro babilônico, e fixou residência em Jerusalém (Nee. 10:51).Viveu em torno de 445 A.C.

11. Um sacerdote que assinou o pacto encabeçado por Neemias, terminado o cativeiro babilônico, quando Judá se instalou novamente em Jerusalém (Nee. 10:5). Viveu em torno de 445 A.C.

12. Um levita que foi porteiro encarregado dos depósitos, terminado o cativeiro babilônico, na época de Neemias (Nee. 12:25). Viveu em torno de 445 A.C.

OBAL

Ver sobre **Ebal.**

OBEDE

No hebraico, «reiteração». Esse foi o nome de duas personagens bíblicas do Antigo Testamento, a saber:

1. O pai de Azarias. Azarias foi um profeta da época do rei Asa, de Judá (II Crô. 15:1). Porém, o vs. 8 daquele mesmo capítulo dá a impressão de que o próprio Odede era o profeta, embora não em nossa versão portuguesa, que traduz o versículo de modo a não se ter essa confusão, dizendo: «...e a profecia do profeta, filho de

Odede...» Os eruditos acreditam que o texto massorético, nessa passagem, esteja corrompido, e que não devemos apelar para o recurso de explicar que tanto o pai quanto o filho foram profetas do Senhor.

2. Um profeta de Samaria que viveu no tempo em que Peca, rei de Israel, invadiu Judá, em cerca de 735 A.C. Ele era um homem corajoso, que saiu ao encontro do exército vitorioso que retornava da matança que havia provocado. Odede repreendeu-os pela crueldade deles e exortou-os a que soltassem os prisioneiros que haviam capturado, cerca de dois mil homens. Ver II Crô. 28:9. Os soldados de Israel ficaram tão impressionados, ante a repreensão de Odede, que libertaram os prisioneiros, e, tendo-os vestido, alimentado e ungido, enviaram-nos de volta a Jericó. Realmente, não era correto que a nação do norte, Israel, escravizasse seus irmãos do sul, Judá. Mas a guerra geralmente provoca todo tipo de irracionalidade.

Ver o artigo seguinte sobre o mesmo nome em português, mas diferente no hebraico.

OBEDE

No hebraico «serviçal», «escravo de» ou «adorador de». Era esse um nome bastante comum nos dias do Antigo Testamento. Ao que parece era forma abreviada de Obadias, também um nome comum na época. Cinco personagens do Antigo Testamento são assim designadas:

1. Um filho de Boaz e Rute, e pai de Jessé, pai de Davi. Ver Rute 4:17; I Crô. 2:12. Ele viveu em cerca de 1070 A.C. Seu nome ocorre nas genealogias de Rute 4:21,22; I Crô. 2:12; Mat. 1:5 e Luc. 3:32, onde ele aparece como um antepassado de Jesus Cristo.

2. Um filho de Eflal, descendente de Jeremaeel (I Crô. 2:25,37). Ele viveu em torno de 1014 A.C.

3. Um dos trinta heróicos guerreiros de Davi, que o ajudou no exílio, quando fugia do perseguidor Saul (I Crô. 11:47).Viveu em cerca de 1015 A.C.

4. Um filho de Samias e neto de Obede-Edom, um coratita que era porteiro no templo de Jerusalém (I Crô. 26:7). Viveu em torno de 960 A.C.

5. O pai de Azarias, um dos capitães do exército de Israel que ajudou Joiada a depor Atalia (II Crô. 23:1). Isso ocorreu em cerca de 842 A.C.

OBEDE-EDOM

No hebraico, «servo de Edom». Talvez haja nesse nome uma referência a alguma divindade ou forma de idolatria em Edom. Esse é o nome de três personagens que aparecem no Antigo Testamento:

1. Um levita que ficou cuidando da área da aliança, quando a morte de Uzá fez Davi temer pela segurança da mesma. Sua casa não ficava longe de Quiriate-Jearim, onde a área da aliança ficou por três meses (ver II Sam. 6:10.11). Dali, a mesma foi levada a Jerusalém. E Obede-Edom, em face do serviço que prestara, tornou-se um dos guardiães especiais da área. Ver I Crô. 15:18,14.

Alguns estudiosos têm pensado que ele teria de ser um filisteu, por causa do lugar onde residia. Mas não é nada provável que Davi tivesse dado a tarefa de guardar a área a um filisteu. Havia uma localidade de nome Gitaim (II Sam. 4:3; Nee. 11:33), provavelmente não longe de Quiriate-Jearim, e um homem dali poderia ser chamado «geteu», conforme o foi Obede-Edom, sem que isso significasse que ele não era israelita. O mais provável é que ele tenha sido levita, o que o qualificava para a tarefa de que foi incumbido.

2. Um filho de Jedutum, guarda do templo (I Crô 16:38), que viveu em cerca de 1043 A.C.

3. Um dos que estavam encarregados de cuidar dos vasos sagrados, na época de Amazias (II Crô. 25:24). Ele viveu em torno de 835 A.C.

OBEDIÊNCIA

Ver sobre **Dever** e **Dever do Cristão**.

Esboço:

1. Referências e Idéias Bíblicas
2. Exemplos Bíblicos de Obediência
3. Uma Característica dos Crentes
4. A Obediência de Cristo
5. Implicações Teológicas e Eclesiásticas

1. Referências e Idéias Bíblicas

A obediência é imposta por Deus (Deu. 13;4), é essencial à fé (Heb. 11:6); resultado para quem dá ouvidos à voz de Deus (Êxo. 19:5); é um dever que temos diante de Cristo (II Cor. 10:5); o evangelho requer obediência (Rom. 1:5); consiste em observar os mandamentos de Deus (Ecl. 12:13); manifesta-se através da submissão (Rom. 13:1); a justificação nos é conferida mediante a obediência de Cristo em nosso lugar (Rom. 5:19); Cristo é o supremo exemplo de obediência (Mat. 3:15; Fil. 2:5-8); deve ser uma das características dos santos (I Ped. 1:14); é uma característica dos anjos (Sal. 103:20); deve proceder do próprio coração (Deu. 11:13; Rom. 6:17); deve ser prestada voluntariamente (Sal. 18:44); não deve ter reservas (Jos. 22:2,3); deve ser constante (Fil. 2:12); finalmente será universal (Dan. 7:27); envolve bem-aventurança (Deu. 11;27; Tia. 1:25); os desobedientes são punidos (Deu. 1:28; Isa. 1:20).

2. Exemplos Bíblicos de Obediência

Noé (Gên. 6:22); Abraão (Gên. 12:1-4); os israelitas (Êxo. 12:28, 24:7); Calebe (Núm. 32:12; I Reis 15:11); Elias (I Reis 17:5); Ezequias (II Reis 18:6); Josias (II Reis 22:2); Davi (Sal. 119:106); Zorobabel (Ageu 1:12); José (Mat. 1:24); os magos (Mat. 2:12); Zacarias (Luc. 1:6); Paulo (Atos 26:19); Jesus, o Cristo (ver sob o quarto ponto).

3. Uma Característica dos Crentes

Há uma «obediência à fé (Atos 6:7; Rom. 1:5). A comunhão dos santos requer que a santidade faça parte do quadro geral. Ver o artigo separado intitulado *Santificação*. Esse é precisamente um dos meios de crescimento espiritual. A obediência ao evangelho é obediência a Cristo, o que resulta do companheirismo espiritual com Ele (II Cor. 10:5). Dessa maneira, os homens mostram-se obedientes à justiça (Rom. 6:16). A obediência não será duradoura, a menos que proceda de um coração transformado (Eze. 36:26,27; Mat. 7:18; Gál. 1:16; I Tim. 1:5; Heb. 9:14). A obediência precisa ser sincera (Sal. 51:6; I Tim. 1:5). Não será eficaz a menos que esteja alicerçada sobre o amor (I João 4:19; I João 2:5; II Cor. 5:14). Eventualmente, será universal (II Ped. 1:5,10) e perpétua (Rom. 2:7; Gál. 6:9). A obediência é a precursora e a evidência da glória eterna (Rom. 6:22; Apo. 22:14).

Jesus repreendeu àqueles que tinham um tipo de obediência apenas externo, jactancioso, cujo propósito era atrair elogios da parte dos homens, mas que nada tem a ver com a verdadeira espiritualidade (Mat. 6:2,5,16; 23:25-25). Tiago mostrou que não existe justificação sem obediência (Tia. 2). A obediência é superior ao rito religioso, por mais exata e fielmente que esse rito seja observado (I Sam. 15:22). A obediência está intimamente relacionada à fé (Rom. 15:17,18; 16:19; I Ped. 1:2). «A obediência torna-se, virtualmente, uma expressão técnica para indicar a aceitação da fé cristã» (A. Richardson, em sua *Introduction to the Theology of the New Testament).*

4. A Obediência de Cristo

Essa questão tem-se tornado um importante aspecto da teologia cristã, e não meramente como um exemplo que Cristo nos tenha deixado. Os elementos bíblicos da obediência de Cristo são os seguintes:

a. Ele mostrou a sua obediência ao Pai em seu nascimento e infância, cumprindo o plano divino de acordo com o qual deixou de lado a sua glória celeste, que sempre tivera na qualidade de o *Logos* de Deus (João 1:1,14,18 *ss;* Luc. 1:38).

b. Em sua meninice, Jesus obedeceu a Maria e a José, seu pai adotivo (Luc. 2:51), mas, supremamente, a seu Pai celeste (Luc. 2:49).

c. *A encarnação* foi um ato de obediência do Filho (Fil. 2:7,8), da qual fluíram os valores essenciais do evangelho cristão.

d. O ministério público de Jesus fez parte de sua obediência ao Pai, em favor da humanidade. Ele veio a fim de cumprir toda a justiça (Mat. 3:15; Luc. 7:30). Obedecendo aos requisitos do Pai e de sua missão, Cristo prevaleceu na tentação que sofreu às mãos de Satanás (Mat. 4:1-11; Luc. 4:1-13). O evangelho de João enfatiza a missão celestial de Cristo, e como ele a cumpriu, em íntima comunhão com o Pai. Ele foi obediente à vontade do Pai, no jardim do Getsêmani (Mat. 26:39). A morte de Cristo, em Jerusalém, também ocorreu como um ato de obediência à vontade do Pai (Luc. 13:33). Para isso mesmo ele havia sido enviado ao mundo pelo Pai (João 7:28; 8:42).

e. Cristo obedeceu exprimindo os ensinamentos do Pai. Seu ensino não era propriamente seu, mas do Pai; e esses ensinos ele transmitiu fielmente (João 7:16; 12:4; 14:10,24).

f. Os feitos de Cristo eram feitos do Pai, que o Filho cumpria obedientemente (João 6:38; 8:28).

g. Cristo foi galardoado por sua obediência, tendo sido exaltado acima de todos os seus companheiros (Heb. 1:9). A obediência foi o trampolim para a sua exaltação, e isso serve de exemplo a ser seguido por todos os crentes. O *homem Jesus* ensinou-nos essa lição. Na qualidade de o *Logos* de Deus, ele já era exaltado juntamente com o Pai! Sua morte obediente foi galardoada (Fil. 2:9).

h. Como homem, ele aprendeu a obediência por meio das coisas que sofreu (Heb. 5:7-10). E isso envolve uma importante questão teológica, no tocante à natureza de sua encarnação e missão. Ele deu o exemplo, como homem, de como os homens devem obedecer. Se Cristo teve de aprender a obedecer, quanto mais nós! A obediência foi a escola freqüentada por Cristo! E deve ser a nossa!

5. Implicações Teológicas e Eclesiásticas

a. *A cruz* não foi um acidente, e, sim, a manifestação do cumprimento dos propósitos e das promessas de Deus relativos à salvação dos homens. Sem a obediência de Cristo, tal salvação seria simplesmente impossível. A *teologia do pacto* (vide) salientava vigorosamente esse ponto, em objeção às especulações dos céticos e daqueles que divorciavam a graça de Deus da realização redentora de Cristo.

b. *A teologia calvinista radical* restringe a obediência de Cristo, da qual resultou a realização de sua missão, somente àqueles que se beneficiam dela, ou seja, os eleitos, aos quais se aplica a expiação. Segundo eles, não há expiação disponível para os demais. Combatendo isso, a *teologia da Nova Inglaterra* (vide) tentou preservar a atividade soberana de Deus, sem limitar, correspondentemente, a expiação aos eleitos. Os universalistas, por sua vez, ensinam que a realização remidora de Cristo beneficiará a todos, finalmente, o que significa que todos os seres humanos foram eleitos por Deus para a salvação. A doutrina da redenção-restauração (redenção para os eleitos e restauração para os não-eleitos) também ensina que a realização de Cristo é eficaz no caso de ambos os grupos, embora operando em diferentes níveis e de diferentes maneiras. Ver o artigo *Restauração* quanto a notas completas sobre esse conceito.

c. Obediência Ativa e Obediência Passiva. Os grupos protestantes têm caído no erro de pensar que a obediência de Cristo manifestou-se em sua «guarda da lei por nós». Essa é uma doutrina legalista, que de maneira nenhuma combina com os ensinos bíblicos da graça e da substituição do sistema de obras pelo sistema da graça-fé. Esse cumprimento da lei, por parte de Cristo, é chamado de *obediência ativa.* E sua morte na cruz é designada de *obediência passiva.* Porém, essa distinção não faz sentido.

d. O *catolicismo medieval* imaginava, tolamente, que a obediência de Cristo e a obediência dos santos teria criado um fundo meritório, do qual as almas menos desenvolvidas poderiam fazer empréstimos capaz de levá-las ao estado da justificação diante de Deus.

e. *Cristo Debaixo da Lei.* Alguns têm ensinado que Cristo estava acima da lei, razão pela qual sua obediência não estava associada à lei, pelo que também não envolve qualquer mérito de que nos possamos valer. Mas outros, bem ao contrário, pensam que Cristo estava debaixo da lei, motivo pelo qual a sua obediência à lei não pode ser transferida para nós, mas apenas pode provar sua própria perfeição e santidade. Mas a verdade dos fatos é que a obediência de Cristo à lei nada tem a ver com a nossa justificação, porquanto a lei não está envolvida nessa questão, em nenhum sentido. A graça é uma coisa, e a lei é outra. Somente um Cristo impecável e obediente podia fazer expiação por nós; e a lei frisava no que consiste o pecado. Não obstante, a obediência de Cristo à lei nada tem a ver com a nossa justificação.

f. A *Permanente Obediência de Cristo.* Cristo teve uma missão tridimensional: sobre a terra, no *hades*, no céu. Em todas as três dimensões, Cristo obedeceu e está obedecendo à vontade do Pai. Assim, nossa salvação foi iniciada, tem prosseguimento, e, finalmente, será aperfeiçoada. O primeiro Adão desobedeceu. Mas o segundo ou último Adão obedeceu, e assim cumpriu o propósito de Deus. Lemos em Rom. 5:19: «Porque, como pela desobediência de um só homem muitos se tornaram pecadores, assim também por meio da obediência de um só muitos se tornarão justos». Ver também Rom. 5:12 *ss* e I Cor. 15:22,45.

OBELISCO

No grego, **obeliskos,** forma diminutiva de **obelós**, uma figura alongada que termina em ponta aguda. Um obelisco é uma coluna monumental de pedra com freqüência associada, na antiguidade, à adoração ao sol, pois apontava para o céu. Um obelisco é uma coluna com quatro lados, que termina em ponto, e que acompanha, de longe, o formato de uma pirâmide, pois vai afinando de baixo para cima.

Esses monumentos eram comuns na religião egípcia, pois obeliscos de vários tamanhos e formatos têm sido encontrados no Egito pela arqueologia. O mais antigo obelisco, que continua no seu local, é o de Senuserte I, em Heliópolis, e que data do século XII A.C. O maior de todos os obeliscos que já foram achados é o de Tutmés III, atualmente localizado em Roma, em São João Latrão. Tem 32,25 m de altura e pesa 455 toneladas. Quase todos os obeliscos antigos eram feitos de granito vermelho ou *sienita*, mas alguns eram feitos de arenito duro. A cor vermelha sugeria o disco solar. A cidade de On (no grego, Heliópolis) era a mais envolvida na adoração ao sol, motivo porque vários obeliscos têm sido encontrados ali. Jeremias predisse a destruição dos obeliscos com finalidades idólatras (Jer. 43:13).

OBIL

No hebraico, «cameleiro». Esse foi o nome de um ismaelita que chefiava os cuidadcs com camelos, na corte do rei Davi (I Crô. 27:30). Ele viveu na época geral de Davi.

OBLAÇÃO

Ver o artigo geral sobre *Sacrifícios e Ofertas.* Essa palavra deriva-se do latim, *oblatus*, «algo oferecido». No seu sentido moderno, o termo é geral, aludindo a qualquer tipo de oferta, embora, especificamente, refira-se à eucaristia.

Usos Bíblicos:

1. Uma oferenda apresentada (no hebraico, *gorban*, «aproximado»), usualmente indicando alguma oferta de manjares (Lev. 2:4 *ss;* 7:9,10).

2. Uma oferta movida (no hebraico, *terumah,* «mover»). Algo elevado ou tirado da propriedade ou das possessões de alguém e oferecido a Deus, usualmente para manutenção do santuário e seus ministros. Ver Isa. 40:20; Eze. 44:30; 45:1. Essas coisas eram *movidas* na presença de Yahweh, no aguardo de sua aprovação e aceitação. Essas oferendas só podiam ser aproveitadas pelos sacerdotes e seus filhos (Núm. 18:19; Lev. 22:10).

3. Um presente (no hebraico, *minhah,* «doação»), usualmente referente a ofertas cruentas (Isa. 19:21; 66:3; Dan. 9:21,27).

4. Uma libação (no hebraico, *massekah,* «derramamento»). Líquidos como azeite, leite, água, mel e, especialmente, vinho eram der-

ramados como ofertas. Os gregos e os romanos tinham isso como algo essencial aos seus ritos; e, em menor escala, os hebreus também usavam de libações. O trecho de Dan. 2:46 tem a palavra no sentido geral de oferenda. Ver também Êxo. 30:9 e Núm. 15:7,10.

OBOTE

No hebraico, «oedres». Um lugar no deserto, por onde os israelitas vaguearam, e que continha alguma água. Essa foi a quadragésima sexta parada dos israelitas no deserto. Ficava perto do território de Moabe. Ver Núm. 21:10,11; 33:43,44. Tem sido identificado com o oásis chamado *el-Weiba,* que fica ao sul do mar Morto.

OBRA DE ARTISTA

Essa e algumas outras expressões cognatas aparecem como tradução da palavra hebraica *chashab,* «perito», «habilidoso», «pensar», «planejar», etc. Há ocorrências desse termo que apontam para a habilidade de certos homens executarem trabalhos artísticos. Ver Êxo. 26:1,31; 28:6,15; 35:35; 36:8,35; 38:23; 39:3,8; II Crô. 26:15.

Pode estar em vista a habilidade desenvolvida por artífices em suas respectivas artes ou ofícios, ou qualquer aprendizado que requeira planejamento e habilidade inata. Na construção do tabernáculo, foi mister encontrar homens de grande habilidade, verdadeiros artistas em seus respectivos campos, fossem eles o bordado, o engaste de pedras preciosas, instalações militares, etc.

OBRA DE FIEIRA

Essa expressão é tradução do vocábulo hebraico, *aboth,* «corda», nos trechos de Êxodo 28:14,22,24,25. Entretanto, em Êxodo 39:15,17,18, onde aparece a mesma palavra hebraica, a nossa versão portuguesa já a traduz por «correntes como cordas». Isso ilustra duas coisas no tocante às traduções em geral e particularmente, no que diz respeito à tradução da Bíblia em particular. Primeiro, há muitos termos hebraicos obscuros, para os quais os tradutores e revisores têm procurado traduções correspondentes nos idiomas modernos, sem grande sucesso. De fato, se no Novo Testamento grego não há mais nenhum vocábulo de sentido desconhecido, outro tanto não se dá com o Antigo Testamento. Em segundo lugar, apesar de ser conveniente traduzir os termos de uma maneira uniforme, nem sempre isso é possível, ou mesmo mais certo.

OBRA DE REDE

A idéia de «rede», de «trançado» era aplicada a certa variedade de coisas:

1. A grade do altar dos holocaustos (no hebraico, *resheth)* era assim chamada. Ver Êxo. 27:4; 38:4.

2. Um trabalho trançado, em redor das duas colunas do átrio do templo, formado por sete cordas entretecidas, com o formato de grinaldas decorativas, também recebeu esse nome. Ver I Reis 7:18,20,42; Jer. 52:22,23. A palavra hebraica correspondente é *sebakah.*

3. Fios de algodão eram tecidos formando uma espécie de obra de rede. A nossa versão portuguesa chama a esse trabalho de «pano de algodão». No hebraico temos a palavra *hor,* «branco». Ver Isa. 19:9.

4. As grades de um quarto do primeiro andar, de onde Acazias caiu, também são chamadas por «obra de rede», em algumas traduções, em II Reis 1:2. Nossa versão portuguesa dá-lhes o nome mais apropriado, «grades». Ver também o artigo intitulado *Rede.*

OBRAS

Ver os artigos chamados **Boas Obras** e **Obras de Deus**.

OBRAS DA LEI

Rom. 3:20: *Porquanto pelas obras da lei nenhum homem será justificado diante dele; pois o que vem pela lei é o pleno conhecimento do pecado.*

Uma outra função da lei mosaica é aqui especificada. Seu propósito jamais foi de servir de meio de justificação, mas antes, de meio que revela a verdadeira natureza do pecado.

No que Consiste a Lei Aqui Aludida?

1. Alguns dizem que se trata de lei cerimonial, e não da lei moral (os dez mandamentos). Vários intérpretes têm assumido essa posição, a fim de evitar a doutrina paulina da eliminação da lei como meio de salvação.

2. Outros supõem que esteja especificamente em foco a lei moral, o decálogo. Mas é óbvio que essa é uma limitação por demais restrita. A circuncisão, por exemplo, era tida como essencial à salvação pelos judeus, e, no entanto, não fazia parte do decálogo.

3. Provavelmente a lei judaica inteira está em pauta, a legislação mosaica, em seus aspectos moral e cerimonial. Os judeus não dividiam a lei nesses dois aspectos, conforme fazem os teólogos modernos. Para eles, a lei inteira envolvia obrigações morais e alguns dos estatutos cerimoniais eram reputados como os requisitos mais importantes (por exemplo a lavagem de mãos e copos, ou o uso das filactérias).

4. Alguns intérpretes emprestam um sentido lato ao versículo: qualquer lei, a mosaica ou a voz da consciência. Em face de Rom. 2:14, essa idéia parece estar correta.

Do que Consistem essas Obras?

1. Alguns afirmam que as obras humanas meritórias (aquelas produzidas pelo esforço humano) são as que de nada valem diante de Deus.

2. Não se pode duvidar, entretanto, que as obras aqui referidas são aquelas envolvidas na obediência à legislação mosaica. Tais obras não podem justificar.

3. O que dizer sobre as obras realizadas no poder do Espírito? Mesmo as obras espirituais não podem justificar o homem, apesar de seguirem-se obrigatoriamente à fé.

Relação entre as Obras e a Justificação e a Graça

1. É claro que as boas obras devem vir após a conversão. (Ver o artigo acerca disso). O princípio da fé é um princípio vivo que, naturalmente, produz boas obras, pois, do contrário, nem existiria fé.

2. Porém, as boas obras envolvem mais que esse fator. Se definirmos essas obras como «aquilo que o Espírito fez em nós e através de nós», então tais obras tornar-se-ão sinônimas da graça. (Isso é comentado em Efé. 2:8 no NTI). O Espírito opera em nós tanto o querer como o realizar, segundo a boa vontade de Deus (ver Fil. 2:13). Essa espécie de obras é um cultivo do Espírito (ver Gál. 5:22) e não é mero resultado da salvação, pois é a própria salvação em operação.

3. Além disso, as obras determinam o nível dos galardões ou posição na glória futura. Posto ser a glorificação o estágio final da salvação, então temos de afirmar que as obras espirituais fazem parte da salvação. Porém, isso nada tem a ver com o princípio legal mediante o qual os homens, através do esforço humano, adquirem algo. É atuação do Espírito, mas nós a realizamos!

4. Visto que a justificação envolve mais em Paulo que a declaração forense da correta situação perante Deus, a fim de incluir tanto a santificação quanto a glorificação (vide), então as obras espirituais fazem parte da questão, embora no sentido acima explicado.

OBRAS DE DEUS

Uma expressão bíblica comum, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, é «as obras de Deus», ou, então, «as obras de Jesus». Essa expressão denota tanto aquilo que foi criado por Deus quanto os atos de Deus, no decorrer da história humana. As palavras particularmente empregadas, nessa conexão, são os vocábulos gregos relacionados abaixo:

Érgon, «trabalho» (por exemplo, Mat. 11:2; João 3:36); *megalela,* «atos poderosos» (Atos 2:11); *poíema,* «realização», «obra» (Rom. 1:20; Efé. 2:10) e, finalmente, *megaleia,* «operação», «energia» (por exemplo, Efé. 1:19; Col. 2:12 e II Tes. 2:11).

Esboço:

I. No Antigo Testamento
   A. As Obras Divinas
   B. A Reação Humana
II. No Novo Testamento
   A. Na Criação
   B. Na Salvação

I. No Antigo Testamento

A. As Obras Divinas

1. *Na Criação.* Quando expõe sua vigorosa doutrina da criação, a Bíblia, mui naturalmente, usa o vocábulo *érgon* para descrever a totalidade da obra criativa de Deus. E faz isso em um sentido ativo, para indicar as realizações reais de Deus, conforme se vê, por exemplo, em Gênesis 2:2,3: «E havendo Deus terminado no dia sétimo a sua obra, que fizera, descansou nesse dia de toda a sua obra que tinha feito. E abençoou Deus o dia sétimo, e o santificou; porque nele descansou de toda a obra que, como Criador, fizera». E, no Novo Testamento, em Heb. 4:4: «Porque em certo lugar assim disse, no tocante ao sétimo dia: E descansou Deus, no sétimo dia, de todas as obras que fizera». Contudo, no Antigo Testamento, conforme se vê na Septuaginta, também se vê um sentido passivo desse termo (cf. Sal. 8:6). Na verdade, o sentido passivo mescla-se com o sentido ativo, pois a obra criativa de Deus resultou na obra da criação,

A voz passiva é muito mais comum e clara, no plural, aludindo aos fenômenos individuais da natureza. Assim, os céus são obras dos dedos de Deus (ver Sal. 8:3). Todas as criaturas são obras de suas mãos, mormente no caso dos seres humanos. E é com base nesse fato que os crentes buscam a proteção e a misericórdia divinas (Sal. 138:8, etc.). Os descendentes de Jacó, tal como os crentes em Jesus, são especialmente descritos como obras das mãos de Deus (ver Sal. 90:16, na Septuaginta; Isa. 29:23). E as realizações históricas de Deus também poderiam ser classificadas como obras divinas.

2. *Na História.* O Antigo Testamento também alude aos atos divinos na história da humanidade. Esses atos divinos históricos são, acima de tudo, atos de intervenção libertadora. Os acontecimentos registrados no livro de Êxodo são os atos divinos libertadores, realizados especialmente em favor do povo de Israel. Tais obras, com freqüência, são de natureza miraculosa, ou seja, atos poderosos, que transcendem ao curso normal da história. Para exemplificar: «Disse o Senhor a Moisés: Agora verás o que hei de fazer ao Faraó; pois por mão poderosa os deixará ir, e por mão poderosa os lançará fora da sua terra» (Êxo. 6:1). E foi daí que sobrevieram as dez pragas do Egito.

Não se deve pensar, entretanto, que essas intervenções divinas, em favor de seu povo antigo, cessaram quando eles entraram na terra de Canaã. Os atos básicos de redenção servem de garantia constante acerca de novas obras interventoriais de Deus. Assim, de certa feita, o Senhor livrou Judá e Jerusalém dos assírios, e, mais tarde, restaurou o povo de Israel à sua própria terra, quando estavam exilados na Babilônia há setenta anos.

Por outra parte, se as obras de Deus eram, predominantemente, intervenções libertadoras, também há um lado reverso. Pois o livramento de Israel, às margens do mar Vermelho, significou a ruína dos egípcios. E o mesmo povo judaico que, por diversas vezes foi liberta-do de seus opressores, por intermédio dos juízes, em outras oportunidades foi entregue às mãos de seus adversários, quando pecou. Os profetas de Israel, em particular, por muitas vezes anunciaram o julgamento divino, mediante obras de Deus, no tocante a um povo rebelde e de duro coração: «Porque o Senhor se levantará como no monte Perazim, e se irará, como no vale de Gibeom, para realizar a sua obra, a sua obra estranha, e para executar o seu ato, o seu ato inaudito. Agora pois, não mais escarneçais, para que os vossos grilhões não se façam mais fortes; porque já ao Senhor, Deus dos Exércitos, ouvi falar duma destruição, e essa já está determinada sobre toda a terra» (Isa. 28:21,22). Os crentes individuais podem conhecer, experimentalmente, as poderosas obras de intervenção de Deus, conforme transparece, por tantas vezes, nos Salmos. Em último lugar, mas não de somenos importância, devemos pensar nas obras escatológicas de Deus. «Todos os do teu povo serão justos, para sempre herdarão a terra; serão renovos por mim plantados, obra das minhas mãos, para que eu seja glorificado» (Isa. 60:21).

B. A Reação Humana

1. A *Meditação.* As realizações portentosas de Deus, na criação e nas intervenções divinas na história humana, requerem que os homens reajam favoravelmente a elas. Em primeiro lugar, o homem deve considerar essas obras. Várias palavras são usadas nessa conexão. O homem não deveria esquecer as grandes coisas realizadas por Deus (ver Sal. 77:11), além do que, cumpre-lhe meditar sobre elas, conforme se aprende em Salmos 77:12: «Considero também nas tuas obras todas, e cogito dos teus prodígios». Essa meditação prepara o crente para enfrentar melhor as tribulações, quando estas chegarem.

2. *Ação de Graças e Louvor.* Em segundo lugar, o homem deve se mostrar agradecido a Deus, por suas obras. «Rendam graças ao Senhor por sua bondade e por suas maravilhas para com os filhos dos homens», prorrompe o salmista (Sal. 107:15; ver também os vss. 21 e 31). O homem está na obrigação moral de louvar e de bendizer a Deus, autor de tantas coisas boas para os homens (Salmos 145). Esses atos divinos são poderosos e terríveis (Sal. 66:3). Deus os realiza, movido pela sua fidelidade (Sal. 33:4). Essas obras manifestam o governo controlador de Deus (Sal. 90:16). Mas, embora possam ser percebidas, essas realizações são, realmente, insondáveis (Ecl. 8:17). São atentamente examinadas por todos aqueles que têm prazer nas obras de Deus (Sal. 111:2). Finalmente, as próprias obras divinas aliam-se ao louvor Àquele que as criou, segundo se vê em Salmos 145:10: «Todas as tuas obras te renderão graças, Senhor; e os teus santos te bendirão».

3. *Proclamação.* Em último lugar, cabe-nos considerar que o homem deve declarar as poderosas obras de Deus. Ele deve ensinar tais coisas aos seus filhos (Sal. 78:4) como também deve anunciá-las a seus semelhantes. Tornar conhecidos, aos filhos dos homens, os poderosos atos divinos, é a tarefa básica que confere unidade à vida inteira do ministério e da adoração. «Falarão da glória do teu reino, e confessarão o teu poder, para que aos filhos dos homens se façam notórios os teus poderosos feitos, e a glória da majestade do teu reino» (Sal. 145:11,12).

II. No Novo Testamento

A. Na Criação. O que o Novo Testamento tem a dizer acerca das obras do Senhor Deus é, essencialmente, a mesma coisa que se acha no Antigo Testamento. A única referência é que, no Novo Testamento, essas obras são atribuídas, igualmente, a Jesus Cristo, por intermédio de Quem todas as coisas foram feitas. «Todas as cousas foram feitas por intermédio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez» (João 1:3). Destarte, as obras de Deus, em um sentido perfeitamente literal, são as obras de Jesus. Deus Pai faz tudo através do Filho. «Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também» (João 5:17).

No Novo Testamento, essa intermediação de Cristo, nas obras da criação, pode ser vista desde a criação. Todas as coisas foram criadas por meio de Cristo, «nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis... Tudo foi criado por meio dele e para ele» (Col. 1:16). Deus criou os mundos por meio do Filho (ver Heb. 1:2). Por isso mesmo, as obras da criação são obras de Jesus Cristo. Tudo gira em torno dele.

B. Na Salvação

1. *No Livro de Atos.* Entretanto, a ênfase principal do Novo Testamento recai sobre a obra salvatícia de Deus, realizada em Jesus Cristo. E não deveria ser de estranhar que os evangelhos sinópticos pouco declarem diretamente sobre isso. Esses evangelhos meramente registram as obras de Cristo, que atingiram o seu ponto culminante na crucificação e na ressurreição. Todavia, essas realizações

testificam, com tremenda eloqüência, o papel de Jesus como Salvador. Nos evangelhos sinópticos, a menção às obras de Cristo é posta nos lábios de João Batista: «Quando João ouviu, no cárcere, falar das obras de Cristo, mandou por seus discípulos perguntar-lhe: «Es tu aquele que estava para vir, ou havemos de esperar outro?» (Mat. 11:2,3).

Todavia, na pregação da Igreja primitiva, historiada no livro de Atos, o quadro descritivo altera-se drasticamente. Uma vez dotados de poder pelo Espírito Santo, os apóstolos declararam abertamente as admiráveis obras de Deus, na pessoa de Cristo. «...como os ouvimos falar, em nossas próprias línguas, as grandezas de Deus?» (Atos 2:11). E, já no primeiro dia da vida da Igreja, dirigida pelo Espírito de Cristo, o dia de Pentecostes, as obras de Cristo foram destacadas na prédica apostólica: «Varões israelitas, atendei a estas palavras: Jesus, o Nazareno, varão aprovado por Deus diante de vós, com milagres, prodígios e sinais, os quais o próprio Deus realizou por intermédio dele entre vós, como vós mesmos sabeis, sendo este entregue pelo determinado desígnio e presciência de Deus, vós o matastes, crucificando-o por mãos de iníquos; ao qual, porém, Deus ressuscitou, rompendo os grilhões da morte...» (Atos 2:22-24). Essa citação do âmago da pregação de Pedro, naquele dia, mostra-nos que o coroamento das realizações salvatícias de Deus, em Jesus Cristo, foi a crucificação e a ressurreição de Jesus Cristo.

E, no decorrer do ministério dos apóstolos originais, como também durante o ministério do apóstolo dos gentios, chamado bem mais tarde, eram efetuadas grandes maravilhas, notáveis prodígios, provenientes de Jesus Cristo. «...enquanto estendes a mão para fazer curas, sinais e prodígios, por intermédio do nome do teu santo Servo Jesus. Tendo eles orado, tremeu o lugar onde estavam reunidos, todos ficaram cheios do Espírito Santo e, com intrepidez, anunciavam a palavra de Deus» (Atos 4:30,31).

E, se as curas e ressurreições eram obras prodigiosas de Deus, outro tanto se pode dizer no tocante à atividade dos missionários cristãos. Poderíamos exemplificar com o ministério de Paulo e Barnabé. «Entretanto demoraram-se ali muito tempo, falando ousadamente no Senhor, o qual confirmava a palavra da sua graça, concedendo que por mão deles se fizessem sinais e prodígios» (Atos 14:3). Isso posto, o Senhor Jesus continuou operando miraculosamente no mundo, por intermédio do Espírito Santo, o seu *alter ego*.

2. *João.* No quarto evangelho, as obras realizadas por Cristo figuram com destaque. Antes de tudo, essas obras prestam testemunho acerca de sua verdadeira identidade: «Mas eu tenho maior testemunho do que o de João; porque as obras que o Pai me confiou para que eu as realizasse, essas que eu faço, testemunham a meu respeito, de que o Pai me enviou» (João 5:36). Essas obras de Jesus eram boas (João 10:32). Eram as próprias obras de Deus (João 9:3). Foram dadas pelo Pai, para que Cristo as realizasse (João 5:37). E, para nós, que vivemos às vésperas do século XXI, ou mesmo já dentro dele, não esta vedado ter maravilhosas experiências com as realizações de Cristo, conforme ele mesmo esclareceu, falando a Tomé: «Não crês que eu estou no Pai e que o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo não as digo por mim mesmo; mas o Pai, que permanece em mim, faz as suas obras. Crede-me que eu estou no Pai, e o Pai em mim; crede ao menos por causa das mesmas obras. Em verdade, em verdade vos digo que aquele que crê em mim, fará também as obras que eu faço, e outras maiores fará, porque eu vou para junto do Pai» (João 14:10-12).

No tocante à maior realização de Cristo, a salvação das almas, é usado o termo «obra», no singular, conforme se vê em João 6:29, para exemplificar: «Respondeu-lhes Jesus: A obra de Deus é esta, que creiais naquele que por ele foi enviado. Os judeus haviam indagado como realizariam as obras de Deus, e essa foi a resposta dada pelo Senhor Jesus. Assim, os homens participam das obras de Deus confiando em Jesus como Salvador, porquanto essa é a grande obra de Deus. Essa grandiosa realização de Deus está separando os homens em duas classes distintas: os salvos, que são aqueles que chegam a confiar em Jesus; e os perdidos, que são aqueles que rejeitam o testemunho dado pelo Senhor Jesus.

3. *Paulo.* O apóstolo dos gentios também não se descuidou em enfatizar as obras de Deus. Entretanto, de modo um tanto diferente do que fez o apóstolo João, Paulo se preocupava, primariamente, com essa obra divina, como o atual ministério do evangelho no mundo, sob a orientação do Espírito de Cristo. Assim, os crentes de Corinto eram uma realização de Paulo, no Senhor. «...acaso não sois fruto do meu trabalho no Senhor?» (I Cor. 9:1b). Para Paulo, uma das realizações dos crentes consiste em procurar edificar aos irmãos, segundo se vê em Romanos 15:2. E todos os crentes podem e devem participar dessa realização (I Cor. 15:58). Apesar disso, contrariamente à opinião de alguns, não há um real *sinergismo (vide)*, porquanto é Deus quem opera tudo nos crentes, desde o impulso inicial até a concretização final, segundo vemos em Filipenses 1:6: «Estou plenamente certo de que aquele que começou boa obra em vós há de completá-la até ao dia de Cristo Jesus» (Fil. 1:6). Os crentes, que assim cooperam com o Espírito de Cristo, são, eles mesmos, uma realização de Deus, criados com vistas às boas obras. «...somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras...» (Efé. 2:10). Dessa forma, as realizações de Cristo continuam sendo realizações de Deus, em Jesus Cristo, redundando em sua glória e louvor.

De tudo quanto foi exposto, conclui-se que as obras de Deus, em Jesus Cristo, são tão importantes quanto a doutrina que Cristo ensinou. Lucas frisa essa verdade, ao escrever a Teófilo: «Escrevi o primeiro livro (o evangelho de Lucas), ó Teófilo, relatando todas as cousas que Jesus fez e ensinou...» (Atos 1:1).

OBRAS, NATUREZA E UTILIDADE

Ver o artigo detalhado sobre **Obras Relacionadas à Fé.**

Como as Obras se Relacionam com a Graça?

1. Resultados inevitáveis.
2. Frutos inerentes do sistema da «graça-fé».
3. Expressões da nova natureza, da nova criação, expressões «necessárias», e não apenas aquilo que se poderia esperar normalmente.
4. *Partes necessárias* do destino dos indivíduos transformados, tal como a missão de Cristo Jesus, nos céus e na terra, exigiu ações de altruísmo de sua parte, pelo que também é dito que fomos «preparados», nesse feito de Deus, a fim de andarmos nas boas obras, já que a metáfora do «andar» fala da expressão coerente e constante da vida, fala de certa «maneira de viver».
5. A criação se verifica «em Cristo Jesus», produzida pela comunhão mística com ele, o que leva os homens a compartilharem de sua natureza e a expressarem a sua bondade. (Ver I Cor. 1:4, acerca do conceito da comunhão mística com o Senhor Jesus, que é tema constantemente enfatizado nos escritos paulinos).

As boas obras se revestem de uma importância suprema. Conforme disse Alford: «Tal como uma árvore é criada por causa dos seus frutos», assim também um crente foi transformado em nova criatura para que pudesse expressar-se como tal. Não há como **escapar disso** — as boas obras são a expressão do crente. Uma vez mais, entretanto, o texto transcende a meras «obras humanas», a «méritos humanos», ainda que as obras assim realizadas sejam humanas, visto que são feitas por seres humanos. Além disso, cumpre-nos observar que a vontade humana pervertida pode contrabalançar esse tipo de vida, tornando tal pessoa infrutífera.

A Realização Divina é Contínua e Eterna

1. As obras são uma conseqüência da graça divina, mas também são muito mais que isso.
2. São produtos divinos, que compõem nosso caráter e nossa missão especiais, razão pela qual determinam nosso nível de glória,

que será declarado quando do tribunal de Cristo (ver as notas a respeito em II Cor. 5:10 no NTI).

3. As obras também determinam nossos galardões e nossas coroas (ver as notas sobre isso em II Tim. 4:8 no NTI), pelo que, igualmente, determinam nosso caráter e poder nos lugares celestiais.

4. Esse processo, entretanto, será eterno, pois Deus continuará perenemente a operar em nós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade. A glorificação, pois, será um processo eterno (ver II Cor. 3:18). Ele tem operado em nós; ele está operando em nós; ele sempre operará em nós. Somos criação sua, e viveremos sempre em contínuo progresso, tal como a criação física também jamais fica estagnada, pois mundos vêm e vão, nascem e perecem. Os céus de Deus jamais poderão conhecer estagnação.

5. Graça e obras como sinônimos. (Ver o artigo sobre *Graça III. 8).*

No topo das grandes pirâmides do Egito, uma pessoa pode lançar a vista pela amplidão do deserto que a tudo predomina; mas também verá o rio Nilo, serpeando em seu caminho através do deserto. Às margens do rio ela verá fertilidade e vida. Por semelhante modo, a graça divina é o grande rio da vida, que flui através de um deserto, mas, às suas margens, inevitavelmente surge vida em abundância, porquanto onde se manifesta a graça, se manifesta a vida. Por sua vez, onde há vida no Espírito, há uma nova criação, uma «alma humana transformada», há «Cristo à face da terra», porquanto todo o crente é Cristo em formação, e onde Cristo estiver em formação, aparece a vida de Cristo, pois ele «...andou por toda a parte, fazendo o bem...» (Atos 10:38).

6. *De antemão preparou,* Efé. 2:10. No grego temos *«proetoimadzo»* que significa «preparar de antemão» «nomear de antemão». (Ver Rom. 9:23, acerca dos vasos de misericórdia, preparados por Deus como tais, antes de virem à existência terrena; ver Efé. 2:10 acerca das boas obras, que fazem parte inevitável do destino dos remidos, e isso por divina determinação). Visto que as boas obras foram preparadas por Deus, para o destino dos crentes, de «antemão», até mesmo essas boas obras são de Deus, pois seu preparo se deu antes da existência terrena dos crentes, talvez até mesmo antes da existência absoluta deles, pelo que também não podem ser de origem humana, como de origem humana não são as obras espirituais dos crentes. Dentro do tempo, porém, é evidente que a vontade humana precisa cooperar com o plano divino.

As boas obras fazem parte do nosso destino eterno. Elas são expressão da missão do crente. Como foi que Deus preparou essas boas obras, enquanto as próprias almas dos remidos ainda não existiam? Em resposta a isso, consideremos os pontos abaixo discriminados.

1. Deus *preparou* essas boas obras em seu plano, em seus conselhos eternos.

2. Como parte do destino pessoal de cada crente. Cada crente é um ser sem-par, dotado de uma missão especial. E as boas obras é que emprestam substância a essa missão, sem importar se visamos seu aspecto terreno ou seu aspecto celeste, ou melhor, ambos os aspectos.

3. As boas obras foram adaptadas ao destino dos crentes, porquanto tudo isso faz parte do plano de Deus. (Ver Apo. 2:17, quanto ao fato de que cada crente em particular é um ser sem igual). As boas obras, pois, são mais do que os pequenos atos de bondade e gentileza, considerados abstratamente; antes, são a substância da nossa própria missão, aquilo que faz dessa missão o que ela é. E isso ilustra, uma vez mais, a importância suprema das boas obras. Do que consiste a minha missão terrena? Devo curar, devo ensinar, devo consolar, devo ser especialmente dotado de bens materiais e de realidades espirituais para aliviar as necessidades físicas e espirituais dos outros? Qual é o meu *dom ou os* meus *dons* do Espírito? Certo padrão de expressão, no tocante aos meus dons espirituais, foi determinado de antemão por Deus, como campo no qual me convém operar. Esse «padrão de expressão» será a esfera onde cumprirei a minha missão; e isso equivale a dizer que Deus preparou de antemão as boas obras da minha missão.

4. Há algumas símiles homiléticas, quanto a esse particular. Crisóstomo falava da preparação do «caminho» das boas obras. Em seguida um homem caminha por essa estrada. Abbott comenta como segue: «Uma símile mais verdadeira seria a de uma vereda que atravesse o mar. Talvez pudéssemos dizer que as palavras *preparou de antemão* foram escolhidas, não por serem logicamente exatas, mas a fim de expressarem, de maneira mais notável, a verdade de que as boas obras não procedem de nós mesmos; antes, como que são recebidas da parte do Criador, como que tiradas de um depósito, o que é assim figuradamente concebido como preparadas de antemão».

Para que andássemos nelas. A metáfora do ato de **andar** é freqüente tanto na literatura profana como na literatura sagrada, para indicar «maneira de viver», «padrão de vida»; «natureza geral». (Quanto a notas expositivas completas a respeito, com alusões a outros trechos, onde a idéia também se encontra nas páginas do NT, ver os trechos de Gál. 5:16,25; Rom. 13:13, no NTI. Ver também I Cor. 3:3, 7:17; 6:16; Efé. 4:1-17; 5:2,8,15; Col. 1:10–2:6; 4:5; II Ped. 2:10; I João 1:7; Apo. 3:4; 9:20; 16:15 e 21:24.) Esse termo, conforme se pode ver nessas referências, pode assumir um aspecto positivo ou um aspecto negativo, indicando boa ou má conduta na vida.

ÓCIO (OCIOSIDADE)

Ver o artigo separado, **Ócio (Usos Legítimos do).**

Ver também sobre *Preguiça.* Provérbios 19:15 é trecho que se insurge contra esse vício. «A preguiça faz cair em profundo sono; e o ocioso padecerá fome». O termo grego *argos* tem um uso variegado, referindo-se àquilo que é fútil ou à palavra vazia, da qual devemos prestar contas (Mat. 12:36). Também alude àqueles que não trabalham, ou por causa de preguiça ou por falta de oportunidade (Mat. 20:6). O trecho de I Tim. 5:13 mostra-nos que a preguiça leva a outros pecados, como o da maledicência.

«A ociosidade é o refúgio das mentes fracas, o feriado dos insensatos» (Lord Chesterfield, *Cartas).*

«A ausência de ocupação não importa em descanso, e uma mente vazia é uma mente oprimida» (William Cooper, *Retirement).*

«Na civilização não há lugar para o ocioso» (Henry Ford).

«Dentre todas as nossas faltas, aquela que desculpamos mais facilmente é o ócio» (François de la Rochefoucauld, *Máximas).*

«Pois Satanás ainda encontra malefícios para serem feitos pelas mãos ociosas» (Isaque Watts, *Divine Songs).*

«Vai com a formiga, ó preguiçoso, considera os seus caminhos, e sê sábio» (Pro. 6:6).

«É característica do homem superior que ele não se entrega ao lazer prejudicial» (Confúcio, *Livro de História,* 551—478 A.C.).

«Ser capaz de preencher inteligentemente o lazer é o último produto da civilização» (Bertrand Russell, *Conquest of Happiness*).

«A preguiça anda tão devagar que a pobreza não demora a alcançar o preguiçoso» (Benjamim Franklin, *Poor Richard's Almanac).*

«O homem sem ambição é como a mulher sem beleza» (Frank Harris).

«O homem bem qualificado em seu ofício jamais sente falta de trabalho» (Thomas Jefferson).

Mas onde gastaríamos o excesso de tempo:
No ócio, enquanto a batalha ruge ao redor?
Repreender é pouco. No lazer lançamos
Escárnios uns contra os outros, até que um navio que precisa
De cem remos para operar, afunde sob o peso da carga.
A língua do homem é volúvel, tem palavras
Para todo o tema, não lhe falta longo e espaçoso campo;
Mas, conforme ele falar, assim também ouvirá.
(Homero, Ilíada, xx.5.244-250)

O trabalho mais duro é o de não fazer nada. Assim como a glória de uma mulher é a sua beleza, assim a glória de um homem é o seu trabalho. Sentimos instintivamente que podemos pecar simplesmente fazendo coisas erradas, mas também não fazendo nada. O tempo é uma posse muito valiosa, e somos obrigados a usá-lo corretamente. Isso deve começar com a preparação para alguma espécie de missão na vida. Tendo atingido as condições necessárias para trabalhar, devemos cumprir nossas missões, com todas as nossas forças.

Referências Bíblicas. Ver os textos bíblicos seguintes, sobre o assunto da **preguiça:** Juí. 18:9; Pro. 12:24,27; 15:15,19; 18:9; 19:24; 21:25; 22:13; 24:30; 26:13-15; Mat. 25:26; Rom. 12:11; Heb. 6:12.

Escreveu Paulo: «Não sejais remissos» (Rom. 12:11), referindo-se, especialmente, à maneira como conduzimos a nossa fé religiosa. Não devemos ser lerdos, indiferentes, preguiçosos, hesitantes ou atrasados no cumprimento de nossos deveres, conforme indica a palavra grega por detrás da tradução «remissos». «Não podemos ser preguiçosos em nossas atividades e em nosso desenvolvimento espiritual, e nem podemos ser tardios em nossa atenção para com as coisas espirituais». Paulo recomenda que tenhamos um espírito fervoroso, e não preguiçoso, o que resultará em bom serviço prestado ao Senhor. Apolo foi chamado de homem «fervoroso de espírito» (Atos 18:25), por causa de seus enérgicos esforços em prol do evangelho de Cristo.

«O zelo, em nossos deveres cristãos, é o resultado natural de nosso amor cristão, que, no devido tempo, fomenta o zelo» (Sandley e Headlan, comentando sobre Rom. 12:11).

OCRÃ

No hebraico, «criador de confusões». Esse era o nome do pai de Pagiel, o qual foi um dos líderes da tribo de Aser, quando Israel vagueava pelo deserto. Ver Núm. 1:13; 2:27; 7:72,77; 10:26. Ele viveu em torno de 1438 A.C.

OCUPAÇÕES, PROFISSÕES

Ver sobre **Artes e Ofícios.**

ODEDE

No hebraico, **reiteração**. Talvez uma referência à idéia de «mais um filho». Há duas pessoas com esse nome, nas páginas do Antigo Testamento:

1. O pai de Azarias, o profeta que saiu ao encontro de Asa, quando ele voltou da sua vitória sobre os etíopes (ver II Crô. 15:1). O oitavo versículo desse capítulo atribui o discurso a «Odede», sendo esse um erro primitivo (ou original), ou um erro escribal. A tradução inglesa RSV (bem como a nossa versão portuguesa) corrige isso, dizendo «a profecia do profeta, filho de Odede. O *texto massorético* (vide) sem dúvida labora em erro neste ponto.

2. Um profeta que protestou, com êxito, contra o fato de que Peca escravizara certos judaítas, no tempo de Acaz, rei de Judá (II Crô. 28:8-15). Os cativos foram então alimentados, vestidos, ungidos e devolvidos a Jericó; e assim a justiça foi servida, o que é raramente feito em tempos de guerra. Isso aconteceu por volta de 735 A.C.

ÓDIO

Esboço:

I. Palavras Empregadas: Significação
II. Coisas Odiadas com Razão
III. O Caráter e as Obras do Ódio
IV. O Ódio em I João 4:20
V. O Ódio Exemplificado em Personagens da Bíblia
VI. O Ódio Divino
VII. O Ódio e a Possessão Demoníaca

I. Palavras Empregadas: Significação

A palavra hebraica mais comum para indicar o ódio é *sane*, que ocorre no Antigo Testamento por cerca de cento e quarenta vezes, desde Gên. 24:60 até Mal. 2:16. E o termo grego é *miseo*, «odiar», que aparece por trinta e nove vezes no Novo Testamento: Mat 5:43; 6:24; 10:22; 24:9,10; Mar. 13:13; Luc. 1:71; 6:22,27; 14:26; 16:13; 19:14; 21:17; João 3:20; 7:7; 12:25; 15:18,19,23,24; 15:25 (citando Sal. 69:5), 17:14; Rom. 7:15; 9:13 (citando Mal. 1:2,3); Efé. 5:29; Tito 3:3; Heb. 1:9 (citando Sal. 45:8); I João 2:9,11; 3:13,15; 4:20; Jud. 23; Apo. 2:6; 17:16; 18:2.

Essas palavras projetam idéias como aversão, hostilidade, desdém, malignidade, malquerença, etc. O ódio é uma das emoções básicas, sendo verdadeiramente universal. Para o crente, especialmente, há alguns objetos que podem ser legitimamente odiados, como a idolatria, o pecado, em todas as suas manifestações, a adoração insincera e distorcida, etc. Usualmente, porém, o ódio faz parte da natureza carnal e corrupta do homem, embora, por muitas vezes, seja apresentado como se fosse um nobre sentimento. O ódio, normalmente, é uma forma maligna de má vontade, algumas vezes vinculado ao temor de que o objeto odiado seja capaz de prejudicar a quem o odeia. A ira quase sempre é um elemento que faz parte do ódio.

II. Coisas Odiadas com Razão

Lemos que Deus odeia o mal (Pro. 6:6); e os justos fazem bem em fazer a mesma coisa (Sal. 97:10). Davi declarou que obtinha entendimento por meio dos preceitos divinos, e assim ele odiava todo caminho falso (Sal. 119:104). Quase todos nós somos muito seletivos sobre as formas de mal que abominamos. Amamos certos males; e outros, odiamos, dependendo do estágio de desenvolvimento espiritual a que já tenhamos chegado. Devemos odiar a idolatria (Deu. 12:31), como também a adoração sem sinceridade (Amós 5:21-23). Devemos odiar aquelas coisas que ameaçam a integridade espiritual da comunidade espiritual (Mal. 2:16), como a mentira (Sal. 119:163) e o desvio (Sal. 101:3). Os malfeitores são odiados (Sal. 5:5). Tudo isso reflete a atitude do Antigo Testamento. As próprias pessoas não devem ser odiadas, mas as coisas que elas fazem, quando são más, devem sê-lo (Judas 3; Apo. 2:6).

III. O Caráter e as Obras do Ódio

O ódio já é homicídio, e leva à prática do mesmo (Mat. 5:21,22; I João 3:15). O ódio é uma das obras da carne, pelo que é contrário às virtudes cultivadas pelo Espírito, principalmente ao amor, que é o seu oposto (Gál. 5:20). Com freqüência, o ódio oculta-se por detrás de uma capa de engano (Pro. 10:18; 26:26). O ódio provoca a contenda (Pro. 10:12); amargura a vida do indivíduo (Pro. 10:12); não é coerente com o conhecimento de Deus (Rom. 1:30); é contrário ao amor divino (I João 4:20), e, assim sendo, caracteriza os incrédulos, da mesma forma que o amor é o principal sinal dos remidos (I João 4:7ss.). O ódio milita contra Deus (Rom. 1:20), contra Cristo (João 15:26), contra o Pai e contra o Filho (João 15:23,24). O povo de Deus é odiado pelos que não são de Cristo (João 15:18). Aqueles que perseverarem no ódio, serão fatalmente castigados (I Cor. 15:25, Heb. 10:28-31).

IV. O Ódio em I João 4:20

I João 4:20: *Se alguém diz: Eu amo Deus, e odeia seu irmão, é mentiroso. Pois quem não ama seu irmão, ao qual viu, não pode amar Deus, a quem não viu.*

(Ver o artigo sobre *Mandamento, o Novo). O* amor fraternal nos é aqui recomendado, aquele que odeia seu irmão acha-se em «trevas», isto é, pertence à «maldade cósmica», sendo participante da rebelião geral ou universal. Encontra-se espiritualmente «cego» (ver I João 2:11). Caim odiou seu irmão Abel, e terminou por matá-lo (ver I João 3:12 e *ss).* Ele nos mostrou o que é o ódio, e para onde o ódio nos conduz. Por outro lado, o indivíduo que «passou da morte pare a vida» ama seus irmãos, não o fazendo, contudo, os que permanecem na «morte espiritual», porquanto ainda não nasceram de Deus em qualquer sentido. (Ver I João 3:14). Sabemos quando temos começado a participar do amor divino, quando começamos a amar

os irmãos, porquanto o Espírito se movimenta em nós a fim de nos inspirar nesse caminho (ver I João 3:14). O ódio é assassino, do ponto de vista espiritual (ver I João 3:15 e Mat. 5:21,22). O amor, por outro lado, está associado à outorga de uma vida superior e desde agora nos podemos ocupar do mesmo.

E odiar seu irmão, é mentiroso. Tal indivíduo não pode amar Deus, que está distante, se odeia o homem, criatura de Deus, criada segundo a sua imagem, sobretudo se tratar-se de um crente, que já começou a participar da própria vida de Deus, trazendo a imagem do Filho, que nos está bem próxima. Tal indivíduo não pode amar o Criador, se odeia sua criatura. Aquele que odeia, portanto, é um «mentiroso», se disser que ama Deus. Amamos Deus amando o próximo (ver Mat. 25:35 e *ss*). Somente através da ascensão mística exaltada da alma (que ultrapassa a capacidade da maioria dos homens) é que alguém pode amar diretamente Deus. Normalmente, Deus é amado por ser amado através de suas criaturas, porque são amados aqueles que estão sendo transformados segundo sua imagem. Esse tipo de amor é possível a todos os homens. Se alguém compartilha da natureza moral de Deus, mediante o novo nascimento, não pode odiar a criação de Deus.

Aquele que *odeia* tem as seguintes características:

1. Está envolvido pelas «trevas» e cativado pela malignidade cósmica (ver I João 2:11).

2. Está cercado de armadilhas e tropeços, por ter uma personalidade corrompida (ver I João 2:11), que é prejudicial a outros, e não benéfica.

3. Está cego (ver I João 2:11).

4. Seus pecados não estão perdoados; não é pessoa convertida (ver I João 2:12).

5. Não tem comunhão com a luz de Deus (ver I João 2:10).

6. A obra de transformação segundo a imagem de Cristo ainda não obteve nele qualquer fruto, o amor não está nele aperfeiçoado (ver I João 4:12).

7. Por conseguinte, tal indivíduo não desfruta da presença habitadora do Espírito Santo (ver I João 4: 13).

8. Não desfruta de comunhão mística com Deus, não permanece nele (ver I João 4:16).

9. Vive assaltado de temores, e com toda a razão, porquanto anseia devido ao juízo vindouro (ver I João 4:17,18).

10. Finalmente, conforme nos diz o apóstolo, esse indivíduo é um «mentiroso». Por conseguinte, pertence a Satanás, que lhe é pai, pois Satanás foi mentiroso desde o princípio (ver João 8:44 que afirma: «porque é mentiroso e pai da mentira»).

A polêmica. Tal como antes, esta passagem ataca os falsos mestres gnósticos, os cismáticos que não sabiam o que é amar, que prejudicavam ao cristianismo com suas doutrinas e práticas imorais. Odiavam os irmãos e provocavam dissensões, divisões e ódio no seio da igreja. Punham violentamente de lado o «novo mandamento» do amor fraternal.

Não ama... a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê... É fato bem conhecido e universalmente demonstrado todos os dias que amamos aqueles que nos são mais íntimos, que fazem parte de nossa vida.

«Senhor, disse eu,

Eu nunca poderia matar outro homem;

Crime tão grande que é próprio das feras, é uma excrescência repelente de uma mente maldita, um ato ultrajante do tipo mais vil.

Senhor, disse eu,

Eu nunca poderia matar outro homem;

Um ato desprezível de ira sem misericórdia, um golpe irreversível de inclinação perversa, um ato inconcebível de ímpio desígnio.

Diz-me o Senhor:

Uma palavra ferina, lançada contra a vítima que desdenhas,

É um dardo que inflige uma dor sem misericórdia.

A *maledicência* ataca um homem pelas costas, um ato covarde do qual não te poderás retratar.

O ódio em teu coração, *ou* a inveja a levantar a feia cabeça.

É o desejo secreto de ver alguém morto» (Russell Champlin).

Católicos mataram protestantes e protestantes tiraram a vida de católicos, e ambos se têm voltado contra os judeus e os têm assassinado, todo o tempo atribuindo ao Deus dos cristãos a inspiração de tão grande malícia. Tão profunda é a cegueira e a perversidade do homem!

Quiçá o pior de tudo quanto sucede na questão que ora debatemos é que as diversas culturas, ao imaginarem seus *deuses* de conformidade com a sua impiedade, registram tais conceitos permanentemente em seus livros sagrados, fixando-os nessas culturas. O resultado é que as gerações sucessivas, lendo e estudando esses registros, e considerando-os livros inspirados e sem erro, atribuem o caráter mais horrendo e bestial aos seus «deuses». Tudo isso tem servido de grave injúria contra a *busca espiritual* autêntica.

V. O Ódio Exemplificado em Personagens da Bíblia

Caim tinha ódio no coração (Gên. 4:5); também Esaú (Gên. 27:41) e os irmãos de José (Gên. 37:4); os habitantes de Gileade (Juí. 11:7); Saul (I Sam. 18:8,9); Acabe (I Reis 22:8); Hamã (Est. 3:5,6); os inimigos dos judeus (Est. 9:1,5; Eze. 35:5); os adversários de Daniel (Dan. 6:4-15); Herodias (Mat. 14:3,8); os judeus (Atos 23:12,14); o mundo inteiro (João 7:7).

VI. O Ódio Divino

Como é óbvio, Deus odeia o mal (Pro. 6:6). Porém quando lemos na Bíblia que ele aborreceu Esaú e que amou seu irmão, Jacó (Mal. 1:3, Rom. 8:12,13), então já entramos naquele problema que circunda a questão do determinismo versus livre-arbítrio. Os intérpretes muito se têm esforçado para fazer esses trechos bíblicos amoldarem-se àquilo que eles já compreendem sobre a natureza e o amor de Deus. Daí surgem idéias como aquelas que enumeramos abaixo:

1. O termo «ódio» é *antropomórfico,* ao qual devemos entender metaforicamente, e não em termos reais do ódio humano. Penso que essa é a resposta certa. Os homens aplicam às palavras de Deus sentidos que lhes são significativos, por causa de suas próprias naturezas emocionais; porque é difícil imaginarmos Deus sujeito ao mesmo tipo de natureza emocional que os homens têm. Porém, penso que os autores que aplicaram o termo *ódio* a Deus, no tocante, por exemplo, a Esaú, estavam pensando em termos de simples ódio, sem qualquer alusão a idéias antropomórficas. Visto que os intérpretes insistem em aplicar emoções humanas a Deus, em sua forma humanizada de teologia, ainda outras interpretações têm aparecido, segundo se vê nos dois outros pontos, abaixo:

2. Esse «ódio» seria simples rejeição, ou não-eleição.

3. Esse «ódio» deveria ser entendido comparativamente, como um *amor inferior,* ou como menor interesse, ou mesmo como total ausência de interesse pelos odiados.

Minha opinião pessoal é que esses versículos têm uma visão míope do amor de Deus, deixando de perceber que esse amor tem uma aplicação universal, de tal modo que haverá uma *restauração* geral (vide). Meu artigo sobre esse assunto mostra que o *amor* de Deus, finalmente, haverá de prevalecer, ainda que comparativamente poucos terminem *remidos.* Estou convencido de que a antiga idéia do *ódio a Esaú* foi ultrapassada, na própria revelação bíblica, por um novo e mais amplo evangelho, uma mensagem que não foi antecipada no Antigo Testamento, e nem mesmo nos primeiros livros do Novo Testamento. Na verdade, o ódio divino, visto ser ativo e visto que impõe *juízo,* exprime o seu amor, já que o próprio julgamento tenciona trazer uma grande bênção aos perdidos (ver I Ped. 4:6). Sem dúvida os atos de Deus em *todas* as suas formas, incluindo o seu ódio no julgamento contra o mal, fazem parte do mistério de sua vontade (Efé. 1:9,10), o que criará uma unidade universal, em torno da pessoa do Logos (Cristo), em última análise. Ver o artigo separado sobre os *Vícios.* Ver também sobre o *Amor.*

VII. O Ódio e a Possessão Demoníaca

O **amor** é a prova da verdadeira espiritualidade. Contrariamente, o **ódio** facilita a possessão demoníaca. Sem o **ódio,** ela praticamente não pode existir.

ODRES

Ver sobre **Vinho** e **Bebidas Fortes**.

Heródoto (ii.121) mostra-nos que os egípcios usavam odres, feitos de peles de animais. Um odre era formado costurando-se a pele e deixando a projeção da perna e do pé para servir de gargalo. A abertura era então fechada com um tampão ou com um cordão. De outras vezes, o pescoço do animal era usado para formar o gargalo. A arqueologia tem descoberto gravuras de tais odres, no Egito. Gregos, romanos e hebreus usavam esses odres de couro (Jos. 9:4,13; Jó. 32:19). Mas também havia recipientes feitos de pedra, de alabastro, de vidro, de marfim, de ossos, de porcelana, de bronze, de prata e de ouro. Já desde os dias de Tutmés III, que talvez tenha sido o Faraó do êxodo, em cerca de 1490 A.C., havia vasos elegantes e elaborados, autênticas obras de arte. Muitos vasos de bronze têm sido recuperados pela arqueologia, principalmente no Egito.

Usos Metafóricos. 1. Dentro do ensino de Jesus (Mat. 9:17), já mencionado. Os antigos sistemas de pensamento enrijecem, como se fossem odres de couro. E os novos sistemas doutrinários, com suas idéias expansivas, não podem ser contidos pelos antigos sistemas, pelo que são incompatíveis uns com os outros. Isso resulta na formação de algum novo sistema, religioso ou apenas denominacional. 2. Os odres do céu, de onde procede a chuva (Jó. 38:37). 3. As lágrimas de tristeza que são preservadas em odres, ou seja, são relembradas pelo Senhor, como algo precioso (Sal. 66:8). 4. Um odre na fumaça de uma fogueira, simboliza uma pessoa desgastada pela tristeza e pela aflição (Sal. 119:83). 5. Os habitantes de Jerusalém seriam como odres cheios de vinho, quando o Senhor derramasse sobre eles a sua ira, de tal modo que estourassem e ficassem arruinados (Jer. 13:12). (G HA ID S UN)

OEL

No hebraico, «tenda», «família», «raça». Esse era o nome do quinto filho de Zorobabel, da casa de Davi (I Crô. 3:20). Viveu depois de 500 A.C.

OESTE

Para qualquer dos povos que ocupava a região da Palestina, a designação «oeste», ou «ocidente», revestia-se de uma tríplice significação, a saber: 1. Essa era a direção, na rosa dos ventos, onde o sol se punha. Por esse motivo, a palavra hebraica *mabo,* traduzida por «oeste» ou «ocidente», mais literalmente significa «pôr do sol». Isso corresponde ao termo grego *dusmé.* Ver Mat. 8:11; 24:27; Luc. 12:54; 13:29 e Apo. 21:13. 2. Essa era a direção para onde ficava o mar Mediterrâneo. Por isso, o termo hebraico *yam,* «mar», também tinha o sentido de oeste. 3. Em conseqüência disso, era também dessa direção que vinham os ventos que traziam as nuvens cúmulos, carregadas de vapor d'água, que condensando-se davam a chuva. Lemos em Lucas 12:54: «Quando vedes aparecer uma nuvem no poente, logo dizeis que vem chuva, e assim acontece...» É que as nuvens que vinham dali prenunciavam chuva; cf. a experiência de Elias, no monte Carmelo, segundo se vê em I Reis 18:44: «Eis que se levanta do mar uma nuvem pequena como a palma da mão de um homem».

Cerimonial ou religiosamente falando, a direção oeste não era nem mais e nem menos importante do que outros pontos da bússola ou rosa dos ventos, na vida dos povos de Israel. Quase todos os planos esquematizados para as disposições de localização, em Israel, de acordo com a Bíblia, alicerçavam-se sobre o «quadrado», e as estruturas arquitetônicas ou o povo ficavam assim arrumados, nos quatro lados desse quadrado.

OFEL

No hebraico, essa palavra (temos aqui uma transliteração) significa «cômoro», «colina» ou «torre». Esse vocábulo tem dois sentidos distintos nas páginas do Antigo Testamento:

1. Uma localidade fortificada de Jerusalém, no lado oriental, perto das muralhas (ver II Crô. 27:3 e 33:14). Ofel era ocupada pelos netinins, após a reconstrução da cidade, quando um remanescente de Judá retornou, terminado o cativeiro babilônico (Nee. 3:26; 11:21). Josefo *(Guerras* 2.17,9; 5.6,1) informa-nos que esse lugar ficava contíguo ao vale do Cedrom e do monte do templo. Por isso mesmo, é provável que a muralha de Ofel fizesse parte das muralhas de Jerusalém, nos dias de Herodes. É possível que os arqueólogos tenham descoberto essas fortificações, em escavações que descobriram muralhas profundamente enterradas, no ângulo sudeste da antiga muralha de Jerusalém. Essas profundas muralhas tinham cerca de 4,30 m. de espessura, sendo óbvio que foram levantadas para efeito de fortificação.

Sabe-se que as muralhas de Jerusalém foram fortificadas vez por outra, por diversos monarcas judeus, como Jotão (II Crô. 27:3) e Manassés (II Crô. 33:14), nos séculos VIII e VII A.C., respectivamente. O profeta Isaías, entretanto, predisse a destruição dessas fortificações (ver Isa. 32:14). E Miquéias referiu-se, metaforicamente, a como o reino de Deus haveria de ser estabelecido no «monte da filha de Simão» (Miq. 4:8).

2. Um local na Palestina central, onde havia a casa onde Geazi depositou os presentes que recebera (com desonestidade) da parte de Naamã. Ver II Reis 5:24. Algumas traduções dizem ali «outeiro» (como se lê em nossa tradução portuguesa) ou «colina». Esse local mui provavelmente ficava perto da cidade de Samaria.

OFENSA

Essa é uma das muitas palavras que a Bíblia, em sua tradução portuguesa, usa para indicar algum pecado. Entretanto, existem outros usos do vocábulo, segundo fica ilustrado nos comentários abaixo:

1. *Definição.* «Ofender» é afrontar, ultrajar; é dar desprazer; é traspassar um limite, é violar; é cometer um erro, um crime; é fazer tropeçar; é pôr obstáculo no caminho de alguém, procurando entravá-lo, enredá-lo.

2. *No Antigo Testamento*

a. *Mikshol,* «obstáculo», «chamariz» (I Sam. 25:31; Isa. 8:14).

b. *Chet,* «crime», ou a penalidade resultante de um crime (Ecl. 10:4).

c. *Ashem,* «reconhecer-se culpado» (Osé. 5:15; Jer. 2:3; 50:7; Eze. 25:12; Osé. 4:15; 13:1; Hab. 1:11).

d. *Chata* «errar o alvo» (Gên. 20:9; 40:1; II Reis 18:14; Jer. 17:18).

3. *No Novo Testamento*

a. *Próskoma,* «pedra de escândalo», «pedra de tropeço» (Rom. 9:32,33 (citando Isa. 8:14; cf. 28:16); 14:13,20; I Cor. 8:9; I Ped. 2:8). *Proskopé* é forma variante (II Cor. 6:3). O verbo, *proskópto,* é «tropeçar» (Mat. 4:5 (citando 91:12), 7:27; Luc. 4:11; João 11:9,10; Rom. 9:32; 14:21; I Ped. 2:8).

b. *Paráptoma,* «desvio para um lado» (Mat. 6:14,15; Mar. 11:25,26; Rom. 4:25; 5:15-18,20; 11:11,12; II Cor. 5:19, Gál. 6:1; Efé. 1:7; 2:1,5; Col. 2:13). Está em foco um desvio na conduta ou em relação à verdade, algo feito como não deve ser feito.

c. *Skândalon,* «armadilha», «tropeço». Ver Mat. 13:41; 16:23; 18:7, Luc. 17:1; Rom. 9:33 (citando Isa. 8:14, cf. 28:16); 11:9 (citando Sal. 69:23); 14:13; 16:17; I Cor. 1:23; Gál. 5:11; I Ped. 2:8; I João 2:10; Apo. 2:14. O verbo, *skandalizo,* ainda é mais freqüente: Mat. 5:29,30; 11:6; 13:21,57; 15:12; 17:27; 18:6,8,9; 24:10; 26:31,33; Mar. 4:17; 6:3; 9:42,43,45,47; 14:27,29; Luc. 7:23; 17:2; João 6:61; 16:1; Rom. 14:21, I Cor. 8:13; II Cor. 11:29.

O ministério de Jesus foi um tropeço para os seus contemporâneos religiosos (Mar. 6:3), mormente os fariseus (Mat. 15:12), e, ocasionalmente, até para os seus discípulos (Mar. 14:27). Declarou

Jesus: «E bem-aventurado é aquele que não achar em mim motivo de tropeço» (Mat. 11:6). Os pioneiros da fé sempre fazem os irmãos menores e os céticos se ofenderem, tornando-se, assim, impedimentos. Há impedimentos que são pecaminosos, pois atuam como armadilhas, que apanham suas vítimas. Mas também existe a ofensa da *cruz* (Gál. 5:11). Uma espiritualidade séria requer a remoção de impedimentos que ofendem. Se nosso olho direito nos ofende, que o arranquemos (Mat. 5:29). Outro tanto foi dito, metaforicamente, acerca da mão e do pé (Mar. 9:43-47). Isso ilustra a seriedade do discipulado cristão. Há uma advertência feita àqueles que causam escândalo ou levam os crentes recém-convertidos a se ofenderem (Mat. 18:6). O ministério de Cristo, que foi um gênio criativo, necessariamente criava reações contrárias, por parte de muitos. Alguns se sentiam ofendidos ou eram levados a tropeçar, segundo também Isaías predisse que sucederia. E os trechos neotestamentários de I Ped. 2:8 e Rom. 9:33 reiteram a idéia, aplicando-a ao contexto histórico.

A liberdade cristã ocupa posição importante nessa questão das ofensas. O apóstolo Paulo recomendou que os crentes usassem de amor fraternal e de *sacrifício* pessoal. Aquele que *não* tem escrúpulos precisa respeitar as opiniões dos outros e não causar ofensa ou escândalo (Rom. 14; I5:1,2).

OFERECIMENTO NO FOGO

Ver sobre **Sacrifícios o Ofertas.**

OFERTA PELO PECADO

Ver **Sacrifícios e Ofertas.**

OFERTA VOTIVA

Esse adjetivo, **votiva**, vem do verbo latino, **vovere**, «prometer». Essa é a designação dada a coisas prometidas ou dedicadas a Deus, coisas santificadas ao Senhor com alguma razão especial. Há duas classificações gerais de ofertas votivas:

1. Coisas votadas ou consagradas a Deus, que lhe serão dadas se a pessoa que fez a promessa for ajudada em alguma hora de necessidade.

2. Coisas realmente apresentadas ou dedicadas a Deus (ou a algum «santo», conforme uma prática católica romana), quando aquilo que foi pedido foi outorgado. Uma variante é algo dado em gratidão por alguma bênção recebida, embora nada tenha sido especificamente prometido de antemão.

OFERTAS

Ver sobre **Sacrifícios e Ofertas.**

OFERTAS DE AÇÃO DE GRAÇAS

Ver sobre **Sacrifícios e Ofertas.**

OFERTAS DE CULPA

Ver sobre **Sacrifícios e Ofertas.**

OFERTAS DE MANJARES

Ver o artigo geral sobre **Sacrifícios e Ofertas.**

OFERTAS MOVIDAS

Ver sobre **Sacrifícios e Ofertas.**

OFERTAS QUEIMADAS

No hebraico, **olah** ou **alah**, «aquilo que sobe». É vocábulo que aparece por muitas vezes, cerca de duzentas e oitenta, desde Gên. 8:20 até Miq. 6:6. No grego temos a palavra *olokaútoma* apenas em Mar. 12:33; Heb. 10:6 (citando Sal. 40:7) e Heb. 10:8.

Ver o artigo geral sobre *Sacrifícios e Ofertas*. As «ofertas queimadas», da mesma maneira que as ofertas de manjares e as ofertas pacíficas, eram ofertas voluntárias, em contraste com as ofertas pelo pecado e pela culpa, que eram compulsórias. As três primeiras representam, de modo geral, a idéia de homenagem, de autodedicação e de agradecimento, ao passo que as duas últimas representam a idéia de «expiação». As ofertas queimadas envolviam animais inteiramente consumidos no altar, no que contrastavam com as ofertas de manjares e outros sacrifícios onde somente o sangue era usado no rito, ao passo que a carne dos animais era cozida e comida pelos sacerdotes e adoradores. Ver Deu. 33:10; I Sam. 7:9; Sal. 51:16.

1. *Origem.* As ofertas queimadas já eram comuns no período patriarcal. Alguns eruditos pensam, embora sem provas, que o sacrifício oferecido por Abel (Gên. 4:4) foi uma oferta queimada. Noé ofereceu sobre o altar, terminado o dilúvio, uma oferta queimada (Gên. 8:20).

2. *Material.* Eram usados somente touros, carneiros, bodes, pombos e rolinhas. E todos os animais ou aves usados precisavam ser isentos de qualquer defeito físico.

3. *Cerimônias.* O ofertante impunha as mãos sobre a vítima, confessava os seus pecados e dedicava a oferenda a Deus. Então o animal era abatido; o sangue do mesmo era aspergido em redor do altar, na sua parte mais inferior, e não diretamente sobre o mesmo, a fim de que a chama não fosse extinta (Lev. 3:2; Deu. 7:27). Tirava-se o couro do animal (Lev. 7:8). O animal era então cortado em doze pedaços. O sacerdote tomava o ombro direito, o peito e as entranhas, punha as mãos debaixo das mãos do ofertante, e, juntos, eles balançavam o sacrifício para cima e para baixo (ver Ofertas Alçadas), por diversas vezes, em conhecimento da presença do Deus Todo-poderoso. O material a ser queimado era posto sobre o altar, e o fogo era aceso. Os pobres podiam substituir qualquer desses animais por um pombo ou uma rolinha.

4. *Vezes.* As ofertas queimadas eram oferecidas diariamente, de manhã e à tardinha (Núm. 28:3; Êxo. 29:38), bem como nas três grandes festas judaicas (Lev. 23:37; Núm. 28:11-27), e em ocasiões especiais, como quando as mulheres se recuperavam do parto (Lev. 12:6), ou pessoas eram curadas da lepra (Lev. 14:19-22), ou os nazireus tornavam-se imundos, por terem entrado em contacto com algum cadáver (Núm. 6:9), e após os dias de sua separação terem-se cumprido (Lev. 6:14). Em ocasiões miscelâneas de celebração e de solenidades, particulares ou públicas, também eram oferecidos esses sacrifícios (Juí. 20:26; I Sam. 7:9; Esd. 6:17 e 8:35). Ver os artigos sobre *Expiação* e *Expiação pelo Sangue*. Quanto aos sacrifícios como prefigurações do sacrifício expiatório de Cristo, e que por Ele foram substituídos, ver Heb. 10:5 *ss.* (E G LAN NTI S)

OFERTAS VOTIVAS

Ver sobre **Sacrifícios e Ofertas.**

OFICIAL

Esse é um termo genérico, usado nas traduções, para referir-se a certa variedade de posições de autoridade. Visto que essas palavras, no original, são bastante latas em seu sentido, as traduções dão um bom número de alternativas.

1. No Antigo Testamento

a. *Saris.* Essa palavra vem do verbo «castrar», pelo que se refere a um eunuco, nomeado para cuidar do harém real, e que com freqüência recebia importantes deveres na corte de um monarca. Ver Gên. 37:36: 39:1; 40:2. O oficial-eunuco era muito importante na Babilônia, no Egito e na Pérsia, mas aos hebreus estava vedada essa prática. Alguns estudiosos têm proposto que essa palavra hebraica era usada para indicar algum oficial, inteiramente à parte da idéia de emasculação, podendo referir-se a qualquer príncipe ou dirigente. O significado desse vocábulo hebraico, pois, tem suscitado debates entre os filólogos.

b. *Shatar,* «escritor». Não obstante esse sentido, a palavra podia designar vários ofícios, alguns dos quais nada tinham a ver com o ato de escrever. Assim, os magistrados que lideravam o povo de Israel, no Egito, foram assim chamados (Êxo. 5:6-19), como também os que ajudavam administrativamente aos anciãos (Núm. 11:16; Deu.

20:5,8,9; 29:29), e até mesmo chefes militares (II Crô. 26:11). Os escribas eram oficiais públicos, que registravam acontecimentos históricos, casos legais, etc. (Exo. 5:6-8).

c. *Natsab, netsib,* «nomeado», «fixado». Nome dado a vários oficiais que recebiam os impostos, as taxas, etc. Ver I Reis 4:5; 4:19; 5:16; 9:33.

d. *Paqid, paqad,* «inspetor», «superintendente», palavras aplicadas a oficiais militares e civis. Ver Gên. 41:34; Juí. 9:38; Est. 2:3. No acádico, esses vocábulos eram usados para indicar muitos tipos de oficiais. Comparar as referências dadas com II Reis 18:17 e Jer. 39:3. O sentido básico dessas palavras é «grande».

2. No Novo Testamento

a. *Uperétes, palavra* grega que designava certa variedade de oficiais inferiores. É palavra usada por vinte vezes: Mat. 5:25; 26:58; Mar. 14:54,65; Luc. 1:2; 4:20; João 7:32,45,46; 18:3,12,18,22,36; Atos 5:22,26; 13:5; 26:16; I Cor. 4:1. O verbo, *uperetéo,* ocorre por três vezes: Atos 13:36; 30:34; 24:23.

b. *Práktor,* «coletor». Esse termo grego, que ocorre somente por duas vezes, em Luc. 12:58, indicava, nos tempos antigos, em Atenas, alguém cujo dever era registrar e coletar multas impostas pelos tribunais ou governantes. Assim eram designados, nos tempos romanos, tanto os coletores de impostos quanto outros oficiais secundários, que tinham algo a ver com a lei. Nesse trecho bíblico de Lucas, está em foco um funcionário de tribunal, que tinha autoridade para determinar a detenção de alguém. Ele agia em consonância com a ordem baixada por um juiz, atuando mais ou menos como hoje faria um policial.

OFIR

No hebraico, «rico» ou «gordo». Esse foi o nome de uma pessoa e também de uma região geográfica, mencionadas nas páginas do Antigo Testamento:

1. Assim era chamado um dos treze filhos de Joctã, filho de Éber (ver Gên. 10:29 e I Crô. 1:23). Esse nome veio a designar uma das tribos árabes. As tradições islâmicas equiparam Joctã com Qahtan, filho de Ismael e pai de todos os árabes. Ver *Tabelas das Nações,* em Gên. 10:26-29.

2. Ofir também era o nome de uma região muito produtiva de ouro, possivelmente localizada na parte sudoeste da Arábia, onde hoje é o Iêmen. Talvez incluísse parte das costas marítimas africanas adjacentes. Seja como for, o fato é que Ofir foi famosa por suas minas de ouro, que ali foram descobertas no século IX A.C.

Os eruditos não têm certeza quanto à localização exata de Ofir, pelo que há várias teorias a respeito: parte sudoeste da Arábia, parte sudeste da Arábia, nordeste das costas africanas; Supara, a quase cem quilômetros ao norte de Bombaim, na Índia. Jerônimo pensava que Ofir ficava na Índia; e, de fato, há alguma evidência em favor dessa opinião, devido aos produtos de comércio associados a Ofir. Várias referências bíblicas enfatizam sua produção de ouro. Ver II Crô. 8:18; Jó 22:24; 28:16; Sal. 45:9; Isa. 13:12. Mas outros itens, como o sândalo (I Reis 10:11), a prata, o marfim e duas variedades de bugios (macacos) (I Reis 10:22), além de pedras preciosas (II Crô. 9:10) também aparecem como riquezas e artigos de comércio associados a Ofir.

Ofir era visitada pela frota de navios comerciais de Salomão, como também pelos fenícios, grandes navegadores do passado. Salomão trocava seu precioso cobre, extraído de Arabá, a fim de adquirir produtos de Ofir (ver I Reis 9:26-28; 22:48; I Crô. 8:17,18; 19:10). Salomão apreciava itens exóticos, e tinha dinheiro para comerciar com essas coisas. Por isso ele importava pavões e bugios, juntamente com muitos outros artigos (I Reis 10:22). Ele usava o ouro proveniente de Ofir a fim de adornar seu trono, o templo de Jerusalém e a casa da floresta do Líbano (ver I Reis 10:14-19). Josefo *(Anti.* 8:6,4) referiu-se ao alegado comércio de Salomão com a Índia; e Jerônimo muito contribuiu para propalar essas tradições, embora seja difícil julgar a validade delas.

OFRA

No hebraico, «corço». Esse é o nome de uma pessoa e de duas antigas cidades de Israel, nas páginas do Antigo Testamento:

1. Um homem da tribo de Judá, um dos filhos de Menotai (I Crô. 4:14). Ele viveu por volta de 1450 A.C.

2. Uma cidade do território de Benjamim era assim chamada. Aparece no trecho de Jos. 18:23, juntamente com outras cidades situadas a nordeste de Jerusalém. Talvez seja a mesma cidade de Efraim, em II Crô. 13:19 e de João 11:54; mas outros pensam na Aferama de I Macabeus 11:34. Tem sido identificada com a moderna *et-Tayibeh,* que domina o alto de uma colina, cerca de dez quilômetros a nordeste de Micmás. Jerônimo identificava Ofra com Efraim, localizando-a a cinco milhas romanas a leste de Betel. O termo Taiybeh é uma regular substituição árabe para Ofra ou Efrom. Todavia, contra essa identificação, temos a considerar que et-Taiybeh fica muito para o norte para ter pertencido ao território de Benjamim. Por essa razão, a questão permanece em dúvida.

3. Uma cidade do território de Manassés, cidade natal de Gideão (Jos. 17:2; Juí. 6:11,15,24,34; 8:32; I Crô. 7:18). Gideão combateu contra os midianitas perto dessa cidade. Essa cidade ficava cerca de dez quilômetros a sudoeste de Siquém. Nesse mesmo lugar, Gideão, posteriormente, edificou um altar dedicado a *Yahweh-shalom* (ver Juí. 6:24; em nossa versão portuguesa, «o Senhor é paz»).

O local não foi identificado ainda com qualquer grau de certeza. Talvez um outro lugar, chamado de et-Taiybeh (ver acima, no segundo ponto), seja o lugar. Fica localizado a quase treze quilômetros a noroeste de Bete-Seã. Ainda outras sugestões são Fer'ata, a oeste de Gerizim, *Tell el-Far'ah,* a onze quilômetros a noroeste de Siquém, e *Silet ed-Dahr,* a vinte e um quilômetros ao norte de Siquém. Porém, nenhuma dessas identificações tem podido satisfazer a todos os eruditos.

OGUE

Esse foi o nome de um rei dos amorreus. Não se sabe ao certo o significado desse nome. Alguns arriscam o sentido «pescoço longo» ou «gigante». Ver Núm. 21:33; 32:33; Deu. 4:47; 31:4. De acordo com o trecho de Jos. 13:31, ele dominava seis cidades dentre as quais as principais eram Astarote e Edrei. Seu nome é mencionado na Bíblia por ser ele um dos adversários de Israel ao tempo da conquista da terra de Canaã (cerca de 1400 A.C.). Ogue foi derrotado pelos israelitas em Edrei, e ele e seu povo foram exterminados, conforme era costume fazer na época. Algumas vezes, faziam-se prisioneiros de guerra, reduzidos à escravidão, e, outras vezes, eram poupadas as mulheres, por razões óbvias. Porém, é surpreendente ver quantos povos antigos pensavam que seus deuses ordenavam a destruição total de povos vencidos. Ver Núm. 21:33; Deu. 1:4; 3:1-13; 29:7; Jos. 2:10. O trecho de Deuteronômio diz-nos que Ogue contava com muitas cidades muradas, mas isso não fez parar os hebreus, em seu avanço.

Ogue mesmo foi uma notável figura, dotado de gigantesca estatura. Ele tinha um leito de ferro com cerca de 3,70 m X 1,85 m de comprimento e largura bem maiores que as chamadas camas-gigantes de hoje em dia! Ele foi um dos últimos representantes de uma raça de gigantes da antiguidade, os *refains* (vide). Seu território foi entregue à meia-tribo de Manassés. A arqueologia não tem podido aumentar nosso conhecimento acerca deles. Quanto a outras referências bíblicas a esse rei, ver Nee. 9:2; Sal. 135:11 e 136:20.

OLAMUS

O nome desse homem, dentro do cânon palestino, é Mesulão (ver Esd. 10:29), mas no livro apócrifo de I Esdras 9:30 é Olamus. Ele estava entre aqueles que se tinham casado com mulheres estrangeiras, durante o cativeiro babilônico, e que foram obrigados a divorcia-se delas, depois que o remanescente de Judá retornou a Jerusalém.

OLEIRO (OLARIA)

Ver o artigo *Artes e Ofícios,* 4. a. Ver também sobre *Argila.*

A palavra hebraica para «oleiro» é *yatsar*, que se deriva da idéia básica de «moldar». O termo grego correspondente é *Kerameús*, que vem da idéia básica de «misturar». A profissão dos oleiros é uma das mais antigas do mundo. E a cerâmica é uma das técnicas mais significativas, quando se trata das investigações arqueológicas. De fato, a cerâmica é uma espécie de pedra sintética que permite ao oleiro moldar artefatos de grande duração. Os fragmentos de cerâmica também foram o mais barato material de escrita da antiguidade.

Esboço:

I. Informes Históricos
II. A Massa dos Oleiros
III. A Profissão dos Oleiros
IV. O Processo da Olaria
V. Tipos de Vasos Produzidos

I. Informes Históricos

Até onde é possível determinar, a Idade da Pedra cedeu lugar à Idade da Cerâmica, em cerca de 6.500 A.C. Há provas de um uso liberal de objetos de cerâmica em Jericó; em *wadi Fallah*, no monte Carmelo; em Buda, perto de Petra; e em Biblos, na Síria, desde esse período tão remoto. Os eruditos conjecturam que essa habilidade veio à existência mediante a inventividade de povos do planalto da Anatólia, na porção ocidental da Ásia Menor (atual Turquia). Dali, esse conhecimento espalhou-se para inúmeros outros lugares. A cerâmica é superior à pedra, porquanto pode ser adaptada a muitíssimas formas; é superior a cestas de vime, por ser mais forte, além de poder conter líquidos, o que é impossível às cestas de vime e de materiais parecidos. Ademais, a cerâmica é mais duradoura que o ouro, que também era usado no fabrico de recipientes para líquidos.

1. *Nos Tempos de Abraão.* Já nessa época eram usadas jarras tanto de pedra quanto de cerâmica, juntamente com vasos de cobre e de bronze, que eram artigos muito mais caros. A cerâmica, devido ao seu baixo preço e à sua versatilidade, até hoje tem permanecido como um dos principais materiais no fabrico dos mais variegados vasos. O vaso de Hagar (ver Gên. 21:14,15), provavelmente, era um odre, feito de couro de animal. Já o «cântaro» de Rebeca, sem dúvida, era feito de cerâmica (ver Gên. 24:14,15).

2. *Nos Tempos de José.* Sendo ele bisneto de Abraão, José viveu em uma época em que, na Palestina, faziam-se vasos de cerâmica de grande qualidade e bem decorados. A cerâmica palestina foi consideravelmente influenciada pela cerâmica egípcia. Houve, um pouco mais tarde, uma cerâmica de baixa qualidade na Palestina, dos juízes de Israel, talvez devido ao fato de que os israelitas então já estavam longe do Egito fazia alguns séculos. Mas, além da influência egípcia, também devemos pensar na influência das culturas grega, miceniana e cipriota, sobre a cerâmica da Palestina. Características distintivas marcaram cada período histórico, de tal maneira que o material usado no fabrico de vasos e os estilos desses vasos provêem um método razoável para datarmos os mesmos. Naturalmente, essas distinções também dependiam de diferentes povos e civilizações, entre outras coisas, pois esses fatores também pesam, pode-se pensar até em fatores como o inter-relacionamento de culturas.

Algumas Características da Cerâmica Palestina

Essas características seguem *uma ordem cronológica*:

1. *Vasos Neolíticos.* Esses vasos eram crus e simples. A cerâmica era grosseira, feita de massa misturada com palha cortada. Alguns dos vasos eram pintados, havendo certa variedade de cores. Nesse período eram fabricados muitos vasos com formato de barril, com uma asa em forma de laço e um gargalo a certa altura. Provavelmente, esses vasos eram batedeiras, imitando odres (vasos feitos de couro), que também eram usados com esse propósito. Cerca de 6500 A.C.

2. *Idade do Bronze Antiga.* A cerâmica desse período começou a produzir jarras em formato globular, com linhas paralelas de pintura vermelha, como decoração. Em seguida, apareceram vasos de cor cinza, polidos, provavelmente introduzidos por migrantes de outras culturas. Cântaros com uma única asa e pratos polidos, de cor vermelha, têm sido encontrados em túmulos egípcios. Migrantes vindos da Anatólia, através da Síria, trouxeram uma cerâmica distinta, de cor vermelha ou negra, que tem sido achada em diversos lugares, ilustrando o comércio e o escambo da época; cerca de 3000 A.C.

3. *Idade do Bronze Média.* Apareceram nesse período outras formas de vasos. Jarras com gargalos curtos e estreitos, com bases chatas e grandes, são típicas do período. Também surgiram vasos com bicas, a pontinha virada para baixo para facilitar o ato de derramar. Foi nesse período que surgiram as primeiras lâmpadas alimentadas a azeite. Pequenos jarros de material negro, decorados com pequenos pontos brancos, aplicados, eram bem comuns, provavelmente de origem hicsa. Cerca de 2500 A.C.

4. *Idade do Bronze Moderna.* Jarras e tigelas adornadas com desenhos geométricos em branco e vermelho, ou com figuras de animais, apareceram então. Provavelmente, esses tipos foram originalmente importados da Cilícia e da ilha de Chipre. A cerâmica miceniana também era importada pela Palestina, nesse período. A cerâmica dos filisteus era de boa qualidade, com desenhos geométricos e figuras de pássaros estilizados. Cerca de 1500 A.C.

5. *Idade do Ferro.* Diferentes tipos e estilos de cerâmica assinalaram a transição da era do Bronze para a era do Ferro. A cerâmica filistéia era bastante distintiva e feita com habilidade. Eram comuns as tigelas e as jarras grandes, dotadas de duas asas; esses artigos eram de várias cores e a decoração incluía figuras de pássaros e desenhos geométricos. Jarras cilíndricas, com bases arredondadas e bocas largas, eram típicas desse período. O tempo da monarquia israelense faz parte da Idade do Ferro. Vasos de formato angular surgiram durante esse período. Têm sido encontradas peças de excelente qualidade, em Samaria. Grandes jarras armazenadoras têm sido encontradas em Hebrom, Zife e Socó. De 1200 A.C. em diante.

6. *Período Persa e Helenista.* Aumentaram então, consideravelmente, as técnicas no campo da cerâmica. Peças de cerâmica ateniense, nas cores preto e vermelho, eram exportadas para toda parte. Frascos com gargalos alongados têm sido achados em túmulos. Eram usados vasos com asas colocadas nas mais diversas posições, uma ou duas dessas asas, e dos mais variegados formatos. Os desenhos então usados eram realmente artísticos. Pintura duradoura também era empregada, cerca de 580 D.C. em diante.

7. *O Período Romano.* Peças de cerâmica de alta qualidade eram importadas pelos romanos, de tal modo que no império romano havia vasos os mais variados. Os centros nabateus, na Transjordânia, produziam peças delicadas e decorativas, com desenhos florais e outros. De 63 A.C. em diante.

II. A Massa dos Oleiros

Ver o artigo separado chamado *Argila.*

III. A Profissão dos Oleiros

Ver o artigo separado sobre *Artes e Ofícios*, 4. a.

IV. O Processo da Olaria

1. O barro era misturado com água. Então era aplicado calor para extrair parte da água, até que a massa adquirisse uma consistência plástica duradoura. As impurezas eram então removidas.

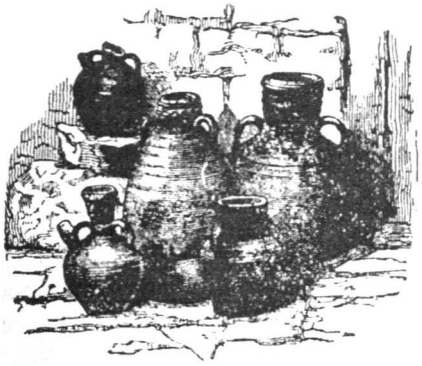
2. Eram dados os formatos desejados à massa. Na remota antiguidade, isso era feito à mão livre, mas com esse método não se obtinham simetria perfeita e nem detalhes claros. A *roda do oleiro* (vide) foi uma invenção que veio melhorar em muito essas particularidades. Também havia peças feitas em moldes e prensas, uma técnica que prossegue até os nossos dias.

3. Uma cobertura de cerâmica mais fina era usada, no caso de vasos mais dispendiosos.

4. Várias cores eram empapadas no barro, ou eram pintadas sobre o mesmo. O trecho de I Crô. 4:23 alude àqueles que tinham essa profissão. O artigo intitulado *Oleiro,* mencionado acima, supre referências bíblicas. As *cores* eram derivadas de diversos óxidos metálicos, como ferro, cobre, cobalto, cromo manganês, níquel, urânio, ouro, prata, platina, etc. Também havia essências vegetais úteis



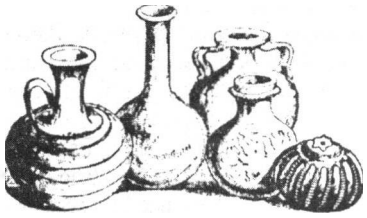
Vasos de alabastro



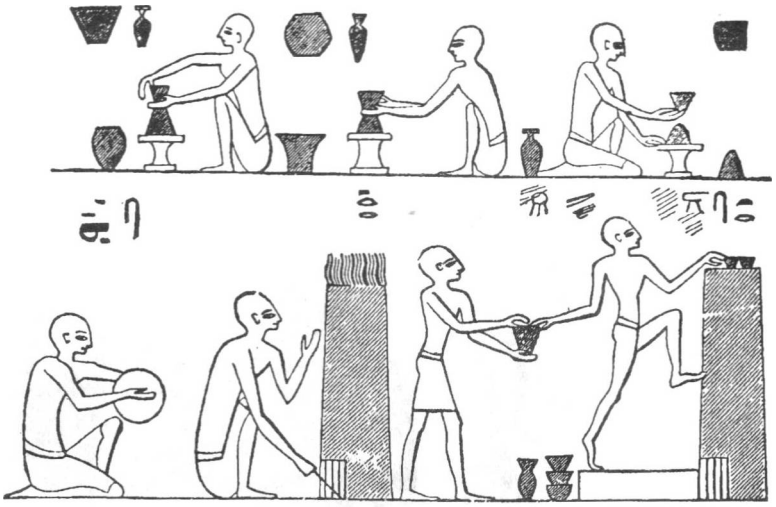
Cântaros de pedra



Potes diversos:
1, 2. de ouro 3. de vidro 4. de barro
5, 7. de porcelana 6. de pedra
8. de ouro com correias 9. de pedra
10. de alabastro, com tampa



Garrafas assírias



Egípcios fabricando olaria

USOS METAFÓRICOS

Quero ser um vaso de bênção
Um vaso escolhido de Deus
...
Para ser um vaso de bênção
É mister um vida real.
Uma vida de fé e pureza
Revestida do amor divinal.
Faze-me vaso de bênção, Senhor!
Vaso que leva a mensagem de amor.
Eis-me submisso pra teu serviço.
Tudo consagro-Te agora, Senhor.
William E. Entzminger

...e quebre o cântaro junto à fonte.
(Ecle. 12:6)

Alude à fragilidade da vida humana, tema constantemente repetido nas Escrituras. Ver I Ped. 1:24,25.

no colorido. Apareceram peças *esmaltadas,* o que aumentava a resistência e a beleza dos artigos. Isso era feito mediante a aplicação de uma mistura de pederneira, argila, pedra calcária em pó, chumbo, bórax e outros minerais. Esses materiais eram reduzidos a pó, misturados com vários líquidos e então aplicados mediante pintura ou imersão.

5. O ato de pisar o barro, para misturar bem a massa, era comum. Assim era possível usar a massa no fabrico de vasos ou de tijolos (ver Naum 3:14; Isa. 41:25). A casa do oleiro, referida em Jer. 18:1-16, provavelmente alude à sue residência, onde ele também preparava vasos e os armazenava pare futura venda. Quanto ao uso da roda do oleiro, ver o artigo *Artes e Ofícios,* mencionado anteriormente.

6. *Cozimento das* Peças. Um oleiro precisava exercer boa técnica quando cozia suas peças de cerâmica, em um forno apropriado. No cozimento, uma peça podia adquirir uma qualidade duradoura ou podia ser destruída. A Torre dos Fornos, aludida em Nee. 3:11 e 12:38, talvez aluda a fornos usados pelos oleiros. A cerâmica destruída no cozimento, ou quebrada posteriormente, podia ser reduzida a pó, misturada com água até adquirir uma consistência plástica, e, então, ser usada como vedante dos fundos e das paredes laterais de instalações pare armazenamento de água.

V. Tipos de Vasos Produzidos

A variedade de vasos era quase interminável, pelo que a lista abaixo é apenas parcial e sugestiva:

No hebraico: *'aggan,* grandes tigelas ou receptáculos; *'asuk,* grandes jarras com bicas, para azeite (II Reis 4:2). *Baqbuq,* jarras de gargalo estreito (I Reis 14:3; Jer. 19:1,10). *Gabia,* um cântaro com boca larga (I Sam. 2:14; Jó 41:20). *Kad,* pires de barro, em forma de anel, com bases arredondadas, onde se apoiavam jarras (Lev. 11:35). *Mahebat,* discos e grelhas para cozer panquecas (Lev. 2:5). *Marheset,* panelas de todos os formatos, para cozinhar (Lev. 2:7). *Masret,* panelas com cabos ou não (II Sam. 13:9). *Miseret,* gamelas. *Nebel,* jarras de vinho (Isa. 30:14). *Sir,* grandes caldeirões (II Reis 4:38). *Sap,* toda espécie de tigela. *Pak,* pequenas jarras, algumas usadas para aquecer líquidos (Juí. 6:19). *Samid,* taças rasas, para líquidos (Núm. 19:14). *Sappahat,* frascos (I Sam. 26:11 *ss). Qallahat,* panelas para cozinhar (I Sam. 2:14; Miq. 3:3).

No grego*: Módios,* um vaso de medir (Mat. 5:15). *Nipter,* uma bacia (João 13:5). *Potérion,* um copo (Mat. 10:42). *Trúblion,* uma tigela larga (Mat. 26:23). *Philale,* uma taça para ungüentos (Apo. 5:8).

Também havia receptáculos para queimar carvão (Zac. 12:6); vasos para sal e produtos similares (II Reis 2:20); potes para perfumes (II Reis 9:1 *ss);* lâmpadas (Jer. 25:10). No Novo Testamento também aparecem as *udría,* «jarras de água» (João 2:6,7). No Antigo Testamento há um total de trinta e quatro palavras hebraicas ou aramaicas que indicam tipos diferentes de vasos.

Bibliografia. AM ANI KE (1970) ND UN Z

ÓLEO

Ver sobre **Azeite (Óleo)**.

ÓLEO, ÁRVORE DE

Ver sobre a **Oliveira**. Em algumas traduções, no trecho de Isa. 41:19, há menção à «árvore de óleo» onde nossa versão portuguesa (e outras) diz «oliveira». «Árvore de óleo» é uma tradução literal. A identificação dessa espécie vegetal continua em debate. Em I Reis 6:23,31-33, temos menção à «madeira de oliveira». Alguns especialistas têm pensado que a referência em Isa. 41:19 é à árvore cujo nome científico é *Balanites aegyptiaca,* que produz um óleo que não parece nativo do vale do rio Jordão. E os jordanianos dizem que a árvore que eles denominam *zackum,* também conhecida como árvore balanita, produz um óleo vegetal de valor. Assim, permanece a dúvida sobre a espécie referida no trecho de Isa. 41:19.

OLHO

No Antigo Testamento é usada uma palavra e, no Novo Testamento, duas, a saber:

1. *'Ayin,* «olho». Esse vocábulo aparece por um pouco mais de setecentas vezes, com esse sentido, pois também pode significar idéias como «cor», «face», «fonte», «aparência», «presença», etc. Sua primeira menção fica em Gên. 3:5; e a última, em Mal. 2:17.

2. *Ophthalmós,* «olho». Palavra grega usada por noventa e cinco vezes. Para exemplificar: Mat. 5:29,38 (citando Êxo. 21:24); 6:22,23; 7:35; 9:29,30; 13:15 (citando Isa. 6:10); 13:16; 17:8; 18:9; 20:15,33; 21:42 (citando Sal. 118:23); Mar. 7:22; Luc. 2.30; João 4:35; Rom. 3:18 (citando Sal. 36:2); 11:8 (citando Isa. 29:19); 11:10 (citando Sal. 69:24); I Cor. 2:9 (citando Isa. 64:3); I Ped. 3:12 (citando Sal. 34:16); II Ped. 2:14; I João 1:1; Apo. 17:14.

3. *Ómma,* «vista», termo grego empregado por apenas duas vezes: Mat. 20:34 e Mar. 8:23.

Usos Literais. O uso literal é o mais freqüente. O sentido da percepção visual é considerado dotado de extremo valor. Um ferimento devastador contra um inimigo consistia em cegar-lhe os olhos (Juí. 16:21; I Sam. 11:2), o que serve de horrenda ilustração da ilimitada degradação humana. Os olhos são os órgãos da visão do homem (Gên. 3:6) e dos animais (Gên. 30:41); e, antropomorficamente, até de Deus (Sal. 33:18); e, simbolicamente, de objetos físicos (Eze. 1:18 e Apo. 4:5).

Usos Metafóricos. Esses são os mais variegados: 1. Como símbolo do orgulho, como no caso dos olhares altivos (Isa. 5:15); 2. da piedade (Deu. 7:16); 3. do sono (Gên. 31:40); 4. dos desejos (Eze. 24:16); 5. da constante vigilância de Deus (Sal. 1:6); 6. da medida de juízo e retribuição absoluta, como na expressão «olho por olho», em Lev. 24:20; 7. de um encontro face a face («olho com olho», no original hebraico) (Núm. 14:14); 8. da visão completa (Gên. 42:24); 9. da iluminação espiritual (Sal. 19:8; Luc. 11:34; Efé. 1:18); 10. do cansaço, «amortecidos» (Sal. 6:7; Jó 17:17); 11. da generosidade, como em «olhos bons», em Luc. 11:34; 12; dos olhos maus, que representam a inveja e o desejo de prejudicar (Deu. 28:54; Pro. 28:22; Mar. 7:22). Ver o artigo separado sobre esse assunto, sob o título *Inveja.* 13. Da facilidade com que as tentações assaltam um homem, por meio de seus olhos e demais sentidos (Gên. 3:6; I João 2:16); 14. os olhos altivos indicam a arrogância e o orgulho (Sal. 18:27; Isa. 10:12); 15. o olho bom (Mat. 6:22) representa simplicidade e sinceridade; 16. a concupiscência, como no caso dos olhos cheios de adultério (II Ped. 2:14); 17. aquilo que é motivo de profundo deleite, a pupila do olho (Deu. 32:10; Zac. 2:8); 18. a fixação da atenção sobre as coisas apropriadas; os olhos do sábio estão em suas cabeças (Ecl. 2:14); em contraste com isso, os olhos dos tolos vagueiam pelos confins da terra (Pro. 17:24); 19. abrir os olhos é dar toda a atenção a alguma coisa (Núm. 24:3); 20. ter olhos que não vêem é mostrar-se insensível para com as realidades espirituais (Isa. 6:10; Rom. 11:8); 21. arrancas os próprios olhos e dá-los a outrem indica grande amor e sacrifício pessoal (Gál.4: 15); 22. o olho insatisfeito é a ganância que jamais se satisfaz (Ecl. 4:8); 23. ciscos ou traves no olho indicam pecados menores ou maiores, que obstruem a visão espiritual e nos impedem de tratar outras pessoas com a devida justiça (Mat. 7:3).

OLHO, CEGUEIRA DO

Ver sobre **Crimes e Castigos.**

OLHO MAU (MAU OLHADO)

Esse é um assunto comumente ventilado, nas religiões primitivas, havendo algum reflexo da idéia na Bíblia. Ao falar em «religiões primitivas», não queremos dizer que não exista o olho mau, ou que a noção não faça parte das religiões modernas. O *olho mau* é o suposto poder que uma pessoa tem para prejudicar ou mesmo matar, mediante um olhar carregado de maldade e de maldição. Fica entendido que o indivíduo que lança tal olhar seja uma pessoa dotada de

poderes psíquicos, impulsionada por algum espírito, de tal modo que seu intuito, ao olhar para alguém ou para alguma coisa, se cumpra. Meu irmão, quando trabalhava como missionário evangélico na África, encontrou casos dessa natureza e mais de um de seus evangelistas foi alvo das maldições lançadas por algum bruxo africano. Coisa alguma lhes aconteceu, nesses casos; mas há evidências suficientes para provar que, em alguns casos, algum tipo de poder maligno entra em operação, nos maus olhados, que pode prejudicar ou mesmo matar.

Proteção. Há quem use encantamentos; outros proferem orações; também são aplicadas contramaldições. Alguns estudiosos vêem algo assim, envolvido no trecho de Juízes 8:21. Também há juramentos feitos, solicitando a proteção de forças divinas. Alguns pensam que a inveja é a grande força por detrás do mau olhado. Isso tem levado ao costume, de algumas pessoas que, ao olharem para outras pessoas, animais, crianças, ou seja o que for, com olhar de admiração, também dizerem: «Deus te abençoe», para que as outras pessoas entendam que elas são impulsionadas por bons desejos, e não por qualquer sentimento de inveja, que produziria o malfadado «mau olhado». Tudo isso envolve o mais puro egoísmo. Ver também trechos como Deu. 28:54,56 e Pro. 28:22, que também têm em mira o simples egoísmo. A inveja ou o egoísmo também figura em Mat. 20:5. Ver, igualmente, Mat. 6:22,23 e Luc. 11;34, quanto a outras possíveis referências à questão.

OLHOS, COBERTURAS DOS

Essa expressão não aparece na nossa versão portuguesa, mas é o que se lê no original hebraico, em Gên. 20:16, bem como em algumas versões estrangeiras. A expressão tem sido variegadamente interpretada. No hebraico é *kesuth ayin,* «cobertura do olho». Alguns intérpretes pensam que Abimeleque aconselhou Sara e suas mulheres, enquanto estivessem na cidade ou nas proximidades, a conformarem-se no costume do uso do véu, visto que, nos países do Oriente, o véu não cobria apenas os cabelos, mas também a maior parte do rosto, ao passo que virtualmente apenas os olhos eram deixados de fora. Ver o artigo sobre o *Véu.* No entanto, outros estudiosos pensam que está em foco alguma espécie de dádiva, à guisa de compensação pela vergonha que ela sofrera na corte real. Esta última é a interpretação adotada por nossa versão, onde se lê: «...será isto compensação por tudo quanto se deu contigo; e perante todos estás justificada» (Gên. 20:16).

OLHOS, DOENÇAS DOS

Ver o artigo sobre as **Doenças da Bíblia.**

OLHOS, PINTURA DOS

A pintura das pálpebras, dos cílios e das áreas ao redor dos olhos tem sido um costume dos povos, desde os tempos mais remotos. Os hebreus costumavam fazer isso e, aparentemente, muito antes deles, era algo costumeiro no Egito. A arqueologia tem demonstrado que desde cerca de 4000 A.C., os bedarianos, do Egito, costumavam reduzir a pó a malaquita verde, compactando-a em tabletes para ser então usada como material de pintura dos olhos, a qual era aplicada com o auxílio de um pincelzinho. É possível que o preparado atuasse como germicida; mas podemos estar certos de que a vaidade feminina estava à raiz desse costume. Um bastãozinho de pintura foi encontrado em Heracômpolis, da época dos reis da primeira dinastia do Egito, cerca de 2900 A.C. Encontrava-se entre as coisas que tinham pertencido ao rei Narmer e era bastante grande. Sabe-se que os fenícios e vários povos mesopotâmicos também praticavam esse costume. Jezabel pintava seus olhos (II Reis 9:30). O trecho de Jer. 4:30 fala em aumentar o tamanho dos olhos com pintura. Presumivelmente isso aumentava a beleza do rosto feminino. O profeta Ezequiel referiu-se, consternado, a essa prática juntamente com outras de idêntica natureza, quando denunciou a vaidade e os pecados de Israel (Jer. 23:40). A terceira filha de Jó chamava-se Quéren-Hapuque, «chifre de pintura» (Jó 42:14), uma evidente referência à pintura de olhos. Essa referência de modo algum deve ser entendida em sentido depreciador. O pó usado como pintura dos olhos era guardado em um chifre, de onde era retirado em pequenas quantidades para ser misturado com água, antes de ser aplicado aos olhos. Também havia um pó feito de *antimônio* (vide).

Materiais Usados. Minerais reduzidos a pó, minério de chumbo, sulfito de chumbo, de várias cores, além de substâncias vegetais variadas. O mineral estíbio ou antimônio (vide), que era usado com esse propósito, aparece alistado como parte do tributo pago por Ezequias a Senaqueribe, da Assíria, nos *anais* deste último.

Decoração Feminina. As mulheres sempre se sentiram inclinadas por decorar os seus corpos, de uma maneira ou de outra, usualmente de vários modos, ao mesmo tempo, para grande consternação dos profetas e pregadores. Quando eu era jovem, o costume geralmente era muito condenado nas igrejas evangélicas, embora poucas mulheres ousassem quebrar a regra. Mas, quando Billy Graham foi à Europa, e sua esposa usou um pouco de batom nos lábios, isso escandalizou muitos crentes dali. Mas, desde então, o uso do batom começou a crescer no seio das igrejas evangélicas. Certo pregador chegou a dizer: «A porta de qualquer celeiro parece melhor quando está pintada». Isso é verdade, naturalmente, e a lógica nisso envolvida é difícil de derrotar. Mas, visto que o impulso para enfeitar-se passa, nos genes femininos, de mãe para filha, nenhuma pregação conseguirá eliminar totalmente o costume. A grande regra a ser aplicada nesse caso é aquela já bem testada e aprovada, que os gregos louvavam tanto: a *moderação.* Pessoalmente, já deixei de acreditar (como o fazia, quando era adolescente) que um pouco de enfeite seja capaz de prejudicar espiritualmente uma mulher. Além disso, algumas jóias são capazes de fazê-la parecer melhor, e também não lhe traz qualquer dano espiritual. O que prejudica a espiritualidade de uma pessoa, homem ou mulher, é o pecado: matar, roubar, adulterar, mentir, entregar-se à idolatria, usar de hipocrisia, a maledicência, a inveja, o ódio, a falta de caridade com o próximo e coisas semelhantes, que realmente são condenadas na Bíblia. Se uma mulher crente não tem segundas intenções, quando se enfeita, nada há de errado nisso. Muitas mulheres de Deus, cujas vidas nos são retratadas com certo detalhe, enfeitavam-se. Mas, naturalmente, o ponto também envolve uma questão de consciência pessoal, que cada pessoa crente precisa resolver diante de si mesma e do Senhor. Uma boa diretriz a ser observada é a que diz: «...e tudo o que não provém de fé é pecado» (Rom. 14:23).

OLIVEIRA (AZEITONA)

A palavra hebraica correspondente é *zayit;* e o termo grego que lhe corresponde é *elaía.* Em Rom. 11:24, são usadas palavras compostas: *kallielaíos,* para a boa oliveria; e *agrielaíos,* para indicar a oliveira brava. Ver o artigo separado intitulado *Azeite (Óleos),* quanto a uma completa descrição do valor desse produto da oliveira e de outras espécies vegetais. Apesar de não ser o óleo mais exótico, o azeite de oliveira é, em muito, o mais valioso e mais comumente empregado dos óleos vegetais; pelo menos assim pensavam os antigos. A primeira menção à oliveira acha-se em Gên. 8:11, em relação à pomba que retornou à arca de Noé, trazendo um raminho de oliveira no bico, como que mostrando que as águas do dilúvio estavam baixando de nível. O trecho de Deu. 6:11 mostra-nos que essa árvore era nativa na Palestina, e muito comum ali, quando o povo de Israel entrou para tomar posse da Terra Prometida. As passagens de I Sam. 8:14 e II Reis 5:26 falam sobre o valor da oliveira e seus produtos. O nome científico da oliveira é *Olea europaea,* embora essa espécie seja tida como nativa da Ásia ocidental. Os orientais tinham um respeito especial pela oliveira, considerando-a símbolo da beleza, da força e da prosperidade. Seus ramos acabaram associados às idéias de amizade e paz. Ver Sal. 52:8. Há várias espécies de oliveira. No Oriente Próximo e Médio há quatro variedades; e, em certas áreas, como em torno de Hebrom e de Belém, essa árvore é

abundante, podendo ser a única árvore de certa envergadura, nas circunvizinhanças. As oliveiras cultivadas atingem cerca de 6 m de altura, com um tronco contorcido e numerosos galhos. É uma das poucas árvores que pode atingir séculos de vida. Embora nenhuma oliveira conhecida na Palestina remonte ao século I de nossa era, algumas delas, na verdade, têm várias centenas de anos. Se a oliveira for decepada, novos rebentos nascem das raízes, ao ponto de nada menos de cinco novos troncos aparecerem onde antes havia um só. O azeite é o produto mais valorizado da oliveira, embora ela também seja uma árvore que produz boa sombra, importante nos lugares de sol tórrido.

Na antiguidade, a oliveira era mais larga e intensamente distribuída do que em nossos dias. Havia grandes bosques de oliveiras à beira da planície da Fenícia, como também na planície de Esdrelom, no vale de Siquém, em Belém, Hebrom, Gileade, Laquis e Basã. A oliveira medra bem à beira-mar, e resiste bem à atmosfera salina que ali domina. O trecho de Deu. 28:40 sugere que deveriam ser plantadas oliveiras beirando as costas marítimas.

Os ocidentais, tão acostumados com as árvores perenemente verdes, não percebem muita beleza na oliveira; mas no Oriente quase não há espécies vegetais perenemente verdes, pelo que a folhagem da oliveira apresenta uma visão atrativa. A oliveira é dotada de grande resistência, podendo sobreviver onde poucas espécies podem fazê-lo. A produção de azeitonas é profusa, até mesmo quando há condições aparentemente adversas; e um mínimo de cuidados pode conseguir isso.

A colheita das azeitonas, que ocorre perto dos fins do mês de novembro, geralmente é abundante. Uma única árvore pode produzir 75 litros de azeite. Os ramos são sacudidos ou batidos com varas, a fim de que as azeitonas se desprendam e caiam no chão. Essa maneira de colher as azeitonas primitiva e, por muitas vezes, prejudicial, é mencionada em Deu. 24:20, e continua sendo usada, embora o método de colher uma por uma seja atualmente mais empregado. O azeite era extraído das azeitonas pondo-se as mesmas em uma cisterna rasa, para então serem esmagadas por uma grande pedra vertical de moinho. O trecho de Deu. 33:24 mostra-nos que, algumas vezes, as azeitonas eram esmagadas com os pés, à maneira das uvas. Se deixado em descanso por algum tempo, o azeite separa-se de outro material das azeitonas. Na antiguidade, o azeite era armazenado em jarras ou cisternas cavadas na rocha.

Na oliveira, somente uma flor de cada cem produz fruto, mas a inflorescência é tão densa que isso não apresenta qualquer problema de produtividade. E quando as pétalas caem, sopradas pelo vento, elas são tão numerosas que parece estar nevando.

O principal produto da oliveira é o azeite, descrito com abundância de detalhes no artigo intitulado *Azeite*. Também há outros usos, mencionados no Antigo Testamento. Os querubins do templo de Salomão foram esculpidos em madeira de oliveira (I Reis 6:23). A madeira da oliveira até hoje é usada no fabrico de móveis de qualidade. Essa madeira pode adquirir um alto polimento. Ramos de oliveiras eram usados para construir cabanas, por ocasião da festa dos Tabernáculos (Nee. 8:15). Azeitonas frescas ou preparadas em salmoura eram comidas com pão.

O fruto da oliveira brava é pequeno e sem valor pelo que é mister enxertá-la na boa oliveira para que se obtenha boa produtividade. Paulo usou essa circunstância para apresentar uma metáfora espiritual, em Rom. 9:17.

Usos Figurados:

1. A paz reconciliadora de Deus (Gên. 8:11).

2. Alguns estudiosos pensam que os querubins do templo, feitos de madeira de oliveira, representam acesso ao Senhor (ver I Reis 6:23).

3. As duas oliveiras ungidas (ver Juí. 9:8,9; Sal. 52:8; Apo. 11:4) provavelmente tinham algum simbolismo que não é claro em nossos dias. Alguns estudiosos têm cristianizado isso, como se essas oliveiras falassem sobre as duas naturezas de Cristo ou, então, seus ofícios de sacerdote e profeta. Já em Apo. 11:4 o simbolismo é mais claro. As duas testemunhas que aparecerão nos últimos dias são comparadas a duas oliveiras e dois candeeiros. O simbolismo é tomado por empréstimo de Zac. 4:1-14. As oliveiras falam sobre as testemunhas ungidas, estando essas árvores associadas ao azeite da unção. O azeite de oliveira era o combustível das lâmpadas do candeeiro do tabernáculo e do templo. O fato de que aquelas testemunhas são duas, tem sugerido as pessoas de Moisés (representante da lei) e de Elias (representante dos profetas), como quem era símbolo de Jesus Cristo, embora talvez isso já seja levar longe demais essa metáfora.

4. As oliveiras cultivadas representam o povo de Deus, estando em destaque a utilidade, a beleza e o vigor espiritual deles. Ver Jer. 11:16 e Osé. 14:6.

5. Em contraste com isso, os gentios são comparados com oliveiras bravas, para nada servindo, segundo a estimativa dos judeus. Os ramos de oliveira brava precisam ser enxertados no tronco de uma oliveira cultivada, se tiverem de tornar-se produtivos. Israel, que é nação tipificada pelos ramos da boa oliveira, foi cortada por motivo de apostasia e então, os ramos da oliveira brava, uma vez enxertados no tronco da boa oliveira, passaram a ser produtivos (ver Rom. 11:17,24). Não é cientificamente verdadeiro que um ramo de oliveira brava, uma vez enxertado em uma boa oliveira, passa a produzir bons frutos, de modo «contrário à natureza»; mas tal processo serviu ao propósito que Paulo tinha em mente.

6. Os ímpios parecem-se com oliveiras que deixam cair suas folhas antes da estação própria, e, por isso mesmo, permanecem estéreis (ver Jó 15:33).

7. As crianças são comparadas com oliveiras que se reúnem em torno da mesa de seus pais. Não demora muito para que cresçam e se tornem pessoas independentes, passando a ser adultos úteis e possuidoras de beleza toda própria, da mesma maneira que uma oliveira cresce e produz azeitonas no tempo certo (Sal. 128:3).

OLIVEIRAS, MONTE DAS

Ver **Monte das Oliveiras**.

OM (CIDADE)

No hebraico, essa palavra significa «força». Deriva-se do nome egípcio, *'Iwnw*, «cidade da coluna». Esse era o nome de uma cidade egípcia onde vivia Potífera, que veio a tornar-se sogro de José, filho de Jacó. Potífera era um sacerdote egípcio cuja filha, Asenate, veio a ser a esposa de José (Gên. 41:45,50; 46:20). A antiga cidade de Om era a capital da décima terceira província do Baixo Egito. Ficava localizada cerca de dez quilômetros a nordeste da moderna cidade do Cairo, e cerca de cinco quilômetros ao norte da moderna cidade de *Heliópolis* (vide). O local conta com ruínas espalhadas hoje em dia, recebendo o nome de *Tell Hisn*. A Septuaginta chama Om de Heliópolis, em Gên. 41:45,50 e Isa. 45:20. O trecho de Êxo. 1:11 informa-nos que Om era uma das cidades edificadas pelo trabalho escravo dos israelitas. Heliópolis, por sua vez, significa «cidade do sol». Em Jer. 43:13, lemos: «...Bete-Semes na terra do Egito...», para distingui-la de uma cidade do mesmo nome, existente no território da Palestina.

Heliópolis era a cidade dedicada ao deus-sol, Rá. Além de ser ela distinguida como o centro dessa adoração idólatra, também era uma cidade-santuário do Egito, sendo uma das quatro mais distinguidas cidades egípcias, devido às suas elaboradas festas religiosas em honra ao sol. Quanto a maiores comentários sobre essa cidade, ver o artigo intitulado *Heliópolis*.

OM (PESSOA)

No hebraico, «força». O manuscrito A da Septuaginta grafa o seu nome como *Aunan*, que corresponde a *Onã;* mas, no texto massorético, essa forma do nome já aponta para um homem diferente. Seja como for, parece que esses nomes próprios tinham alguma

ligação um com o outro. Talvez Om fosse uma forma abreviada daquele nome. Om foi um líder da tribo de Rúben, e era filho de Pelete. Ele notabilizou-se porque, juntamente com Coré, fez oposição a Moisés, quando Israel estava no deserto (ver Núm. 16:1). Ele viveu em torno de 1470 A.C.

OMAR

No hebraico, «falador». Era filho de Elifaz, filho de Esaú (Gên. 36:15; I Crô. 1:36). Ele era o cabeça de um clã edomita. Viveu em torno de 1900 A.C.

OMBREIRA

Uma das três partes formadoras de uma porta, havendo o limiar, as ombreiras laterais, onde havia os soquetes onde os pivôs eram postos, e a verga da porta, ou peça horizontal, na parte superior da entrada. Moisés ordenou aos israelitas que escrevessem mandamentos divinos, ou sentenças das Escrituras, nas ombreiras das portas, parcialmente como um ato de piedade e também como proteção para as casas. O contexto é o sexto capítulo de Deuteronômio, onde essa ordem aparece (vs. 9), especialmente a fim de fazer as palavras do Senhor serem vitais para os israelitas. Eles deveriam guardar no coração os mandamentos de Deus, ensinando-os a seus filhos, atando-os às suas mãos e em chapas postas sobre a testa, além de escrevê-los nas ombreiras das portas. Desse modo, não se esqueceriam de sua herança espiritual. Ver o artigo sobre *Portas.*

OMBRO

No hebraico há dois vocábulos envolvidos; no grego, um:

1. *Katheph*, «ombro». Palavra hebraica usada por vinte e duas vezes. Para exemplificar: Êxo. 28:7,12, 25; Núm. 7:9; Deu. 33:12; Isa. 11:14; 30:6; Eze. 12:6,7,12; 34:21; Zac. 7:11.

2. *Shekem,* «ombro». Palavra hebraica usada por dezessete vezes. Por exemplo: Gên. 9:23; 21:14; 24:15,45; Êxo. 12:34; Jos. 4:5; Juí. 9:4; I Sam. 9:2; 10:23; Sal. 81:6; Isa. 9:4,6; 22:22.

3. *Ōmos,* «ombro». Vocábulo grego usado por duas vezes: Mat. 23:4 e Luc. 15:5.

Essa palavra é usada na Bíblia tanto em sentido literal quanto em sentido figurado. Em ambos os casos, o ombro usualmente aparece como aquela parte do corpo humano onde algum peso é transportado. Isso é natural, porquanto é a única porção do corpo humano com uma área horizontal apreciável. A outra porção conveniente é o alto da cabeça. Muitos povos se acostumaram a levar, também, cargas sobre a cabeça. No interior de muitos estados nordestinos, no Brasil, há pessoas dotadas de uma incrível capacidade de equilíbrio sobre a cabeça, onde carregam as mais variadas cargas.

Os antigos transportavam objetos pesados sobre os ombros (Gên. 21:14). O pastor que encontrou a sua ovelha perdida (Luc. 15:5) é retratado a transportá-la nos ombros. Há nisso um reflexo do lindo relacionamento entre Deus e os seus filhos, segundo se percebe em Deuteronômio 33:12. Ambos os trechos bíblicos (Deu. 33:12 e Luc. 15:5) ilustram o estado humano de dependência a Deus, sobretudo no aspecto de como resolver o seu pecado pessoal.

Figuradamente, os ombros usualmente indicam a atitude de submissão, sem importar se diante de uma carga inesperada ou diante de uma responsabilidade assumida voluntariamente. Mateus, ao referir-se às leis desnecessárias, impostas pelos fariseus sobre os judeus em geral, em vez de entregarem a questão aos cuidados de Deus, diz que Jesus comentou: «Atam fardos pesados e difíceis de carregar e os põem sobre os ombros dos homens; entretanto, eles mesmos nem com o dedo querem movê-los» (Mat. 23:4). Isaías relaciona a promessa do Senhor de que o jugo assírio seria quebrado, com a idéia de que esse jugo seria tirado de cima dos ombros de seu povo (Isa. 14:25). Os primeiros sacerdotes de Israel foram instruídos a usar, entre outras peças de seu vestuário especial, uma estola sacerdotal sobre os ombros, na qual havia duas pedras gravadas com os nomes de seis tribos em cada uma. Uma pedra ficava sobre o ombro esquerdo e a outra sobre o ombro direito (Êxo. 28:1-12). Isso significava que os sumos sacerdotes eram os responsáveis pela vida espiritual do povo de Israel. Finalmente, falando em termos proféticos acerca do Messias, Jesus de Nazaré, Isaías referiu-se à responsabilidade que ele teria de julgar, quando escreveu: «...o governo está sobre os seus ombros...» (Isa. 9:6).

ÔMER

Ver sobre **Pesos e Medidas**.

ONÃ

No hebraico, «vigoroso». Com alguma variação na grafia, esse foi o nome de três personagens que figuram no Antigo Testamento, a saber:

Com um *men* (letra hebraica correspondente ao nosso «m») no fim:

1. Um neto de Seir ou Edom, irmão de Jacó. Seu pai chamava-se Sobal (Gên. 36:23; I Crô. 1:40). Ele viveu em cerca de 1700 A.C.

2. Um filho de Jerameel (I Crô. 2:26,28). Ele fundou um dos clãs da tribo de Judá. Viveu em torno de 1490 A.C.

Com um *nun* (letra hebraica correspondente ao nosso «n») no fim:

3. O segundo filho de Judá, cuja mãe era cananéia (Gên. 38:4; 51:12; Núm. 26:19; I Crô. 2:3). Ele se tornou mais conhecido devido a uma curiosa circunstância, que envolve o *casamento levirato* (vide). Tendo morrido seu irmão mais velho, Er, Onã desposou a viúva daquele, Tamar. Ele tinha sexo com ela, mas evitava engravidá-la, derramando o sêmen no chão, naquela prática que, mais educadamente, chama-se *coitus interruptus.* Dessa circunstância é que se deriva a expressão «onanismo» ou «pecado de Onã», ou seja, a masturbação. Apesar de o pecado de Onã não ser exatamente esse, podemos entender como as duas coisas vieram a ser associadas. O episódio é narrado em Gên. 38:1-11. Apesar de talvez sorrirmos diante do que nos pode parecer uma ridícula circunstância, o trecho de Gên. 38:10 diz-nos que o Senhor tirou a vida de Onã por causa disso. Todavia, não sabemos quais as circunstâncias da morte dele, embora o caso nos admire. Atualmente, a poligamia é proibida por lei. Mas, naquele tempo, se não fosse levada a termo, pelo menos no caso do casamento levirato, era considerada uma ofensa grave.

ONICHA

No hebraico, **shecheleth**. Ocorre somente por uma vez em toda a Bíblia, em Êxo. 30:34. Ali aparece como um dos ingredientes do santo incenso. Segundo vários autores, provavelmente uma substância extraída de certos tipos de moluscos, talvez o *Strombus,* o qual, juntamente com outras espécies, emite um aroma forte e penetrante, quando queimado. O mar Vermelho exibe várias espécies desse molusco.

ONIPOTÊNCIA

Esboço:

1. Discussão Geral e Uso do Termo
2. Considerações Filosóficas
3. Considerações Teológicas
4. Considerações Bíblicas

1. Discussão Geral e Uso do Termo

Ver o artigo geral onde é discutido esse atributo de Deus, *Atributos de Deus.* Essa palavra portuguesa vem do latim, *omnis* e *potens,* ou seja, «todo poder» Podemos definir essa palavra dizendo que ela fala sobre um poder universal e ilimitado. Vinculada ao monoteísmo, essa noção leva-nos à idéia da concentração de todo o poder em um único Ser, embora reconhecendo que outros seres são dotados de certa medida de poder. A onipotência consiste no poder sobre todas as coisas, bem como na capacidade de fazer todas as coisas. Platão definia o *ser* como «poder», o que indicava que o Ser Supremo tam-

bém é Poder Supremo. O termo implica, primariamente, em uma Causa Primária e em causas secundárias. O ocasionalismo (ver o *Problema Corpo-Mente*, seção quinta) faz de Deus a única causa, o que é reiterado por algumas religiões orientais, de acordo com as quais só Deus é real, e tudo o mais é ilusório.

A idéia de onipotência subentende que há uma influência absoluta que mantém sob controle todas as coisas em todo o tempo e em todos os lugares. Essa é a influência que garante a imortalidade humana, porquanto podemos esperar que Deus continue exercendo sua influência e controle universais em todas as dimensões da existência. Essa é outra maneira de aludir ao fato de que Deus é o Sustentador de todas as coisas. Ele é tanto o Criador quanto o Sustentador; e ambas essas coisas requerem o exercício de sua onipotência.

A onipotência está ligada à própria existência, e não meramente ao que Deus possa querer fazer. Trata-se de uma ramificação existencial da compreensão de Deus como Ser Todo-Poderoso. Ser é Poder; e Deus é esse Poder. E esse poder manifesta-se também através de poderes secundários, cuja existência é garantida pelo Poder divino.

A onipotência implica em um outro atributo divino, a independência. Deus é vivo e é a substância mesma da vida, sendo um Ser autoexistente. Todos os outros seres dependem dele para vir à existência e continuar existindo. Os poderes secundários, pois, são dependentes.

2. Considerações Filosóficas

A palavra onipotência é um termo negativo, pois que, realmente, procura ocultar um vácuo em nosso conhecimento. Quando dizemos que Deus é «onipotente», queremos indicar «muitíssimo poderoso», porque não temos nem qualquer conhecimento teórico do que significa «muitíssimo poderoso» e nem temos qualquer experiência pessoal com a onipotência divina. Quanto a outra discussão filosófica a respeito, ver o artigo *Onipotência, Paradoxos da*.

3. Considerações Teológicas

A maioria dos ramos da cristandade tem permanecido fiel ao conceito tradicional da onipotência de Deus. O mormonismo é uma das exceções. Visto que aquele grupo religioso supõe que Deus evoluiu até ser o que é, é natural supormos que Deus está em estado de fluxo, não tendo ainda chegado a um estado absoluto. Assim, se o seu poder é muito grande, ele não é Todo-Poderoso. Ademais, visto que existiriam outros deuses (sem importar que estejam distantes de nós), sempre torna-se possível que os nossos deuses (o Pai, o Filho e o Espírito Santo, conforme a concepção do mormonismo) não sejam os deuses mais poderosos que existem. Um Deus em evolução não pode ser considerado onipotente! Acresça-se a isso que nenhuma religião politeísta jamais foi suficientemente corajosa para asseverar a onipotência de qualquer deus em particular. Nos sistemas politeístas, o poder fica distribuído entre as suas divindades, nunca aparecendo depositado, em sua inteireza, em qualquer ser ou em qualquer lugar.

Alguns teólogos cristãos têm concebido um Deus limitado, tanto por sua própria natureza quanto por auto-limitação. Para exemplificar, a encarnação foi a mais conspícua das autolimitações divinas, embora difícil imaginar um Deus todo-poderoso, mas que permite que todo tipo de coisa errada aconteça no mundo. Para esses, Deus não estaria controlando tudo, razão pela qual o mal e a tragédia teriam entrado na criação, lançando sua perturbação. Mas, mesmo para esses estudiosos, Deus é poderoso o bastante, de modo que podemos esperar o triunfo final do bem sobre o mal.

Considerações Negativas. É verdade que Deus não pode praticar o erro; e isso poderia parecer uma limitação em seu poder. Por outra parte, devemos considerar que a prática do mal é uma fraqueza, e não uma fortaleza; e, assim sendo, a prática do mal nada tem a ver com a onipotência,

4. Considerações Bíblicas

O Antigo Testamento não contém qualquer argumento direto em prol da onipotência de Deus, apesar de descrevê-lo como muito poderoso. Mas, no Novo Testamento grego, *pantokrátor,* «todo-poderoso», é um dos títulos dados a Deus. Ver II Cor. 6:18; Apo. 1:8; 4:8; 11:17; 15:3; 16:7,14; 19:6,15; 21:22. Quase sempre, contudo, podemos deduzir um conceito da onipotência divina mediante as obras de Deus. Deus realiza maravilhas sobre a natureza, inconcebíveis para o homem ou para qualquer coisa que o homem conheça como poderoso (ver Gên. 1:1-3; Isa. 44:24; Heb. 1:1). Deus pode criar coisas a qualquer tempo (Mat. 3:9; Rom. 4:17). Coisa alguma é impossível para Deus (Gên. 18:14). Coisa alguma está fora do alcance de seu poder (Dan. 4:35; Amós 9:2,3). Deus observa e cuida das menores coisas, como a queda de um pardal ou o número de cabelos em nossa cabeça (Mat. 10:13; Luc. 12:7), pelo que o seu poder envolve até mesmo as coisas mais triviais. Isso exprime um *teísmo* puro (vide). Em Deus há um poder todo-poderoso, do qual podemos tirar proveito. O homem espiritual é capaz disso.

A onipotência de Deus não impõe restrições à sua autolimitação. Usualmente, o problema do mal esconde-se por detrás dessa doutrina. Para alguns, é necessária para o cumprimento do plano de redenção dos homens. Deus exerce pleno controle sobre o *modus operandi* de Seu poder. Além disso, a existência do livre-arbítrio serve de evidência da autolimitação de Deus. Deus prevê que o homem agirá livremente, e permite que o homem atue com liberdade, para que possa experimentar um genuíno desenvolvimento espiritual, sem ser reduzido a um escravo, pela divina compulsão. A graça é *irresistível,* conforme ensina o calvinismo, mas isso *dentro de* um contexto mais abrangente, mais amplo do que aquele sistema tem imaginado. Em primeiro lugar, o poder de Deus é inspirado pelo seu *amor, o* que significa que se mostra remidor para com os eleitos, e restaurador para com os não-eleitos. O poder de Deus está por detrás tanto da redenção quanto da restauração, pelo que ambos esses atos divinos são certos e irresistíveis. Ver o artigo sobre *Restauração.* Se não nos esquecermos que o amor de Deus está por detrás do seu poder, então não teremos dificuldades ante doutrinas negativas que destroem a missão universal de Cristo. A missão de Cristo é tríplice: na terra, no *hades* e nos céus. Foi e continua sendo. E o seu amor que inspira ao poder de Deus, tornará eficaz cada um desses aspectos da missão de Cristo, ainda que, de acordo com os padrões humanos, um longo tempo seja necessário para que tudo se complete.

Alguns nomes de Deus sugerem a sua onipotência, como é o caso de *El* («poderoso»). Sua forma plural de intensificação, *Elohim,* enfatiza a plenitude do poder de Deus. O título *El Shaddai* salienta o poder de Deus. *'Abhir* significa «o forte». E no Novo Testamento grego temos o título *pantokrátor,* «todo-poderoso». Deus é a base mesma da existência, e, conforme Platão declarou, Ser é Poder. A própria existência aponta para um grande poder, e esse poder, em sua manifestação mais alta, é o Poder Divino.

ONIPOTÊNCIA, PARADOXOS DA

Vários paradoxos são sugeridos mediante a doutrina que ensina que Deus é o Todo-Poderoso, a saber:

1. *O problema do mal* (vide). É difícil reconciliar a onipotência de Deus com a presença do mal no mundo. Se Deus é o Todo-Poderoso, como ele permitiu a entrada do mal em sua criação, de uma maneira tão evidente e generalizada? Diante desse dilema, alguns teólogos têm sacrificado erroneamente a onipotência de Deus; e têm imaginado que, a despeito de ser muito poderoso, Deus foi incapaz de impedir o aparecimento de todos os problemas. Sendo muito poderoso, é de esperar-se que Deus fará o bem, finalmente, triunfar sobre o mal, mas isso através de um conflito real, que terá de invadir a eternidade para poder chegar a bom termo. O artigo sobre o *Problema do Mal* tenta explicar como Deus pode ser o todo-poderoso, e isso paralelamente ao fato da existência do mal no mundo.

2. *O problema da liberdade.* Deus conferiu ao homem uma liberdade genuína, ainda que sabendo que o homem abusaria dela e que daí resultaria o mal. Essa liberdade do homem limitou o poder de Deus, embora possamos dizer que se trata de uma autolimitação. O

resultado dessa autolimitação foi a entrada do mal no mundo. Surge, pois, a pergunta: Pode Deus criar algo que, subseqüentemente, ele não consiga mais controlar? Nesse caso, Deus não seria onipotente. Alguns teólogos, em busca de uma solução, têm sacrificado a onisciência de Deus, para impedir que esse paradoxo faça parte da teologia. E alguns teólogos têm visto a solução para o dilema na idéia de que o *objetivo primário* de Deus não era impedir a presença do mal na sua criação, e, sim, outorgar ao homem um plano genuíno de desenvolvimento espiritual, dentro de cujo plano o homem *tivesse* de fazer escolhas entre o bem e o mal, com as conseqüências advindas dessa escolha.

3. *Deus não pode praticar o mal. Isso*, de acordo com alguns, mostra que o poder de Deus é limitado. Porém, temos aí um pseudo problema, porquanto praticar o mal é uma debilidade, e não um ponto forte.

4. Um outro pseudo problema é aquele que indaga: «Pode Deus criar um peso tão grande que ele não possa erguê-lo? Se o poder de Deus, por um lado, é ilimitado, então Deus deve ser capaz de fazer isso. Mas, por outro lado, se Deus assim fizesse, o seu poder não seria ilimitado. Temos aqui, portanto, apenas um sofisma de ignorância de causa.

ONIPRESENÇA

Ver o artigo geral intitulado **Atributos de Deus**. Ver também **Onipresença, Paradoxos da.**

Esboço:

1. Definições e Usos
2. Onipresença e Onipotência
3. A Imaterialidade
4. Os milagres e a Presença Interior do Espírito
5. Imanência e Transcendência
6. Indícios Bíblicos

1. Definições e Usos

Esse termo vem do latim, *omnis,* «toda», e *praesens,* «presença». Indica aquela qualidade ou capacidade de estar presente em todos os lugares ao mesmo tempo. Essa qualidade é um dos tradicionais principais atributos de Deus. Nem todos os teólogos cristãos têm-se aferrado a esse dogma. Assim, o mormonismo apresenta um Deus limitado, embora poderosíssimo. Joseph Smith, fundador do mormonismo, saiu-se com esta: «Aquilo que está em toda parte, mas não está em parte nenhuma, nada é».

A doutrina cristã não ensina que Deus não está em parte nenhuma; antes, ensina que Deus está imanente em tudo. A mente divina é toda-penetrante, toda-presente, estando presente em todos os lugares ao mesmo tempo.

2. Onipresença e Onipotência

Falamos sobre a *imensidade* de Deus. É preciso um Deus imenso para ser todo-presente. Naturalmente, do ponto de vista filosófico, todos esses «ominis» (de onipotente, onipresente, onisciente) são termos negativos, no sentido de que não dispomos de qualquer explicação lógica ou experiência pessoal com qualquer ser que seja *ilimitado.* Com esses termos entendemos «imensidade», «muitíssimo» etc., mas não podemos conceber o que é infinito. O conceito da onipresença de Deus se aclara um tanto quando afirmamos que a mente divina está em toda parte. Os estudos no campo da *parapsicologia* (vide) têm demonstrado o poder da mente humana para estar em lugares onde o corpo não se encontra. Apesar de não entendermos isso, podemos supor que alguma forma de energia imensa e muito penetrante está em operação, e isso fornece-nos uma analogia que nos ajuda a compreender a onipresença de Deus. Newton dizia que o espaço é «o sensório de Deus». A presença de Deus tanto atua quanto recebe influências. Deus influi e é influenciado por sua presença em toda parte. Apesar de pouquíssimo entendermos essas realidades, isso não é fácil, porquanto podemos ter alguma noção sobre elas, mesmo sem uma completa descrição.

3. A Imaterialidade

A onipresença parece requerer o conceito de imaterialidade. É impossível imaginarmos um Ser material que não seja limitado no espaço. Naturalmente, não sabemos muita coisa sobre a imaterialidade (pois nem sabemos muita coisa sobre a matéria); mas o termo fornece-nos uma maneira de pensar sobre o assunto. Podemos pensar sobre uma energia material que penetra em todas as coisas, em todos os lugares.

4. Os Milagres e a Presença Interior do Espírito

O ensino sobre a onipresença de Deus tem muitos corolários. Um deles é a realidade dos milagres. A presença de Deus garante a viabilidade dos milagres. Ver o artigo separado sobre os *Milagres.* Um outro corolário é a presença habitadora do Espírito de Deus, atuante nos homens, que requer algum tipo de noção que se aproxima do conceito da onipresença divina.

5. Imanência e Transcendência

O conceito da onipresença de Deus não o concebe somente como imanente. Também garante a transcendência de Deus. Deus pode localizar-se no espaço, à sua vontade; mas não está limitado a essa localização. Não há necessidade alguma de optarmos entre as duas idéias. O conceito de Deus incorpora tanto a sua presença em todas as coisas quanto o fato de que ele não pode ser confundido com nenhuma coisa, conforme pensa, erroneamente, o panteísmo.

6. Indícios Bíblicos

Deus vive livre das restrições do tempo e do espaço. Várias passagens escriturísticas nos fundamentam nessa idéia. Não há lugar para onde o ser humano possa ir, a fim de escapar de Deus Espírito (Sal. 139:7). Deus preenche os céus e a terra (Jer. 23:24). Quanto a outras declarações similares, ver também Heb. 1:3; Atos 17:27,28.

ONIPRESENÇA, PARADOXOS DA

Qualquer idéia que envolva um **omni** (onipresença, onisciência, onipotência) na verdade não é entendida pela mente humana, sendo inevitável o aparecimento de paradoxos.

1. Não estar localizado em algum ponto do espaço e estar em toda parte, é um conceito que não podemos sondar. E mesmo quando Deus resolve localizar-se em algum ponto do espaço, ele não pode ser identificado com o espaço.

2. Um poder ilimitado torna-se mister para que haja onipresença, e, no entanto, na verdade não podemos conceber um poder sem limites.

3. *A dificuldade ontológica.* Que tipo de Ser é esse que está em todos os lugares ao mesmo tempo? Não dispomos de resposta para isso. Contudo, temos alguns argumentos e vocábulos que podem ajudar-nos, mediante analogias imperfeitas, que ficam longe de ser verdadeiras demonstrações.

4. *A dificuldade verbal.* Dispomos de palavras que usamos para aludir a algo dotado do grau infinito, como onipotente, onisciente e onipresente; mas não dispomos de experiências pessoais correspondentes e nem de explicações lógicas para esses termos. Naturalmente, tateamos na direção desses conceitos, e temos fé em que eles dizem coisas significativas. Isso é o melhor que podemos fazer quando estamos tratando com o *Mysterium Tremendum (vide),* que é Deus. Todas as grandes doutrinas cristãs desembocam em algum paradoxo; e isso serve somente para demonstrar a vastidão da verdade e a natureza limitada de nosso conhecimento, e não que não exista uma verdade da qual nos compete tomar conhecimento.

ONISCIÊNCIA

Ver o artigo geral sobre os *Atributos de Deus.* Ver também *Onisciência, Paradoxos da.*

Esboço:

1. Definições e Usos
2. Presciência Determinadora
3. A Onisciência Divina e o Livre-Arbítrio Humano
4. O Eterno Agora

5. O Conhecimento e o Mal
6. Evidências Bíblicas da Onisciência Divina

1. Definições e Usos

Essa palavra vem do latim, **omnis**, «toda» e **scire**, «saber», isto é, aquela qualidade da natureza de Deus que garante que ele sabe todas as coisas. Tradicionalmente, a onisciência é um dos principais atributos de Deus. A mente divina é o depósito do conhecimento, e no conhecimento de Deus não há falhas, nem fraquezas e nem limitações.

2. Presciência Determinadora

Algum teólogos vinculam o conhecimento e a presciência de Deus em geral ao seu poder. Eles pensam que a razão pela qual Deus sabe de tudo é que ele determinou tudo, de tal modo que tudo quanto existe e acontece é desdobramento de seu poder determinador. Ver o artigo intitulado *Determinismo.* Logo, essa teoria da onisciência divina está maculada pelos mesmos problemas que afetam o determinismo. E esses problemas são discutidos no artigo mencionado, bem como em um outro, intitulado *Livre-Arbítrio.*

3. A Onisciência Divina e o Livre-Arbítrio Humano

Esse é um problema vexatório na filosofia e na teologia. Parece que se Deus conhece de antemão todas as coisas, então elas terão de acontecer *necessariamente.* Doutra sorte, parece que a presciência de Deus é defeituosa, incompleta. Há mesmo teólogos que têm desistido da tentativa de dar lugar a um genuíno livre-arbítrio humano, em face da onisciência de Deus, escorregando então para o determinismo. Ainda outros teólogos pensam que a questão envolve um paradoxo. Agostinho, porém, forneceu-nos um argumento adequado e filosoficamente hígido para crermos que são compatíveis entre si a presciência divina e o livre-arbítrio humano. Deus disse simplesmente: «Deus previu que todos os homens agirão livremente». E, assim sendo, a presciência divina garante a liberdade humana. A onisciência pressupõe a certeza, mas essa certeza reside agora nos atos livres dos homens, porquanto o próprio Deus garantiu que o homem precisa agir livremente.

4. O Eterno Agora

O conhecimento humano necessariamente acompanha a sucessão dos eventos, seguindo as relações entre as causas e seus efeitos. Deus, porém, vive fora do tempo e pode ver qualquer coisa do começo ao fim. Deus vive no «eterno agora», e isso quer dizer que, no sentido estrito, Para ele não há passado, nem presente e nem futuro. A mente divina abrange tudo. As religiões orientais pensam que o tempo é uma ilusão, uma distorção finita da realidade, e não um verdadeiro componente da realidade. E, visto que Deus vive acima do que é ilusório, naturalmente ele conhece todas as coisas.

5. O Conhecimento e o Mal

Quem conhece todos os fatos, sem dúvida, também conhece o mal. Significaria isso que o mal faz parte de Deus? Presumivelmente, ter conhecimento do sofrimento torna o conhecedor alguém que participa do sofrimento. Mas, é claro que nem sempre uma coisa puxa a outra. Os teólogos, por sua vez, tentam evitar esses problemas afirmando que Deus «conhece acerca» das coisas, embora sem «participar» delas. Isso posto, ter conhecimento sobre o pecado não é a mesma coisa que participar do pecado. Tal conhecimento, porém, pode levar um indivíduo a fazer algo sobre a questão, e isso faz parte da inspiração que aponta para a redenção humana.

6. Evidências Bíblicas da Onisciência Divina

Certo número de passagens bíblicas subentende um conhecimento ilimitado por parte de Deus, embora a palavra «onisciência» não ocorra nenhuma vez sequer na Bíblia; mas ali existe o conceito. O trecho de Rom. 11:33,34 certamente exprime o fato de que Deus conhece todas as coisas. Os caminhos de Deus são insondáveis e inescrutáveis. Deus tem a seu dispor vastas profundezas de conhecimento e sabedoria. A mente divina não é perscrutada pelo homem. O trecho de Sal. 147:5 garante que «o seu (de Deus) entendimento não se pode medir». A sabedoria de Deus é multiforme (Efé. 3:10). O conhecimento do Senhor é incompreensível para nós, abarcando o passado, o presente e o futuro (ver Jó 14:17; Sal. 56:8; Isa. 41:22-24; 44:6-8; Jer. 1:5; Osé. 13:12; Mal. 3:16). Quanto a outras significativas referências a esse respeito, ver Mat. 10:29, Sal. 13:13-15; 139:2,12; Isa. 46:9,10.

O trecho de I Ped. 1:4 faz a eleição depender da presciência de Deus. A teologia popular, por sua vez, diz que essa presciência é da «fé» do indivíduo, tornando a presciência divina dependente do homem, e então, de acordo com essas noções superficiais, essa fé seria uma condição para a eleição. Entretanto, nem aquela e nem qualquer outra passagem bíblica fala em «fé prevista». Antes, estão em vista «pessoas» que Deus conheceu de antemão, o que subentende muito mais um amor anterior do que um conhecimento anterior da fé que, eventualmente, viria a ser exercida. O vs. 20 do mesmo capítulo diz que o próprio Cristo foi conhecido de antemão, e dificilmente isso significa que Deus previu o que Cristo faria. Antes, Cristo foi amado de antemão, e seus labores foram determinados pela graça divina. Diz o trecho de Amós 3:2: «De todas as famílias da terra somente a vós outros vos *escolhi* (no original hebraico, *yada, conhecer)* ...» E parece claro que esse é o tipo de conhecimento envolvido em I Ped. 1:2.

O trecho de Heb. 4:13 é uma boa passagem com que terminarmos a presente discussão: «E não há criatura que não seja manifesta na sua presença, pelo contrário, todas as cousas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas». Esse texto fornece-nos uma aplicação moral prática da doutrina da onisciência de Deus. Fala sobre a nossa responsabilidade e sobre o juízo final, de acordo com aquilo que Deus conhece e sabe a nosso respeito, em todas as nossas atitudes e ações.

ÔNIX

Ver o artigo geral sobre **Jóias e Pedras Preciosas.** O *ônix* é uma variedade de calcedônia, uma sílica (dióxido de sílica) de grão extremamente fino. Também está relacionado à cornalina. Os intérpretes pensam que essa pedra está em foco em Êxo. 28:20 e Jó 28:16. O ônix consiste em camadas minerais de diferentes cores, como se fosse uma unha grossa em várias camadas. Essa pedra tem sido usada na joalheria, especialmente para a formação de camafeus.

Os romanos aplicavam esse termo a certa variedade de mármore, formado em camadas, chamado «mármore ônix». Essa rocha era usada para o fabrico de potes e jarras de ungüento (ver Mat. 26:7, Miq. 14:3). Outra variedade de mármore, que também era formado por camadas, era empregado na construção de edifícios, especialmente em Cartago e em Roma. O mármore ônix é muito suave, o verdadeiro ônix é um mineral bastante duro.

A palavra portuguesa desse mineral vem do grego, *onuks.* O termo hebraico correspondente é *shoham.* Essa palavra é variegadamente traduzida na Septuaginta, o que reflete certa dúvida quanto à pedra específica em questão. Josefo afirma que o ônix era uma pedra usada no peitoral do sumo sacerdote de Israel (ver Êxo. 28:20). Para alguns intérpretes isso fixa a identificação entre o vocábulo grego *onuks* e o termo hebraico, *shoham.* Porém, Josefo viveu em um tempo muito posterior à época da confecção das vestes sumos sacerdotais originais para que o seu testemunho seja absoluto.

ONO

No hebraico, «forte». Era uma cidade do território de Benjamin que Semede originou ou restaurou (ver I Crô. 8:12). Semede era um dos filhos de Elpaal. Um total de setecentos e vinte e cinco exilados judeus, que retornaram do cativeiro babilônico, espalharam-se entre Ono, Lode e Hadide (ver Esd. 2:33; Nee. 7:37; I Esdras 5:22).

Ono ficava localizada em um vale conhecido por «Vale dos Artífices» (Nee. 11:35). Neemias (6:2) refere-se a aldeias na planície de Ono. O local moderno chama-se Kefr 'Ana, a onze quilômetros a sudeste de Jope. Os registros egípcios do tempo de Tutmés III (1490 A.C.) trazem o nome desse local como Unu. Nos dias de Josué era

uma cidade murada e fortificada, um dos muitos obstáculos que os israelitas tiveram de enfrentar ao invadir a Palestina.

ONRI

No hebraico, «Deus ensinou». Esse foi o nome de várias personagens que figuram nas páginas do Antigo Testamento:

1. O sétimo rei de Israel. Ele havia sido comandante do exército de Elá, rei de Israel, o reino do norte, após a divisão do império de Davi e Salomão em dois (Israel, ao norte, Judá, ao sul). Ele estava envolvido no cerco de Gibetom quando recebeu notícias da morte do rei. *Zinri* (vide) havia assassinado o rei e havia usurpado o trono (ver I Reis 16:16 *ss*). Porém, o exército resolveu que o próximo monarca seria Onri. Onri partiu de Tirza, e Zinri reconheceu que chegara o seu fim, pelo que incendiou o palácio e pereceu nas chamas. Isso, todavia, apenas iniciara as dificuldades de Onri. Um grupo liderado por Tibni (e a Septuaginta menciona o fato de que seu irmão, Jorão, participou) opôs-se a Onri, tendo sido necessários quatro anos para que ele pudesse recuperar o controle total da situação. Isso ocorreu por volta de 876 A.C.

Mas, uma vez que a guerra civil terminou, Onri conseguiu consolidar a sua autoridade, e reinou em Israel por seis anos, em Tirza. Em seguida, ele mudou a sede do governo para Samaria (I Reis 16:24), a qual passou a ser a capital do reino do norte, Israel. Samaria era cidade edificada no alto de uma colina, e fortificações tornaram a cidade ainda mais defensável. Onri, assim sendo, foi capaz de repelir vários cercos sírios e assírios, mas, finalmente, em 722 A.C., Sargão I conseguiu capturar a cidade, embora tivessem sido necessários três anos para realizar o feito.

Apesar de sua bem defendida capital, Onri não foi bem-sucedido em todas as batalhas em que se viu envolvido. Assim, ele foi compelido a entregar várias cidades aos sírios (ver I Reis 20:34). Também entrou em aliança com os sírios, tendo feito casar seu filho, Acabe, com uma filha de Etbaal, que era sumo sacerdote de Tiro. Naturalmente, como é sabido por todo leitor do Antigo Testamento, isso foi a porta de entrada para a introdução da adoração a Baal, em Israel. O trecho de I Reis 20:25,26 informa-nos que Onri foi o pior rei de Israel, até aquele ponto da história. Antes de tudo, ele foi um típico tirano cruel. Em segundo lugar, ele corrompeu o povo do reino do norte, Israel, com a idolatria fenícia, da qual a nação nunca se recuperou. O profeta Miquéias (6:6) denunciou esse estado de coisas.

Um dos maiores sucessos militares de Onri foi a total derrota dos moabitas. E somente quando Mesa interveio é que isso foi revertido. Parece, entretanto, que, após doze anos de reinado, ele foi capaz de deixar para seu filho e sucessor, Acabe, um reino próspero e pacífico, embora moralmente corrompido. Onri morreu em cerca de 874 A.C.

A Argueologia e Onri. A Pedra Moabita exibe o valor militar de Onri. As linhas 4 a 10 da mesma contam-nos como ele derrotou os moabitas. Os registros assírios prestam-nos algumas informações sobre os feitos políticos e militares de Onri. Tão grande foi a impressão causada por ele sobre os assírios que, cerca de um século mais tarde, os registros assírios referiam-se à nação do norte, Israel, como «a terra da casa de Onri». E Jeú, que subiu ao trono de Israel um pouco mais tarde, aparece naqueles anais assírios como Mar Hunri, ou seja «filho de Onri», indicando que ele era o sucessor daquele, em algum ponto da linhagem. E a idolatria de Onri também tem sido confirmada pela arqueologia. Ostracas descobertas em Samaria falam de Yahweh e de Baal como divindades adoradas naquela cidade. Isso confirma a descrição do culto religioso sincretista que é denunciado em II Reis 16:25 *ss*.

2. Um outro Onri era filho de Bequer, filho de Benjamim (I Crô. 7:8). Ele viveu em torno de 1600 A.C.

3. Um descendente de Perez, filho de Judá (I Crô. 9:4). Viveu em cerca de 640 A.C.

4. Um filho de Micael, chefe da tribo de Issacar, durante o reinado de Davi (I Crô. 27:18). Viveu em cerca de 1015 A.C.

OOLÁ (E OOLIBÁ)

Esses dois nomes significam em hebraico, respectivamente, *sua própria tenda* e *minha tenda*. (Ver Eze. 23:4). Foram dois nomes fictícios usados por Ezequiel para denotar os dois reinos de Samaria (Israel) e Judá. Há uma força mui significativa nesses nomes, que precisamos observar. Oolá era aquela cuja tenda ou templo estava nela mesma, ou seja, uma invenção humana. Oolibá era aquela a quem Yahweh dera um templo e um culto religioso. O primeiro nome visava criticar as condições vigentes; no reino do norte (Israel). Ambos os reinos são comparados a mulheres sensuais, que cometeram adultério contra Yahweh, marido delas, mediante suas alianças e contorções políticas voluntárias, com nações pagãs. Essas associações eram consideradas, ipso *facto*, alianças com os deuses pagãos dessas nações. O crime de Oolibá era considerado um pecado mais grave que o de sua irmã, porquanto ela tinha mais privilégios e se recusava a deixar-se instruir pelo mau exemplo da ruína de sua irmã. Essa alegoria foi uma epítome da história da vida religiosa dos judeus. (ND S UN)

OOLIBÁ

Ver sobre **Oolá** e **Oolibá**.

OOLIBAMA

No hebraico, **tenda da altura**. Há duas pessoas no Antigo Testamento com esse nome:

1. Provavelmente a segunda das três esposas de Esaú (ver Gên. 36:2,25), em cerca de 1964 A.C. Na narrativa anterior ela é chamada Judite, em Gên. 26:34. Era neta de Zibeom, o heveu. É provável que o seu nome original fosse Judite, e que após casar-se tenha recebido outro, um costume bastante comum na época. Foi a fundadora de três tribos de descendentes de Esaú.

2. Um dos príncipes ou chefes de clã, descendente de Esaú (ver Gên. 36:41; I Crô. 1:52). É bem provável que essa lista de nomes refira-se a lugares, e não a indivíduos, o que parece evidente com base nas expressões que aparecem no início da mesma. No vs. 40 temos: «segundo as famílias, os seus lugares e os seus nomes», em contraste com o vs. 43, onde lemos: «segundo as suas habitações na terra da sua possessão. (S UN)

ORAÇÃO

Esboço:

1. Oração como Submissão
2. Oração como Ato de Adoração
3. Oração como Ato Criador
4. Oração nas Páginas do Antigo Testamento
5. Ensinamentos de Jesus sobre a Oração
6. Ensinamentos de Paulo sobre a Oração
7. Outros Conceitos Neotestamentários sobre a Oração
8. Orar sem Cessar
9. Intercessão Mútua

1. Oração como Submissão

O soldado cristão está empenhado em uma luta que lhe defende a própria vida. Nada há de insignificante acerca da vida que o crente leva. Os perigos são graves e muitos. Mas seu grande Comandante lhe oferece a sua ajuda. Essa ajuda pode ser solicitada por intermédio da oração, mas só é possível recebê-la quando a alma crente se encontra em estado de submissão a Cristo. E tal ajuda vem da parte de Deus. A fé consiste na «entrega de alma» (ver as notas expositivas sobre Heb. 11:1 no NTI). Portanto, toda oração deve estar alicerçada sobre a fé. Por isso é que devemos pedir «crendo», já que essa atitude, por isso só, é um ato de submissão a Cristo, na certeza de que ele é capaz de fazer aquilo que lhe solicitamos (ver Mat. 21:22). A oração é um ato da alma, mediante o qual nos pomos sob os cuidados de Deus, pois reconhecemos, em qualquer ocasião em que orarmos, que dependemos de Deus e que temos limitações que só podem ser contrabalançadas por ele. A oração consiste em «pedir e receber», mas consiste ainda em muito mais do que isso. Pois basica-

camente consiste na entrega da alma a Deus; a expectação do favor divino e suas muitas solicitações são apenas resultados disso. A oração ocasionalmente é respondida com um Não, porque, nesse estado de submissão, a alma quer mais que se faça a vontade de Deus, que o cumprimento de seus próprios desejos. Portanto, a oração é um campo de provas, onde podemos aprender sobre Deus, não servindo meramente de instrumento pelo qual obtemos as coisas que queremos, embora nos seja assegurado que assim é, e que as vantagens recebidas serão importantes.

2. Oração como Ato de Adoração

A oração faz parte da liturgia, a qual faz parte da adoração coletiva. Mas a oração também faz parte da adoração individual. No trecho de Efé. 6:18, lemos que a oração do crente deve ser feita «no Espírito», e é nessa expressão que vemos tanto a atitude de adoração como a submissão ao Senhor. A oração incorpora em si as atitudes essenciais da adoração, como a confiança em Deus, a submissão à sua vontade, a adoração à sua pessoa, o louvor devido às **obras divinas** entre os homens. Quando a oração **transcende** ao mero ato de pedir, torna-se um ato de **adoração,** em sua própria essência. Sendo esse um ato **de adoração,** a oração é um estado no qual muito aprendemos de Deus; e assim a sua vontade pode cumprir-se em nós, transformando-nos conforme a imagem de Cristo.

3. Oração como Ato Criador

A oração vale-se do poder criador de Deus, pelo que também se diz: «A oração modifica as coisas». Essa modificação não vem da parte do homem, pois depende da ajuda dada pelo Criador. Na oração, pois, entregamos nas mãos de Deus, na ordem presente de coisas, para que elas sejam «modificadas». Essa modificação talvez exija, antes de tudo, a nossa própria transformação moral. Mas uma vez que nos tornemos seres transformados, podemos ser, nós mesmos, instrumentos modificadores. Todavia, a oração também pode criar novas situações nas circunstâncias externas, ou diferenças de atitude em outras pessoas, as quais *podem* modificar os acontecimentos. Quando a oração é um genuíno exercício da alma, isso nos põe sob o controle do poder criador de Deus. Isso também nos torna mais sensíveis para com a vontade de Deus, para com as necessidades alheias e para com as nossas próprias necessidades, diminuindo nossos desejos por coisas meramente físicas. Por conseguinte, em seu poder criador, a oração eleva o inteiro tom espiritual de nossas vidas. Quando a oração é devidamente usada, ela se torna uma maneira de adorar o Senhor, se o servirmos com nossas vidas. A oração cria grande receptividade entre as pessoas, e é dessa maneira que, com grande freqüência, nossas orações são respondidas, sem a necessidade de qualquer milagre.

4. Oração nas Páginas do Antigo Testamento

a. A oração reconhece a personalidade e o poder de Deus, bem como o seu interesse pelos homens *(teísmo,* em contraste com *deísmo).* O teísmo ensina que Deus continua interessado pelos homens, fazendo intervenção na história humana, recompensando e punindo. Já o deísmo afiança que Deus não tem interesse pelos homens ou pelo mundo, mas estabeleceu leis impessoais que governam tudo. De acordo com essa segunda posição, Deus não dá atenção aos homens e nem faz intervenção em sua história, não querendo puni-los ou recompensá-los. Mas a Bíblia inteira mostra-se altamente teísta, e não deísta, e a ênfase posta sobre a oração demonstra isso. (Quanto a conceitos filosóficos e teológicos de Deus, sua natureza e relação para com os homens, ver sobre *Deus.*) b. A oração é um meio de comunhão entre Deus e o homem: e isso pode ser pessoal, conforme temos nas narrativas dos patriarcas e suas intercessões. c. A oração é uma *intercessão* em benefício próprio e em benefício de outros, em que o crente busca melhoria espiritual e material. Abraão intercedeu por Sodoma (ver o décimo oitavo capítulo de Gênesis); Moisés intercedeu por Israel (ver Êxo. 32:10-12); Jó, pelos seus amigos (Jó 42:8-10). Petições individuais são comuns nos salmos (ver Sal. 31:86, 123 e 142). d. A oração é um meio de louvarmos ao Senhor, como é muito evidente nos Salmos (ver Sal. 113–118). Há orações pedindo perdão (ver Sal. 51), solicitando comunhão (ver Sal. 63), pedindo proteção (ver Sal. 57), pedindo cura (ver Sal. 6), pedindo reivindicação (ver Sal. 119), louvando ao Senhor (ver Sal. 103). e. As orações fazem parte da liturgia. Isso transparece nos Salmos Halel, na forma de oração e louvor, que vieram a ser incorporados à liturgia (ver Sal. 113-118), e formas específicas foram estabelecidas para efetuar as orações diárias (ver Atos 3:1 no NTI quanto às notas expositivas sobre essa questão). f. A oração é um ato de *devoção* (ver Esd. 7:27; 8.22 e *ss;* Nee. 2:4; 4:4,9 e Dan. 9:4-19).

5. Ensinamentos de Jesus sobre a Oração

a. Jesus enfatizou a paternidade de Deus, o qual é retratado como generoso para com os seus filhos (ver Mat. 7:7-11). b. O indivíduo se reveste de grande valor perante Deus, pelo que também pode esperar a resposta para as suas orações (ver Mat. 10:30; 6:25 e *ss* e 7:7-11). c. A verdadeira oração é espiritual, e não formal (ver Mat. 6:5-8). d. Há grande poder na oração, pelo que também deve ser usada perseverantemente. (Ver Mar. 11:23 e Mat. 7:20). e. A oração deve ser feita com fé (ver Mat. 17:20). f. A oração deve ser perseverante (ver Luc. 18:1-8). g. A oração precisa ser governada com uma disposição amorosa e perdoadora (ver Mat. 18:21-35). h. A oração pode envolver coisas práticas e terrenas (ver Mat. 7:6-11 e 6:11). i. A oração visa também elevadas realidades espirituais (ver o décimo sétimo capítulo do evangelho de João). j. A oração pode solicitar força espiritual (ver Mat. 6:13). l. A oração tem por escopo o avanço na direção do reino de Deus sobre a terra e sua final inauguração (ver Mat. 6:10,13). m. O próprio Jesus nos deixou o exemplo mais elevado de uma vida de oração (ver Luc. 5:15; 6:12; João 12:20-28 e 17:6-19).

6. Ensinamentos de Paulo sobre a Oração

a. Tal como Jesus, Paulo nos deixou grande exemplo de orações práticas (ver Col. 1:3; 4:12; Fil. 1:4; I Tes. 1:2; Rom. 1:9 e File. 4). b. A oração consiste em adoração (ver Efé. 5:19; Col. 3:16), particular e coletiva. c. Faz intercessão em prol de todos os homens (ver I Tim. 2:1), como também é intercessão do Espírito Santo em favor dos homens (ver Rom. 8:26) e de Cristo em favor dos homens (ver Rom. 8:34). Portanto, envolve toda a trindade, porquanto o Filho e o Espírito de Deus intercedem juntamente com Deus Pai. d. A oração é exigente, pois requer perseverança (ver Rom. 15:30; Col. 4: 12; Efé. 6:18 e I Tes. 5:17). e. A oração é uma expressão de ação de graças (ver Rom. 1:8 e *ss).* f. A oração aprofunda nossa comunhão com Deus (ver II Cor. 12:7 e *ss*). g. A oração visa ao benefício e ao crescimento espiritual de outros crentes (Efé. 1:18 e *ss;* e 3:13 e *ss*). h. A oração solicita a salvação dos perdidos (ver I Tim. 2:4). i. A oração é feita «no Espírito», como exercício espiritual, que se vale do poder divino (ver Efé. 6:18). j. A oração chega mesmo a ser um dom do Espírito Santo (ver I Cor. 14: 14-16).

7. Outros Conceitos Neotestamentários sobre a Oração

a. O livro de Atos frisa a natureza coletiva da oração, como também o fez o trecho de Tia. 5:13-18. Paulo enfatiza a mesma verdade em Efé. 6:18. A igreja cristã nasceu dentro da atmosfera da oração (ver Atos 1:4), pois em resposta à oração é que o Espírito Santo veio sobre a comunidade da igreja (ver Atos 1:4 e 2:4). Em períodos de crise, a igreja apelou para a oração (ver Atos 4:21 e *ss).* b. A igreja cristã, mediante os seus líderes, sempre se dedicou à oração (ver Atos 9:40; 10:9; 16:25 e 28:8). A oração deve ser praticada em benefício da comunidade cristã (ver Atos 20:28,36 e 21:5). c. A oração é possível por causa do nosso Sumo Sacerdote, divino humano, o qual garante o cumprimento do desejo sincero de corações crentes (ver Heb. 4:14-16. Ver também Heb. 5:7-10, que ilustra a necessidade de oração, dentro da vida de oração do Senhor Jesus, porquanto nos ensina a necessidade de submissão e obediência). d. A oração é um meio de entrarmos em nossos privilégios espirituais em Cristo (ver Heb. 10:19 e *ss),* pois procura apelar para o poder de Deus, a fim de termos forças na vida. A oração penetra para além do véu, chegando ao próprio Santo dos

Santos, até a presença de Deus (ver Heb. 6:19). e. A oração nos confere sabedoria espiritual (ver Tia. 1:5-8). f. A oração deve ser oferecida com base nas motivações certas, pois não pode servir ao egoísmo e ao pecado (ver Tia. 4:1-3). g. A oração pode curar o corpo, e deve ser usada com essa finalidade (Tia. 5:13-18). h. A oração deve ser ousada, e assim será eficaz (ver I João 3:21 e *ss).* i. A oração sempre deve estar sujeita à vontade de Deus, sendo limitada por ela (ver I João 5:14-16).

8. Orar Sem Cessar (I Tes. 5:17)

1. Isso não pode significar, naturalmente, uma oração constante e sem a mínima interrupção, em que as cordas vocais físicas sejam permanentemente usadas.

2. Mas pode indicar uma espécie de espírito dedicado à oração, sem qualquer hiato, e que se expressa em um constante «hábito de oração».

3. Também pode estar subentendida a obra intercessória do Espírito Santo, mediante o que ele intercede ininterruptamente por nós, contanto que nossas vidas sejam corretas de modo a serem uma oração viva.

O mais provável é que esteja em foco o *hábito constante* de orar. Conforme diz Coleridge ('notes on the Book of Commom Prayer', iii.11, vs. 23); «Orai sempre, diz o apóstolo. Em outras palavras, formai o hábito da oração, transformando vossos pensamentos em ações , vinculando-as à idéia do Deus redentor».

«O caminho da alegria constante, em meio à perseguições, é a oração constante, expressa ou não em palavras. A exortação visa a constância na oração (ver Rom. 12:12 e Col. 4:2), para que oremos com 'toda a alegria' ver (Efé. 6:18). Isso caracterizava os ensinamentos e a prática diária de Paulo (ver I Tes. 3:10 e II Tes. 1:11). Que os crentes podem orar como devem, se explica pela presença habitadora de Cristo (ver Rom. 8:26 e Efé. 6:18)» (Frame, *In loc.*).

9. Interoessão Mútua

Paulo recomenda a intercessão mútua entre os crentes. Quando dois ou três fizerem algum pedido coletivo, isso lhes será outorgado (ver Mat. 18:19). Além disso, nenhum santo de Deus é tão perfeito ou tão forte que não necessite da ajuda de outros. No dizer de Wedel *(in loc.):* «Assim como um soldado, na linha de batalha, se desanimaria se não tivesse o conhecimento que seus camaradas lutam ao seu lado, assim também o crente individual vive com base na fé e na confiança inspiradas pelo Espírito de Deus acerca da fraternidade de Cristo. Quão desesperadamente, na qualidade de soldados cristãos, precisamos da comunhão do Espírito Santo, conforme nossa era conturbada o demonstra!»

Ninguém se encontra isolado, na batalha espiritual. Cumpre-se assim o ditado popular que diz: «Ninguém é uma ilha». A batalha é ganha pelo corpo inteiro de Cristo, coletivamente considerado. Nenhum crente poderá obter a vitória total sem compartilhar da mesma com outros, participando igualmente das vitórias dos demais. A plena glorificação, tanto do Cabeça como do corpo, ocorre coletivamente (ver Efé. 1:23 e 2:6). O desenvolvimento espiritual envolve todo o corpo místico de Cristo, considerado juntamente os seus muitos membros, e não algum membro isoladamente (ver Efé. 4:16). Portanto, a oração deve envolver o corpo inteiro de Cristo, e não apenas o próprio crente individual; e isso é útil, tanto para os outros crentes como para cada crente que assim ora.

Que é Orar?

A oração é o desejo sincero da alma,
Que fica mudo ou é expresso
E o movimento de uma chama oculta
Que tremula no peito:

A oração é o enunciado de um suspiro,
O cair de uma lágrima,
O volver os olhos úmidos para cima,
Quando ninguém, senão Deus, está perto.
A oração é a linguagem mais simples
Que lábios infantis podem experimentar;
A oração é o clamor mais sublime que atinge
A Majestade nas alturas:

A oração é o hábito vital do crente,
E a sua atmosfera nativa,
E o seu lema às portas da morte,
Pois ele entra no céu pela oração.

A oração é a voz contrita do pecador.
Que retorna de seus maus caminhos
Quando anjos se regozijam em cânticos,
E dizem: Eis que ele ora!

Os santos, na oração, aparecem como um só,
Na palavra, nos feitos, na mente,
Quando, com o Pai e o Filho,
Encontram seu companheirismo.

Nenhuma oração é feita só no mundo:
Pois o Espírito Santo intercede;
E Jesus, no trono eterno,
Intercede pelos pecadores.

Ó, Tu, por meio de quem chegamos a Deus!
Vida, Verdade e Caminho,
Tu mesmo palmilhaste o caminho da oração,
Senhor, ensina-nos como orar!
(Montgomery)

ORDEM

Vários Usos Bíblicos. Esse termo é usado, em nossa versão portuguesa, para aludir aos levitas da «segunda ordem» (I Crô. 15:18). Mas o original hebraico não usa essa palavra, dizendo apenas «segunda». O sentido tencionado é o de *ordem* de enumeração, relativa aos turnos dos sacerdotes que ministravam. Em Lucas 1:8, onde está em foco a idéia de «turno», em algumas versões encontra-se a palavra «ordem», para exprimir a idéia. Há oficiais e governantes da mais elevada ordem. Mas também há o irmão humilde, o homem pobre, de «condição humilde» (Tia. 1:9). Em algumas traduções, a transformação do crente, de um *estágio* de glória para o próximo, mencionada em II Coríntios 3:18, é traduzida como ordem. O grego diz, literalmente, «glória a glória», mas devemos compreender a passagem de um estágio de glória para o próximo, uma ordem crescente de glorificação.

ORDENANÇA

1. *Definições.* Essa palavra não tem um único uso, pelo que suas definições são diversas. A raiz latina é *ordo(inis),* «ordem», relativa a *ordinare,* «ordenar». Dessas raizes é que emerge a palavra *ordinans (antis)* «ordenança». Seu sentido pode ser uma regra autoritária, um decreto, uma lei, um rito religioso, uma disposição ou posição, um desígnio.

2. *Usos no Antigo Testamento.* As principais ordenanças desse documento são os *Dez Mandamentos* (vide). As leis levíticas têm muitas ordenanças subordinadas e litúrgicas. No livro da aliança (ver Êxo. 20:22—23:33), os termos *juízos* e *ordenanças* falam acerca de leis civis e religiosas. O vigésimo primeiro capítulo de Êxodo continua dando muitas leis que governavam a vida dos israelitas, e, em algumas traduções, essas leis são chamadas «ordenanças». As leis de Israel tanto eram civis quanto religiosas; mas, em uma teocracia, essa distinção não pode ser feita claramente, porquanto tudo é expressão religiosa naquele sistema. Naturalmente, o decálogo é o supremo exemplo das leis religiosas mais profundas. O trecho de Núm. 15:15,16 mostra que as leis de Israel vigoravam tanto para os cidadãos como para os estrangeiros residentes. Fica pressuposto no Antigo Testamento que as ordenanças estavam alicerçadas sobre ins-

truções e mandatos divinos (Deu. 4:5,11; 5:31 *ss;* 6:1,2,24,25), com apoio na graciosa atividade de Deus (ver Deu. 4:32-40; 6:20; 7:6-8; 29:2-9). Todas as leis estão sumariadas no maior dos mandamentos da lei: «Amarás, pois, o Senhor teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de toda a tua força». Desse modo, a lei atuava como reivindicação de Deus, no sentido de que ele tinha o direito de senhorio sobre as vidas dos homens. Nos sistemas voluntaristas antigos e modernos, a lei aparece como subordinada à vontade de Deus. Ali, as coisas são certas porque Deus é que as determina. Ver sobre o *Voluntarismo.* Porém, também devemos dizer que a lógica espiritual requer, igualmente, a declaração que Deus ordena as coisas porque elas são *corretas* em si mesmas.

3. *Usos no Novo Testamento.* O cristianismo primitivo viu-se a braços com o problema do legalismo. Ver os artigos chamados *Legalismo* e *Partido da Circuncisão.* Ver também sobre *Jesus e a Lei,* no tocante a uma discussão sobre como o Senhor Jesus relacionou-se com o Antigo Testamento. Além disso, temos a controvérsia entre Paulo e Tiago, a confrontação entre Rom. 3-5 e Tia. 2. Essa questão é coberta no artigo intitulado *Legalismo.* Ver especialmente o artigo detalhado, *Lei no Novo Testamento.*

4. *Ordenanças e Sacramentos.* Ver o artigo separado sobre os *Sacramentos.* As igrejas que rejeitam o conceito de sacramento (a transmissão da graça divina através de ritos religiosos, como o único canal dessa graça) preferem usar o termo *ordenanças* para apontar para os seus ritos. Nesse caso, não se entende que essas cerimônias sejam canais da graça, mas apenas símbolos da variegada graça divina recebida. Assim, as ordenanças aludem a alguma realidade espiritual, mas não são veículos que produzam essa realidade. As ordenanças comuns das igrejas evangélicas são o *batismo* (vide) e a *Ceia do Senhor,* também chamada *eucaristia* (vide). A primeira dessas ordenanças é realizada em obediência ao mandamento de Cristo (ver Mat. 28:19,20), e simboliza a nossa união com Cristo, em sua morte e ressurreição. Também há outros símbolos, discutidos no artigo sobre esse assunto. A Ceia do Senhor é um memorial, e não um sacramento. Faz-nos lembrar o sacrifício de Jesus, por um lado, e sua segunda vinda, por outro lado, diariamente antecipada. Alguns grupos evangélicos acrescentam a isso uma terceira ordenança: o *lava-pés* (vide). Damos um detalhado artigo sobre esse assunto, que inclui uma discussão da controvérsia que a circunda.

ORDENAR (ORDENAÇÃO)

Esboço:

1. Definições
2. No Antigo Testamento
3. No Novo Testamento
4. Considerações Modernas

1. Definições

Em um sentido geral, não-eclesiástico, essa palavra significa «decretar», «instalar», «consagrar». A raiz latina é *ordinare, «ordenar»,* de *ordo(inis),* «ordem». O seu sentido eclesiástico é «investir com uma função ou ofício religioso», ou, então, «admitir a funções ministeriais ou sacerdotais».

2. No Antigo Testamento

Os sacerdotes, os levitas, os profetas e os reis, entre os hebreus, eram ordenados para suas respectivas funções, através de um certo número de ritos e declarações. Moisés nomeou Josué como seu sucessor, impondo-lhe as mãos (ver Núm. 27:18; Deu. 34:9). Os profetas, os sacerdotes e os reis eram ungidos como parte do ritual de sua consagração. Ver sobre *Ungüento,* ponto quinto. Ver também sobre *Unção,* onde damos mais detalhes.

Usos não-eclesiásticos incluem significados como arranjar, pôr em ordem (Sal. 132:17); planejar, estabelecer celebrações, ritos e oferendas (Núm. 28:6; I Reis 12:32; Sal. 8:2,3; Isa. 26:12). Também há o sentido de ordem autoritária (Est. 9:27; I Esdras 6:34; 8:14).

3. No Novo Testamento

Os doze apóstolos foram ordenados por Cristo (João 15:16), tendo sido investidos em seu ofício e autoridade como discípulos especiais de Jesus e como seus instrumentos espirituais. Paulo veio a participar dessa alta vocação algum tempo mais tarde (ver Gál. 1:1). Não sabemos se houve alguma cerimônia (ou qual cerimônia) nessa ocasião. Talvez tenha havido a imposição de mãos com unção com azeite, segundo as práticas veterotestamentárias de iniciação. Os *setenta* discípulos especiais de Jesus (ver Luc. 10) foram «nomeados» por ele. A palavra grega ali usada é *anadeiknumi,* «mostrar claramente», «nomear», «comissionar». E podemos imaginar que houve alguma ordenação formal, envolvida nessa nomeação. O sexto capítulo do livro de Atos registra a ordenação dos primeiros diáconos, em número de sete. Em Atos 6:6 lemos que os apóstolos oraram e impuseram sobre eles as mãos. O trecho de Atos 14:23 narra a nomeação (presumivelmente, «ordenação») de *anciãos.* Timóteo recebeu essa ordenação mediante a imposição de mãos. É de se presumir que lhe foram conferidos, então, dons espirituais, mediante os quais ele poderia cumprir o seu ministério. Ver I Tim. 4:14.

Três coisas deveriam ser observadas. O processo de ordenação envolve: a. O dom espiritual a ser conferido *(o chárisma).* b. Esse dom espiritual se transmite por meio (*dia*) de profecia. Talvez tenhamos aqui um discernimento especial de Paulo, através do que ele sabia que era preciso ordenar Timóteo; ou, então, outros crentes, tomados pelo espírito de profecia, sabiam que Timóteo estava capacitado ao ofício que recebeu, seguindo-se então a sua ordenação. c. A imposição de mãos seguiu-se, confirmando e intensificando o processo espiritual; ou, então, conforme outros estudiosos pensam, a profecia foi o meio através do qual o *chárisma de* Timóteo lhe foi outorgado.

Um Supervisor (Bispo) Ordena Ministros. Tito era ministro do evangelho, ordenado aos moldes de Timóteo. Em Tito 1:5, Paulo mostra que Tito tinha autoridade para ordenar outros crentes, em vários lugares. Isso parece indicar que ele tinha poder sobre alguma região, e não meramente sobre uma igreja local. Isso posto, segundo alguns, temos aqui um equivalente primitivo das funções posteriores dos bispos. Desenvolvimentos posteriores trouxeram à tona uma hierarquia que não é nativa ao Novo Testamento; mas, pelo menos, precisamos admitir que agora todos os anciãos (também chamados pastores e bispos) estão em pé de igualdade. Os apóstolos, como é óbvio, estavam acima dos anciãos locais. E outro tanto se dava com homens como Timóteo e Tito, que tinham poderes sobre áreas geográficas, e não apenas sobre igrejas locais. O termo grego envolvido aí é *kathisthemi,* «nomear», «ordenar», «encarregar».

Ordenava-se um Ofício Sacerdotal? Tem sido motivo de debate e divisão, no seio da cristandade, durante séculos, se a ordenação de ministros, no Novo Testamento, consiste em uma investidura sacerdotal ou não. A parte mais numerosa da Igreja, católicos romanos, ortodoxos orientais e anglicanos, respondem a essa questão com um «sim». Os luteranos preservam alguma função sacramental do ministro por ocasião do batismo. Mas outros grupos protestantes e os grupos evangélicos asseveram que a ordenação neotestamentária é funcional, e não sacramental.

Solenidade. Paulo advertiu contra a ordenação precipitada de ministros, em I Tim. 5:22. E as epístolas pastorais nos dão muitas regras acerca das qualificações dos diversos ministros. Ver Tito 1:6 *ss* como um exemplo. Dons espirituais e ministeriais eram uma exigência no caso de ministros, pois o que então se esperava deles era que dessem provas de espiritualidade, e não de profissionalismo, conforme muitas vezes sucede hoje em dia.

4. Considerações Modernas

Em alguns segmentos da cristandade, a ordenação é uma outorga formal de ofícios ministeriais (ver o artigo chamado *Ordens, Santas).* Essas ordens são tidas como confirmações e suplementos da *vocatio ou* «vocação» do Espírito, no caso de certos indivíduos. Mas a cristandade está dividida quanto à natureza exata da ordenação. Nas Igrejas católica romana e ortodoxa oriental, a ordenação (o sacramento da ordem) é efetuada a fim de conferir graça e um caráter

indelével, que não pode ser repetido e nem anulado. Muitos anglicanos compartilham desse ponto de vista. Os atos mediante os quais os prelados são ordenados estão restringidos aos bispos ou aos oficiais superiores, conforme era a regra universal entre os séculos II e XVI de nossa era. Porém, quase todos os grupos protestantes e evangélicos rejeitam o aspecto sacramental da ordenação, e preferem frisar o caráter funcional desses atos. Usualmente, uma junta de ministros ordena outros ministros, e essa junta pode contar ou não com alguém do nível de um bispo. Todavia, há grupos cristãos que chegaram a rejeitar totalmente qualquer rito de ordenação, pois pregam a doutrina da igualdade de todos os irmãos, com o direito de qualquer um administrar as *ordenanças* (não sacramentos) da Igreja. Até onde podemos ver, essa norma aberta e frouxa é contrária ao espírito e exemplo do Novo Testamento, conforme se vê na autoridade apostólica e em ministros subseqüentemente ordenados por eles, como Timóteo e Tito.

O Rito de Ordenação. Esse rito varia desde uma simples oração com imposição de mãos (entre os grupos evangélicos) até os ritos muito complexos da Igreja Católica Romana. A expressão medieval da Igreja Católica Romana fez a fusão dos ritos romanos e anglicanos, do que resultou a sua complexidade. Além da imposição de mãos e de orações, há a apresentação dos símbolos apropriados do ofício, as vestimentas aparatosas apropriadas, a unção com azeite, as declarações imperativas, etc. Na ortodoxia oriental há um processo um tanto mais simples, que inclui a imposição de mãos, a oração e a outorga do símbolo apropriado ao ofício que se estiver conferindo.

Os Discípulos de Cristo, os Irmãos de Plymouth e os Quacres não reconhecem qualquer rito de ordenação e dependem da orientação do Espírito para separar os seus líderes, os quais continuam sendo apenas irmãos, sem qualquer ofício eclesiástico reconhecido.

OREBE E ZEEBE

Esses nomes próprios, no hebraico, significam, respectivamente, «corvo» e «lobo». Esses eram os nomes de dois líderes dos midianitas, que saíram a guerrear contra Gideão e foram mortos pelos efraimitas, que os interceptaram quando estavam recuando (ver Juí. 7:25 e 8:3). O evento teve lugar em cerca de 1.200 A.C. O trecho de Isa. 10:26 informa-nos a terrível matança que então ocorreu. A batalha principal teve lugar no vale de Jezreel, entre 'Ain Harod e a colina de Moré (ver Juí. 7:1). Os trezentos homens de Gideão puseram em debandada os cento e trinta e cinco mil midianitas. Quando estes retrocederam em confusão, os efraimitas (conforme Gideão determinara) interceptaram-nos e aumentaram ainda mais o número dos midianitas mortos. Em toda a história da nação de Israel, talvez somente a invasão assíria, na época do rei Ezequias, tenha produzido uma matança maior. Orebe foi morto diante da «penha de Orebe», e Zeebe foi executado no «lagar de Zeebe». Ambos esses locais foram assim chamados posteriormente, por causa dos nomes daqueles líderes envolvidos. Mas ninguém sabe, atualmente, onde ficam esses locais. Provavelmente ficavam no lado ocidental do rio Jordão, visto que a tarefa dos efraimitas consistia em confinar os midianitas naquela área, não permitindo que eles atravessassem o Jordão.

ORÉM

No hebraico, «figueira». Esse era o nome de um dos filhos de Jerameel, da tribo de Judá (I Crô. 2:25). Ele viveu em torno de 1190 A.C.

ORFA

Essa palavra hebraica é de significado incerto. Entre as possibilidades temos «pescoço», «gazela» e «frescor juvenil». Esse era o nome de uma das noras de Noemi. Foi esposa de Quiliom um dos filhos de Elimeleque e Noemi (ver Rute 1:1-4). A morte privou Noemi com a passagem do tempo, de seu marido e de seus dois filhos. Todos conhecemos a história de Rute, a outra nora de Noemi, que se recusou a abandonar a sua sogra, tendo-a acompanhado em sua viagem de volta à Palestina, uma decisão feliz que a levou a uma nova e bem-aventurada vida.

Mas Orfa, em contraste com Rute, retornou aos moabitas, ao seu próprio povo, bem como à adoração de Camos, deus moabita (ver Rute 1:15; Juí. 11:24). Orfa despediu-se de sua sogra com um beijo, sendo essa a última menção a ela, no Antigo Testamento.

ÓRFÃO

Essa palavra portuguesa vem do grego, **orphanós** cujo sentido liberal é «destituído». Corresponde ao vocábulo hebraico *yathom*, «solitário», «sem pai». Ver Lam. 5:3. Estritamente falando, um órfão é alguém de menor idade, que perdeu ambos os pais, mediante a morte; mas o abandono de uma criança, por parte de seus genitores, também a transforma em órfã.

De acordo com a perspectiva do Antigo Testamento, um órfão era alguém também privado de situação legal, sem qualquer parente remidor. A legislação veterotestamentária tinha provisões em favor de tais pessoas. Os órfãos e as viúvas, para exemplificar, podiam rabiscar os campos plantados (ver Deu. 14:29). E a passagem de Êxo. 22:22 mostra-nos a atenção que era dada aos órfãos. Visto que a herança passava do pai a algum filho homem, uma viúva sem filhos ficava destituída de bens sob a forma de terras. Todavia, houve o precedente da herança transmitida a filhas, conforme se vê em Núm. 27:7-11.

O trecho de João 14:18 envolve um uso figurado do termo para indicar *orfandade espiritual* (apontando para os discípulos de Jesus, quando O perderam de sua presença física). Mas a situação privilegiada deles lhes seria restaurada, mediante o ministério do Espírito Santo, o alter ego de Jesus. Paulo chama a si mesmo de «orfanado», isto é, «destituído», quando não mais contava com o companheirismo dos crentes de Tessalônica (I Tes. 2:17).

Nos sonhos e nas visões, o estado de orfandade indica «perda», literal ou figurada, material ou espiritual, ou, então, abandono; ou uma mudança de ambiente e moradia, com algum isolamento temporário de membros da família ou amigos. E a adoção de órfãos pode indicar que a felicidade está a caminho da pessoa.

Nas Escrituras Sagradas há um distinto ensinamento sobre os órfãos Eles não contam com um pai terreno, que lhes supra as necessidades materiais, incluindo a necessidade do amor paterno. Portanto, Deus cumpre essas necessidades em relação às suas almas. O Antigo Testamento considera os órfãos como as pessoas mais dependentes que há. Embora, naquele documento sagrado, não tenhamos nenhuma menção às **instituições** que foram estabelecidas para cuidar dos órfãos (segundo a Igreja cristã moderna já vem fazendo há algum tempo); a lei mosaica provia para os órfãos certas proteções e regalias. Ver Deu. 14:29; 24:19-21; 26:12; 27:19. Deus é o Pai dos órfãos, em um sentido todo especial (Sal. 68:5). Deus é o defensor das viúvas e dos órfãos; e aqueles que os oprimem são ameaçados pelo julgamento divino (Deu. 16:14, 24:17,19,21; 26:12, 13). O Talmude recomendava que se cuidasse devidamente dos órfãos, fazendo disso uma das virtudes mais dignas de elogio, capaz de atrair grandes bênçãos divinas. Ver o artigo especial sobre *Órfãos e Viúvas.* O trecho de Tiago 1:27 assevera que um dos sinais de uma religião pura e sincera é aquela que presta ajuda (visita) aos órfãos e às viúvas, em suas dificuldades.

ÓRGÃO

Ver **Música e Instrumentos Musicais.**

ÓRGÃOS VITAIS

1. O Cérebro

a. *Desígnio; epifenomenalismo; teorias a respeito; o cérebro como um veículo.* O fato de que não há referências bíblicas ao *cérebro,* o mais admirável dos nossos órgãos físicos, reflete a ignorância dos antigos quanto à verdadeira e admirável função desse órgão do corpo. Em contraste com isso, muitos filósofos, querendo ilustrar o princípio do

desígnio, a fim de chegarem a Deus como o grande *Planejador,* têm usado o cérebro. Mas os filósofos materialistas pensam ser capazes de encontrar no cérebro todas as funções psíquicas humanas, e assim negam a porção imaterial do homem. Ver os artigos *Problema Corpo-Mente* e *Epifenomenalismo.* Em contraste, aqueles que crêem no *dualismo* (vide) têm apresentado boas evidências que mostram que as funções psíquicas são primárias, e que o cérebro atua como veículo dessas funções, em vez de ser o produtor das mesmas. As chamadas *experiências perto da morte* (vide) têm mostrado que quando o cérebro não está funcionando, estando a pessoa separada do corpo, ainda assim essa pessoa é plenamente consciente. Os poderes da razão prosseguem, como, por exemplo, a memória, embora *sem* o concurso do cérebro. Verdadeiramente, o cérebro é o veículo da inteligência, quando os homens estão presos aos seus corpos físicos; mas esse corpo é perfeitamente dispensável, quando o espírito (o verdadeiro *intelecto)* é liberado do corpo físico.

b. *Descrição; idéias platônicas; dualismo; o contracérebro.* O cérebro é a porção modificada e aumentada do sistema nervoso central, contido dentro do crânio e da coluna vertebral. Suas funções são divididas entre seus dois hemisférios, o direito e o esquerdo, como também entre o cerebelo e a medula oblongata, porções essas muito desenvolvidas nos mamíferos superiores e, sobretudo, no homem. O cérebro controla quase todas as funções do corpo e é a sede da razão. As teorias platônicas declaram que todos os elementos físicos têm por detrás deles o arquétipo ou idéia divina, dependente dessa idéia. A idéia persiste, sem sua contraparte física, sendo mesmo possível que o corpo humano vital seja equipado com um equivalente não material ou semimaterial, equivalente ao cérebro. Seja como for, o cérebro físico é o grande instrumento da razão e do conhecimento, dotado de um sistema de arquivamento que continua sendo um mistério para a ciência. Porém, a experiência com a morte mostra que o cérebro não é o armazém primário do conhecimento, nem do raciocínio, e nem da consciência. O cérebro, quanto a isso, é apenas um armazém físico e transmissor do que ali é armazenado, e não a essência dessas coisas. Ver o artigo separado sobre *Dicotomia-Tricotomia.*

c. *Hemisférios esquerdo e direito do cérebro.* Sólidas evidências têm mostrado que os dois hemisférios do cérebro ocupam-se de diferentes funções. O hemisfério esquerdo controla os modos de pensar racional, dedutivo e linear, que empregamos na matemática e nas ciências, como no método empírico. Mas o *hemisfério direito* controla as funções intuitivas, criativas e estéticas. Provavelmente, os fenômenos psíquicos e os sonhos estão mais associados ao hemisfério direito. E assim, como um veículo, o cérebro, em seu hemisfério direito, está mais associado aos tipos místicos e intuitivos de experiências. É possível que a disposição de uma pessoa quanto a essas coisas seja facilitada por um hemisfério direito do cérebro melhor desenvolvido, ao passo que os cientistas e matemáticos tenham melhor desenvolvimento no seu hemisfério esquerdo do cérebro. Também é possível que o código genético (os genes dão ao homem cerca de mil e oitocentas características específicas) da pessoa determine qual hemisfério do cérebro é mais importante. Se assim for o caso, então não admira que os cientistas tenham tanta dificuldade em entender os místicos, e vice-versa. Cada um deles tem uma missão específica a cumprir no mundo, cada qual com o seu equipamento cerebral correspondente . Seja como for, todas as coisas pertencem a Deus, e nele todas as coisas são reconciliadas, embora os homens continuem a disputar as suas diferenças.

d. *Referências bíblicas à cabeça.* Quanto a um completo estudo a esse respeito, ver o artigo sobre a *Cabeça. Os* antigos reconheciam que a cabeça é a sede da inteligência, embora também pensassem que o coração está envolvido nisso. Na Bíblia, a palavra «cabeça» pode indicar a pessoa inteira (conforme se vê em Gên. 49:26 e Pro. 10:6). Há um certo número de usos metafóricos da «cabeça», onde estão em foco funções tipicamente cerebrais. Assim, o fato de que Cristo é o Cabeça da Igreja indica que ele controla, nutre e inspira a Igreja, da mesma maneira que o cérebro controla todos os membros do corpo. Temos um detalhado artigo sobre a questão, intitulado *Cabeça (Cristo) e Corpo (Igreja).* Com base nessa linha geral de pensamento, temos governantes ou líderes intitulados *cabeças* (ver I Sam. 15:17; Dan. 2:38). Assim também, a cidade principal de um reino pode ser assim chamada (ver Isa. 7:8).

2. Coração

Nesta enciclopédia há um detalhado artigo separado sobre esse assunto.

3. Rins

Ver o artigo sobre os **Rins.**

4. Fígado

No hebraico, **kabed**, que significa «pesado», mostrando que o fígado seria a víscera mais volumosa e pesada do organismo. Há um bom número de referências ao fígado no seu sentido natural, não metafórico, em Êxo. 29:13,22; Lev. 3:5,10,15; 4:9 e muitas outras. Nessas passagens estão em foco fígados de animais abatidos como sacrifício. Entre os pagãos o fígado dos animais era usado nas adivinhações, mais ou menos da mesma maneira que as quiromantes pretendem ler as mãos das pessoas. Essa forma de adivinhação chama-se *hepatoscopia,* havendo alusão a essa prática em Eze. 21:21. Pensava-se que eram significativas as marcas e reentrâncias das vísceras dos animais, incluindo o fígado. Ver o artigo separado sobre a *Adivinhação,* segundo ponto. Algumas vezes, falava-se sobre o fígado mais ou menos como nós falamos sobre o *coração, ou* seja, como o centro da vida e da emoção (Pro. 7:23; Lam. 2:11). A arqueologia tem mostrado a importância do fígado para os antigos, no sentido religioso. Muitos fígados artificiais têm sido desenterrados. Sem dúvida, esses objetos eram usados em algumas formas de adivinhação. Sabemos que existia tal prática na cultura romana. A palavra latina para os adivinhos por meio do fígado dos animais era *arúspices.* Há treze referências ao fígado no Antigo Testamento, mas nenhuma no Novo Testamento.

5. Estômago

Ver o artigo separado sobre esse assunto.

6. Ventre: Útero

O termo hebraico mais comum para esse órgão feminino é *beten,* embora apareça um outro termo hebraico para o mesmo, *me'im,* somente em Rute 1:11. Esse órgão também é denominado *rehem (ou raham),* no hebraico. No grego temos os vocábulos sinônimos *gastêr, koilía* e *mêtra.* Tanto no hebraico quanto no grego, os dois primeiros termos também podem indicar a *barriga,* o que mostra quão inexato era o conhecimento anatômico entre os antigos. Em Jó 1:21 e Isa. 49:1, a alusão é ao *começo da vida biológica.* Figuradamente, o começo de qualquer coisa pode ser dado a entender com essa palavra. Ver Jó 38:29. Como o bebê é formado no ventre materno era motivo de admiração para os antigos, devido ao seu mistério, o que continua constituindo um mistério, apesar de todo o nosso avanço científico. A Bíblia atribui coisas assim a atos diretos de Deus (Jó 31:15; Ecl. 11;5). Há evidências, em nossos dias, de que a aura ou campo da vida que circunda o feto é o fator controlador em seu desenvolvimento, mas, em última análise, todas essas maravilhosas funções devem ser atribuídas a leis naturais que foram estabelecidas por Deus, ou à direta inteligência atuante de Deus. Ver o artigo separado sobre a *Aura Humana (Campo de Vida).* A esterilidade feminina era um problema sério, para os antigos hebreus, e algumas vezes era atribuída ao desprazer divino (ver I Sam. 1:5). Os filhos *primogênitos* supostamente eram uma *oferenda viva* especial a Deus, por serem as primícias de suprema importância (ver Êxo. 13:2; Luc. 2:23).

Nos Sonhos e nas Visões. Um sonho sobre o retorno ao ventre materno (usualmente sob forma simbólica) indica o desejo pelo conforto e segurança que a figura materna oferece, sem as complicações envolvidas na vida neste mundo. O ventre materno também pode simbolizar a Grande Mãe, a fonte de toda vida e a inspiração de todos os ideais. Ou pode estar em foco a própria terra. Além disso, a terra, lugar onde se faz o plantio e o cultivo, pode simbolizar o ventre

materno. Algumas vezes, o ventre materno é simbolizado por um misterioso e expandido lodaçal. O retorno mental ao ventre materno pode indicar um período de renovação, com base na fonte de energia, em que o indivíduo convoca todos os seus recursos, da fonte originária de toda vida. Nesse sentido, o ventre materno pode simbolizar a alma ou a mente inconsciente, onde se encontra a verdadeira vida. Em última análise, a Mente Divina, a Divina Entidade é o útero formador de toda existência, bem como o sustentador de toda a vida.

ORGULHO

Esboço:

1. Definição nos Léxicos
2. Referências e Idéias Bíblicas
3. Notáveis Exemplos Bíblicos de Espírito Orgulhoso
4. Na Literatura de Sabedoria do Antigo Testamento
5. O Homem Esquece-se de Seu Legítimo Lugar
6. Opinião de Aristóteles a Respeito
7. O Orgulho e Sua Detecção

1. *Definição nos Léxicos*

«Um exagerado senso de superioridade pessoal, uma auto-estima desordenada; arrogância e altivez de espírito, presunção». Temos aí uma definição negativa. Mas a palavra «orgulho» também tem conotações positivas, como «um devido senso de dignidade e valor, auto-respeito honroso, uma justa causa de exultação». Isso posto, os sinônimos podem ser negativos: ostentação, presunção, vaidade. Ou podem ser positivos: auto-estima, admiração, espírito de exultação, ufania.

2. *Referências e Idéias Bíblicas*

O orgulho é um pecado (Pro. 21:4); é abominável diante de Deus (Pro. 6:16); é uma expressão de justiça própria (Luc. 18:11,12); procede de privilégios religiosos (Sof. 3:11); vem de um conhecimento não-santificado (I Cor. 8:1), procede da inexperiência (I Tim. 3:6); origina-se na possessão de poder e autoridade (Lev. 26:19); é contaminador (Mar. 7:20,22); endurece a mente (Dan. 5:20); deve ser rejeitado pelos santos (Sal. 131:1); serve de obstáculo às operações de Deus (Sal. 10:4; Osé. 7:10); é um empecilho ao aprimoramento pessoal (Pro. 26:12); caracteriza supremamente ao diabo (I Tim. 3:6); foi o principal fator na queda de Lúcifer ou Satanás (Isa. 14:12 *ss);* é uma atitude comum da humanidade em sua hostilidade contra Deus (I João 2:16); é característica dos falsos mestres (I Tim. 6:3,4); origina-se na própria alma humana (Mar. 7:21 *ss);* leva à atitude contenciosa (Pro. 13:10; 16:18); será uma das características dos ímpios nos últimos dias (II Tim. 3:2). Além disso, os orgulhosos serão humilhados (Sal. 18:27; Isa. 2:12), e o castigo divino aguarda aos orgulhosos (Sof. 2:10,11, Mal. 4:1).

3. *Notáveis Exemplos Bíblicos de Espírito Orgulhoso*

Aitofel (II Sam. 17:23); Ezequias (II Crô. 32:25); o próprio Satanás (Isa. 14:12 *ss);* Hamã (Est. 3:5); Moabe (Isa. 16:6);Tiro (Isa. 23:9); Israel (Isa. 28:1): Judá (Jer. 13:9); Babilônia (Jer. 50:28,32); Assíria (Eze. 31:3,10); Nabucodonosor (Dan. 4:30); Belsazar (Dan. 5:22,23); Edom (Oba. 3); os escribas dos dias de Jesus (Mar. 12:38,39), os crentes de Laodicéia (Apo. 3:17).

4. *Na Literatura de Sabedoria do Antigo Testamento*

Esse material concentra-se em torno do pecado que é o orgulho, em consonância com os provérbios canônicos (ver Pro. 16:18). O espírito religioso reconhece a inutilidade da pretensão e da vaidade humanas.

5. O *Homem Esquece-se de Seu Legítimo Lugar*

Os pagãos olvidam-se de Deus, embora exaltando porções da criação divina; e assim terminam em uma insensata idolatria (ver Rom. 1:21,25). Talvez a pior modalidade de idolatria seja a auto-exaltação. Há ocasiões em que a jactância é apenas um mecanismo psicológico, que busca reconhecimento e apoio da parte de outras pessoas. Mas, com freqüência, a jactância é apenas uma avaliação exagerada do indivíduo acerca de si mesmo.

6. *Opinião de Aristóteles a Respeito*

Esse antigo filósofo grego fazia do orgulho uma virtude. Porém, ele tinha em mente o meio-termo entre a humildade excessiva e a vaidade, ou seja, os extremos negativo e positivo do orgulho. Para ele, um homem não deve humilhar-se e autodegradar-se, o que é uma insensatez. Mas também não deve ser jactancioso e inchado. Antes, deve ufanar-se no bom senso de ter uma adequada auto-estima, de fazer uma correta avaliação de suas potencialidades e de seu valor. Falando dentro do contexto cristão, podemos dizer que a vida caracterizada por um orgulho negativo é incompatível com a vida em Cristo, onde «viver é Cristo». Todavia, esse fato de vivermos «em Cristo» empresta-nos um grande valor; e podemos ter uma dignidade própria da autêntica humanidade, o que é impossível à parte de Cristo, o qual empresta aos homens o valor que eles têm.

7. *O Orgulho e Sua Detecção*

Sempre será mais fácil vermos o orgulho manifesto em nossos semelhantes, e não em nós mesmos. Algumas pessoas arrogantes chamam de orgulhosas a outras pessoas. É que o orgulho é uma atitude muito sutil. Podemos ter o orgulho de sermos mais espirituais que outras pessoas, conforme os fariseus se imaginavam. Podemos até ter orgulho de nossa humildade, de nossa suposta bondade. Todavia, há formas de orgulho justificáveis e até desejáveis (ver I Cor. 1:29-31; Gál. 6:14; Fil. 3:3); e a essas formas damos o nome de «ufania». Alguns falam em um «orgulho justo» acerca de alguma coisa, o que é perfeitamente possível. Por outra parte, o orgulho pecaminoso constitui um grande mal. Agostinho e Tomás de Aquino viam no orgulho a essência própria do pecado, um vício cardeal.

ORIENTE

Essa é a direção referida no Antigo Testamento como lugar do nascimento do sol (no hebraico *mizrah-semes;* Núm. 21:11; Juí. 11:18, ou então meramente como *mizrah, «surgimento»)* onde a idéia do surgimento do sol fica entendida (Jos 4:19). Em Sal. 26:6 temos o hebraico *mosa,* «saída», dando a entender a saída ou aparecimento do sol. No Novo Testamento, encontramos o termo grego *anatole,* que também significa «surgimento». Essa palavra grega ocorre por dez vezes: Mat. 2:1; 2,9; 8:11; 24:27; Luc. 1:78; 13:29; Apo. 7:2; 16:12; 21:13.

Os grandes luminares celestiais davam aos antigos pontos referenciais pelos quais podiam orientar-se. Assim a palavra «frente» (o lugar para onde uma pessoa olhava, para determinar qualquer direção) era usada para indicar o oriente. Essa palavra antiga, *qdm,* tem sido confirmada desde cerca de 2000 A.C. É palavra tomada por empréstimo da *História de Sinuhe,* do Egito. Também pode ser achada nos textos ugaríticos do século XIV A.C. Uma pessoa que quisesse determinar os quatro pontos cardeais voltava-se de frente para o nascer do sol. Isso dava-lhe o *leste.* O sul ficava à sua direita; o norte, à sua esquerda; e o oeste, às suas costas. Portanto, «direita» era um dos nomes dados ao sul; e «esquerda» era outro nome para o norte. As «costas» era a mesma coisa que o oeste. Os indianos chamam o leste de «defronte»; o oeste, de «detrás»; o sul, de «direita»; e o norte de «esquerda». *Quedem (qdm)* também era palavra usada para designar as terras,que ficavam ao oriente. Ver sobre *Oriente, Filhos do.*

Simbolismos. O sol surge no horizonte e transmite vida. Portanto, a própria vida é simbolizada pelo oriente. O oriente também simboliza a sabedoria. Ali tiveram início todas as principais religiões do mundo. O *sul,* por sua vez, simboliza o calor e as paixões terrenas. O *ocidente, ou* ocaso, simboliza o fim de alguma coisa, bem como o fim de todas as coisas, a morte. Também pode indicar declínio e desintegração. Porém, também pode significar renascimento, visto que, após o pôr do sol (o fim de alguma coisa), segue-se necessariamente um nascer de sol (um novo começo). O norte simboliza as trevas e o desconhecido. Os quatro pontos cardeais, *juntos,* simbolizam as faculdades da mente: o intelecto, as emoções, intuição e as sensações.

ORIENTE, FILHOS DO

No hebraico, **benequedem,** uma expressão vaga que, evidentemente, refere-se a nações localizadas a leste da Palestina, incluindo povos como os midianitas, os amalequitas, os moabitas, os amonitas e os quedaritas. Ver Juí. 6:3; Eze. 25:10; Jer. 49:9 e Gên. 29:1. Aparentemente, a referência também incluía vários povos nômades (Eze. 25:4), e até mesmo os habitantes da Mesopotâmia (I Reis 4:30). Jó é referido como um dos *benequedem* (Jó 1:3). A palavra hebraica para «oriente» é *quedem,* o que explica o nome. No *Romance de Sinhee,* do Egito, a expressão refere-se à terra perto de Canaã, onde viviam os beduínos. Alguns estudiosos supõem que a Arábia, de modo geral, seria como a terra dos filhos do Oriente. Esses povos orientais eram famosos por sua sabedoria. A sabedoria viria do Oriente; a tecnologia viria do Ocidente. Os magos que vieram visitar o menino Jesus eram do Oriente (Mat. 2:1-12).

ORIGEM DO MAL

Neste artigo está incluído o meu comentário sobre a *Queda do Homem.* O artigo separado sobre o *Problema do Mal* oferece detalhes adicionais acerca do assunto deste artigo.

Esboço:

I. Tipos de Mal
II. Teorias sobre a Origem do Mal
III. A Queda do Homem
IV. Quando o Homem Caiu?
V. Restauração e Redenção

I. Tipos de Mal

A tentativa para explicar a **origem** do mal obriga-nos a levar em conta o fato de que existem dois tipos de mal. Em primeiro lugar, há o *mal moral.* Em outras palavras, há coisas que existem e são praticadas por causa da vontade pervertida do homem, ou por causa da malignidade de outros seres inteligentes, maiores ou menores que o espírito humano. Em segundo lugar, há o *mal natural, ou* seja, o descontrole da natureza, que provoca catástrofes as mais diversas, como inundações, incêndios, terremotos, tempestades, enfermidades e, finalmente, a morte física. Para muitos pensadores, a morte é o pior de todos os males terrenos.

Então indagamos: «Por que essas coisas têm de acontecer? Como foi que elas começaram?». Nosso artigo sobre o *Problema do Mal* fornece várias respostas, que não são desenvolvidas neste artigo.

II. Teorias sobre a Origem do Mal

Neste ponto, envolvemo-nos nos estudos da *teodicéia* (vide), que consiste na tentativa para justificar a conduta, o planejamento e o raciocínio de Deus, à luz do fato de que sua criação, realmente apresenta defeitos e está prenhe de sofrimentos e males. Se Deus é bom, se ele é todo poderoso, e se ele sabe de todas as coisas, antes mesmo de acontecerem, por qual razão Deus não impediu que o mal tivesse início? E, uma vez que o mal teve início, por que não providenciou para eliminá-lo? Quanto às origens do mal, oferecemos as seguintes sugestões:

1. *Dualismo Absoluto.* Essa idéia se vê no zoroastrismo. Essa é a idéia que diz que o mal não teve princípio, mas sempre existiu, juntamente com o bem. Além disso, o mal pertenceria a um reino distinto do reino do bem. Algo não teria ocorrido de errado com o bem, para que o mal viesse à existência. Pelo contrário, o mal sempre teria existido, lado a lado com o bem. Haveria um reino maligno, com seres espirituais, que sempre existiu e sempre existirá. O problema teria aparecido somente quando os reinos do bem e do mal começaram a *misturar-se.* A solução é vê-los separarem-se novamente, e não pôr fim ao reino do mal, o que seria uma façanha impossível. O zoroastrismo promete o triunfo do bem, no sentido de que o princípio do mal será derrotado e separado do princípio do bem; mas o mal continuará existindo em sua própria esfera. E também pensa que em algum futuro distante, após essa separação, o reino do mal tornará a atacar e as atuais agonias terão repetição em um processo que pode reiterar-se por muitas e muitas vezes.

2. *O Maniqueísmo* (vide) também adotava uma posição dualista. Este sistema era uma variedade de gnosticismo (vide). O judaísmo e o cristianismo ensinam o que poderíamos chamar de uma forma suavizada de dualismo, porquanto supõem que o mal não somente será separado do bem, mas também será completamente eliminado.

3. *Monismo Absoluto. O bramanismo* (vide) pensa que o mundo é a emanação de Brâmane. O mundo dos fenômenos, onde o mal existe, seria, realmente, uma ilusão. Portanto, o próprio mal seria ilusório. É como se fosse um pesadelo, do qual, algum dia, o espírito verdadeiro se acordará. Só haveria uma verdadeira vida, a vida de Deus, não havendo nela mal ou defeito. Platão, no contraste que estabelecia entre os universais (vide) e os particulares (vide), aproximava-se da posição monista, ao supor que este mundo físico é apenas uma realidade secundária, imitativa, que terminará por deixar de existir. *Leibniz* (vide) pensava que o nosso mundo é o melhor mundo possível, e que o mal é apenas uma interpretação equivocada, por parte de mentes finitas, que não podem perceber que o mal é necessário, como parte integrante do bem.

4. *Monismo Cristão.* Filósofos teólogos como Agostinho e Tomás de Aquino, em sua *teodicéia* (vide), explicavam que o mal não é, realmente, uma entidade. Seria apenas a ausência do bem, da mesma maneira que as trevas são a ausência da luz.

5. *Naturalismo.* Não haveria nenhum Deus criador. O que existe, somente, é a *matéria* e o *movimento. A* matéria em movimento entrava em dificuldades e começava a operar erroneamente. O mal seria uma parte natural das vicissitudes da matéria em movimento, e não teve começo. *A* teologia não tem como manifestar-se a esse respeito. Tudo não passaria de um mero caos mecânico. O *tiquismo* (vide), nome derivado do grego *tuche,* «chance», «acaso», seria o verdadeiro deus da criação. Naturalmente, as coisas correm erradas, mas isso faria parte da própria natureza da existência *(pessimismo;* vide). Mas haveria um *tiquismo vencido,* quando usamos a nossa vontade para estabelecer um sentido em meio ao caos, injetando no mesmo algum valor ou utilidade, posto que, em si mesmo, não haja utilidade alguma no mal.

6. *O Deísmo* (vide). Essa posição filosófica cética diz que talvez um Deus ou força cósmica criou ou organizou a criação, mas, tendo feito isso, abandonou seu universo, deixando-o para ser governado pelas leis naturais. Essas leis seriam deveras impressionantes, a julgar por todas as muitas formas de vida que foram trazidas à existência. No entanto, também seriam defeituosas, o que explicaria o mal que vemos ao nosso redor. Nesse caso precisamos imaginar que Deus, ou alguma força cósmica, ou era finito em si mesmo—de tal maneira que vieram a surgir problemas que ele não conseguia controlar — ou então, que ele nem estava muito interessado em sua criação pelo que não tomou qualquer medida que garantisse a sua integridade.

7. *O Pessimismo* (vide). Deus ou alguma força cósmica seria um poder maligno (de acordo com as definições humanas normais). Logo, este mundo seria o pior de todos os mundos possíveis. O mal seria a essência mesma da existência e somente o aniquilamento total da existência poderia ser classificado como algo bom.

8. *O Cristianismo com Algumas Leves Distorções.* Alguns teólogos cristãos têm postulado algumas respostas duvidosas acerca da origem do mal:

a. O próprio Deus *seria finito,* pelo que tem os seus próprios problemas, não tendo sido capaz de impedir a entrada do mal em seu sistema.

b. Deus seria *limitado* em sua presciência, pelo que a penetração do mal no mundo o teria tomado inteiramente de surpresa. Mas, uma vez que o mal se manifestou, Deus teria começado a tomar medidas para corrigir o curso da malignidade e curar os seus maus efeitos.

c. O monismo cristão (ver o terceiro ponto) é a posição daqueles que dizem que o mal é apenas a ausência do bem, e não alguma

entidade que exista por seus próprios direitos. Em nossa opinião, essa é uma daquelas leves distorções teológicas da cristandade.

d. O *determinismo violento,* conforme é visto no calvinismo radical (vide), promovido por Paulo, no nono capítulo da Epístola aos Romanos, faz Deus ser a causa até mesmo do mal, por ser ele a única causa de tudo. Essa teologia deixa de lado a possibilidade da existência de causas secundárias, que explicariam a presença do mal. Essa posição era comum no judaísmo e foi transferida para o cristianismo. Ver o artigo separado sobre o *Determinismo.* De acordo com o determinismo absoluto (predestinação; vide), Deus é a grande causa do mal, porquanto ele é a única causa que existe. Assim pensando, estamos olvidando o amor de Deus. Deus amaria somente os seus eleitos e odiaria ou desprezaria os demais, com toda a indiferença. Isso é o que nos ensina o nono capítulo da Epístola aos Romanos, queiramos ou não queiramos. Isso é má teologia, admitamos ou não. Felizmente, há outras porções que apresentam o outro lado da questão. Não podemos limitar Paulo ao nono capítulo de Romanos. Há trechos bíblicos que equilibram outros.

9. O Cristianismo Racional. Deus seria a causa do mal, mas apenas em um sentido secundário e não maligno. Em primeiro lugar, ele poderia ter evitado a entrada do mal no mundo, mas não o fez porque há coisas mais importantes a serem promovidas do que resguardar a criação de todo o mal. Portanto, ele *permitiu* a entrada do caos natural, e resultados perversos do livre-arbítrio de seres inteligentes (como os anjos e os homens). Ele sabia que se essas criaturas inteligentes pudessem ter livre escolha, em algum ponto, em algum tempo, haveriam de preferir o mal. Porém, se ele não tivesse conferido genuíno livre-arbítrio a elas, então esses seres nem seriam verdadeiramente *inteligentes* (pois desconheceriam a diferença entre o bem e o mal), e nem seriam seres *autênticos.* Tais criaturas seriam meros autômatos, com reações apenas mecânicas.

O Grande Propósito. O propósito da criação era levar seres inteligentes a participarem da natureza divina. Essa participação só é possível a seres que sejam genuinamente inteligentes e autênticos. A missão do Filho teve a finalidade de fazer tais seres tornarem-se filhos de Deus. Deus não deixou de impedir o mal, porque este é um subproduto necessário, embora não permanente, dentro do Seu processo remidor.

III. A Queda do Homem

1. Contexto Literário. Em primeiro lugar, deveríamos compreender que o relato bíblico sobre a queda do homem (Gênesis 3) é uma versão da atividade literária da Mesopotâmia. Ver os artigos sobre *Jardim do Éden, Eva* e *Criação,* quanto a uma demonstração desse fato. Se não levarmos em conta esse fato, estaremos limitando nosso entendimento, só para obter conforto mental. Não deveríamos tomar a narrativa bíblica como uma declaração absoluta sobre a questão, mas interpretá-la com o intuito de obter o maior discernimento possível, sem fechar as portas da investigação e do raciocínio, que nos podem dar outras informações, melhorando aquilo que oferecemos aqui. Outrossim, seria um equívoco supor que já solucionamos o problema. Muitos mistérios circundam o mesmo, há muitas opções, que deveriam ser consideradas, sem importar o seu grau de valor. Ver a segunda seção deste artigo, quanto a certa variedade de idéias a respeito.

2. *Elementos da Narrativa Bíblica.* O terceiro capítulo de Gênesis busca explicar três aspectos principais da condição humana: a morte universal por qual motivo o homem tem que trabalhar arduamente, e por que a mulher deve estar sujeita ao homem, tendo uma gravidez difícil e um parto doloroso. Apesar da narrativa não ensinar diretamente a doutrina do pecado original (quanto a isso ver IV Esdras 3:7,8 e Rom. 5:12), deixa implícito que os seres humanos, por ocasião da queda, adquiriram a faculdade da prática do mal, como um subproduto do discernimento entre o bem e o mal.

Elementos do Relato de Gênesis:

a. Houve tempo em que o homem era inocente e, presumivelmente, imortal, embora dotado de um corpo físico. Muitos intérpretes pensam que esse tipo de imortalidade contradiz o próprio princípio da matéria, e, por causa disso, acham nisso um elemento parcial ou defeituoso no relato. Lembremos, porém, que ninguém sabe como eram as coisas, antes da queda. Os pais alexandrinos supunham que a queda original envolveu os anjos, e que o homem participou da mesma, visto que, segundo a doutrina deles, o homem seria uma forma espiritual preexistente e caiu quando ainda era um ser apenas espiritual. Assim, quando o homem entrou em contato com a matéria, já era um espírito caído e, nesse próprio ato, tomou sobre si a *mortalidade* física. Assim, o relato de Gênesis nos diria como a maldade foi transferida para o estado incorporado do homem, e não como o pecado começou, no tocante ao homem. A encarnação teria sido um meio para o homem aprender como tratar com o mal e eliminá-lo, embora não tivesse sido o seu início absoluto, no que concerne ao espírito humano.

b. Houve um *tentador não humano* (um poder satânico), que provocou a queda; e isso contra as expressas ordens de Deus, que havia feito certas proibições. Esse elemento do relato introduz (parabolicamente, segundo penso, através da figura da *serpente)* o princípio do mal, em contraste com o princípio do bem. Há escolhas genuínas que precisam ser feitas.

c. O livre-arbítrio é um fato. O homem era genuinamente livre para optar e ele foi reprovado no teste. Apresentamos razões na segunda seção, oitavo ponto, sobre por que o homem tinha de ser livre. Os teólogos discutem sobre quanta liberdade o homem teria retido, desde a queda. E, quanto a isso, entramos na disputa entre o calvinismo e o arminianismo, sobre os quais há artigos separados.

d. *O pecado alia-se ao reino do mal.* Paulo deixou isso claro, em seus ensinamentos sobre a queda, no quinto capítulo de Romanos. Isso já fica claro desde a narrativa de Gênesis. O homem não pecou isolado. O homem aliou-se ao poder de Satanás. E a redenção não consiste meramente na transformação do espírito humano, revertendo-o à sua anterior situação. Também envolve o livramento do poder escravizador do reino do mal. O trecho de Colossenses 1:13 diz como segue: «...ele nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho do seu amor».

e. *O pecado original.* Ver o artigo separado sobre esse assunto. A narrativa do livro de Gênesis não ensina essa doutrina, embora a deixe entendida, como o fazem muitos relatos que se seguem, porquanto os filhos de Adão são vistos envolvidos em muitos tipos de males, presumivelmente por serem herdeiros da maldade de seus progenitores. Os trechos de Salmos 51:5 e Romanos 5:12 *ss* são textos comuns de provas usados para defender essa doutrina. É quase certo que Paulo advogava essa posição. Os homens já nascem pecadores e isso começou por ocasião da queda de Adão e Eva no pecado, cujos efeitos foram transferidos para todos os seres humanos, como uma espécie de herança genética. Muitos teólogos modernos, porém, sentem-se insatisfeitos diante dessa explicação, por uma razão ou outra. Os estudiosos liberais supõem que isso em nada contribui para explicar as verdadeiras razões da maldade humana, pensando que seria apenas uma explicação conveniente e popular. Porém, nesse relato bíblico há uma grande realidade, por mais difícil que seja explicar como e por que as coisas sucederam assim. Mui definidamente, o homem já nasce com um defeito moral. Ele, meramente, não vem a tornar-se defeituoso. Toda a experiência humana serve para demonstrar o fato. E, se apelarmos para a reencarnação (vide), como tentativa de explicar o pecado, a única coisa que estaremos fazendo é transferir a maldade de volta a uma interminável sucessão de vidas. Eu seria pecador agora porque fui pecador em alguma outra vida anterior; e, na vida anterior, fui pecador por causa de alguma vida ainda anterior. Porém, isso só adia indefinidamente o ponto em que me tornei pecador. Pessoalmente, penso que a teologia dos pais alexandrinos da Igreja nos põe de novo na trilha certa, embora a explanação deles também deixe sem explicação muitos mistérios.

f. A *morte e a alienação.* O homem tornou-se um ser mortal, e então foi expulso do jardim do Éden. A Bíblia, como um livro, refere-se à profunda alienação do homem. De fato, a maioria das religiões defende a tese de que o homem é um ser alienado. Mas, a missão de Cristo pode reverter essa alienação, conforme se aprende em Colossonses 1:20 *ss.* O homem encontra-se, atualmente, em uma peregrinação; e a maioria dos seres humanos continua sujeita ao alienado reino das trevas. Mas, quando o homem é espiritualizado mediante a missão de Cristo, então também é reconciliado com Deus; e assim termina a sua alienação de Deus.

g. A *doutrina dos dois homens.* Ver o artigo separado sobre *Dois Homens, Metáfora dos.* Ver também Rom. 5:12 *ss.* Adão foi o cabeça federal do homem caído; e Cristo é o cabeça federal do homem redimido. Dois reinos, portanto, são assim formados. Há duas condições humanas gerais. O estado da perdição envolve toda uma coletividade. O estado da salvação também é condição de uma raça nova, e não apenas de indivíduos isolados.

IV. Quando o Homem Caiu?

Damos indicações a esse respeito, na segunda seção deste artigo. Alguns estudiosos supõem que o mal é eterno, e que não teve começo. Os trechos de Isaías 14:12 *ss.* e Apo. 12:4 dão a entender que houve uma rebelião e então a queda no pecado, em algum passado remoto, na eternidade, por parte de seres angelicais, inteligentes. Os pais alexandrinos da Igreja pensavam que ali é que teria tido lugar a queda do homem, pois supunharn que o homem é um espírito preexistente, não muito diferente dos anjos, excetuando a extensão da degradação por causa da queda no pecado.

Porém, não há razão em supormos que houve apenas uma queda, mesmo que limitemos isso ao nosso presente ciclo. Pode ter havido muitos ciclos da existência, com suas respectivas quedas e redenções. Se falarmos em termos de apenas um ciclo da existência, pode ter havido muitas quedas, em várias ocasiões, envolvendo diferentes tipos de seres, ou então, várias quedas, no que concerne a uma única espécie de ser. Tudo quanto estamos afirmando aqui, porém, não passa de especulação; mas parece improvável que uma única queda, envolvendo os anjos e os homens, possa explicar a complexidade da operação do mal, na criação. Também tomo a posição que todas as nossas informações, bíblicas e extrabíblicas, são parciais no que concerne a esse problema. Assim, postular apenas uma queda, em uma única dada ocasião, é precário; mas, seja como for, as lições que nos são ministradas, mediante as condições criadas pela queda no pecado, são perfeitamente claras.

V. Restauração e Redenção

Também nada existe de mais claro, em todo este vasto mundo, do que a necessidade da *redenção* humana (vide). Ver o artigo geral sobre a *Restauração,* que é o remédio divino para a queda em escala universal. O mistério da vontade de Deus consiste em restaurar todas as coisas, unificando-as em redor do *Logos* (Efé. 1:9,10), o qual se chamou Jesus Cristo em sua encarnação. Fazemos a diferença entre a restauração de todos e a redenção somente de alguns. A redenção leva o homem a participar na natureza divina (II Ped. 1:4, Col. 2:10). A redenção outorga aos remidos a plena imagem de Deus, a real participação na natureza divina e a crescente participação (como um processo eterno) em seus atributos.

A restauração, por sua vez, é uma questão de importância secundária, em que a imagem de Deus é imitada em um nível (ou níveis) inferior de existência, sem dar aos restaurados a natureza e os atributos divinos essenciais. O homem foi criado segundo a imagem de Deus. Não era um ser divino, embora fosse um ser muito elevado. Porém, a queda fê-lo decair dessa posição. Na redenção, todavia, a verdadeira imagem de Deus é outorgada aos homens. Portanto, a redenção não é a mera restauração do que se perdeu. Antes, é um grande avanço, na direção de uma forma de vida metafísica. (B C E H NTI)

ORIGENS, TEORIAS DAS

Um dos grandes mistérios e um dos assuntos favoritos de controvérsia é a questão da origem da vida, do universo, do homem, etc. Quanto a essa questão, a ciência mecanistica toma o *ponto de vista cético,* afirmando que esse é um daqueles assuntos sobre os quais nada podemos dizer de significativo. Para o positivismo lógico, temos aí um fragmento da metafísica e, portanto, «sem significado», porquanto faltam-nos os meios de investigação da questão.

Algumas vezes, os filósofos supõem que podemos entrar em uma regressão infinita a fim de contemplar uma série infinita de causas e efeitos, sem jamais chegarmos a uma Primeira Causa, a verdadeira origem de todas as coisas. Outros pensadores têm sentido que devemos postular uma *Primeira Causa,* e, com base nesse postulado, têm arquitetado um argumento em favor da existência de Deus.

Aqueles que pensam que algo de significativo pode ser dito sobre o assunto têm dado suas sugestões. Abaixo expomos um sumário de idéias:

Heb. *11:3: Pela fé entendemos que os mundos foram criados pela palavra de Deus; de modo que o visível não foi feito daquilo que se vê.*

Idéias sobre as origens.

1. O elemento ou substância original do que tudo o mais proveio, é indefinido e desconhecido. Desse elemento indefinido surgiram os quatro elementos principais: a terra, o ar, o fogo e a água. Toda a vida se originou da água, ao ser esta evaporada pelo sol. A vida humana começou no mar, entre os peixes. Esta, conforme é conhecida agora, — veio por um processo evolutivo que começou com as primitivas formas de peixes. Assim pensava o antigo filósofo grego, Anaximandro, em 546 A.C., pelo que se pode dizer que ele foi o progenitor da teoria evolucionista.

2. *A eternidade da matéria.* A maioria dos filósofos gregos, até os tempos cristãos, ensinava a eternidade da matéria, isto é, que nunca houve tempo em que a matéria não existiu. Para os estóicos (como Zeno), o elemento original teria sido o fogo, e, através de várias modificações, todos os outros elementos foram criados. A vida humana começou na forma de «alma», e uma outra emanação do fogo, e através de várias modificações, todos os outros elementos foram criados. A vida humana começou na forma de «alma», e uma outra emanação *do fogo* também criou as formas materiais ou corpóreas.

3. Haveria a eternidade de alguma substância sobrenatural, chamada *universal.* Essa substância eterna teria sido usada por uma força cósmica, denominada «demiurgo», a fim de criar tudo quanto se conhece no mundo físico, e este tipo de existência é inferior à outra forma. Assim ensinava Platão (450 A.C.). Essa teoria não difere muito da doutrina cristã de uma criação feita por Deus, o poder sobrenatural que produziu nosso mundo físico.

4. Criação como *ato eterno de Deus.* Não podemos imaginar um tempo em que não existia a criação, pois então o que fazia Deus, quando somente ele existia? Assim pensava Orígenes, um dos pais da Igreja (cerca de 225 D.A.) que ensinava que a criação e toda a vida agora existente, fazem parte de *um ato criativo eterno* e *contínuo* de Deus, a fonte de toda a existência. A vida humana não começou, portanto, com a vida física, mas começou com a existência. A forma humana animal foi uma criação especial de Deus, que veio a ser possuída pela alma já existente.

5. Criação como *pensamento eterno* de Deus. Nunca houve um tempo em que a criação não existiu, embora houvesse tempo em que tudo se resumia a um pensamento na mente de Deus. Com o tempo, mediante um ato criador especial, Deus trouxe sua idéia à concretização. Assim pensava Clemente, um dos primeiros pais da Igreja (cerca de 250 D.C.).

6. *Criação ex-nihilo,* ou seja, tirada do nada. Houve um tempo quando somente Deus existia. Quando ele resolveu criar os mundos, meramente proferiu a palavra e tudo veio à existência. A vida humana foi criada do já existente pó da terra, por um *ato especial* de Deus.

7. Criação *ex-nihilo*, mas entendida como feita através da *energia divina*. Deus transformou sua própria energia em matéria, e a criação física veio à existência. Agora, o homem pode transformar a energia em matéria, e a criação física veio à existência. Agora o homem pode transformar a energia em matéria, ou a matéria em energia, em imitação a Deus, mas não pode fazer a existência física assumir vida. A sexta e a sétima posições têm sido as idéias mais comumente defendidas pela igreja cristã através dos séculos.

8. *Panteísmo*. Tudo quanto existe é Deus ou energia divina. Os mundos, segundo os conhecemos, são meras modificações dessa ernegia, pelo que todas as coisas trazem, em si mesmas, a natureza de Deus. Deus seria o cabeça do mundo, e o mundo seria o corpo de Deus. Tudo quanto se conhece é apenas uma «emanação» de Deus, e não uma criação. Deus emana a sua criação, tal como o sol emana os seus raios, e estes fazem parte daquele. O panteísmo moderno tem certo caráter evolutivo, isto é, envolve um processo evolutivo que, segundo pensam, produziria as várias modificações na substância divina que forma os mundos. Assim pensava Baruque Spinoza, em termos gerais.

9. A eternidade da matéria e sua organização por parte de um Deus inteligente: A matéria seria eterna, mas a vida feita dessa matéria foi um ato de um Ser inteligente ao qual chamamos Deus. Assim ensina a igreja Mórmon. A «matéria não-criada» existia no estado de «caos». O ato de Deus não teria sido «criador», mas antes, organizacional.

ORIGINAL, JUSTIÇA

Três significados têm sido atrelados a essa expressão, Justiça Original, a saber:

1. O presumível estado original de inocência do homem, antes da queda no pecado, um estado maculado pela tentação, queda e degradação conseqüente. As teorias muito se têm esforçado por tentar descrever esse estado. Alguns têm chegado mesmo a supor que o homem, se não tivesse pecado, teria continuado a existir com uma natureza *física imortal*. Ademais, muitas perfeições têrm sido atribuidas a Adão e Eva, quando ainda estavam na inocência. Uma distorção dessa idéia é aquela que diz que eles eram seres angelicais, que vieram residir na terra, onde adquiriram corpos físicos, os quais, subseqüentemente, tornaram-se mortais.

2. Diante do surgimento do liberalismo teológico e da teoria da evolução, alguns eruditos começaram a falar sobre o relato de Adão e Eva como uma lenda. Naturalmente, esses abandonam a teologia com o conceito do «nobre selvagem», o que foi exemplificado por Rousseau. Ele supunha que a civilização fez piorar o nobre selvagem, tendo-o transformado em um guerreiro tribal. O comunismo, seguindo a idéia das tríades, adotou essa idéia do «nobre selvagem».

3. Outra idéia é aquela que diz que o homem, embora obviamente um pecador, por natureza e prática, também é um ser justo. Essa doutrina assume muitas variantes. A evolução poderia ter produzido esse caráter paradoxal, conforme alguns dizem, ou, então, a imagem de Deus conferiu ao homem uma justiça original, que continuou embutida nele, mesmo depois de seu pecado e de sua queda. Essa terceira idéia distingue-se da primeira por não precisar de qualquer teoria da criação, à qual seja aplicada. Em outras palavras, poderíamos esquecer a história de Adão e Eva, e ainda assim pensar no homem como um ser paradoxal: pecaminoso mas justo, e vivendo em constante estado de tensão, por cauda disso.

ÓRION

Ver sobre **Astronomia** e sobre **Astrologia**. O Órion (ver Jó. 9:9; 38:31; Amós 5:8), nome que significa «caçador», é a constelação mais proeminente do sul do hemisfério norte. Essa constelação contém Betelguese, estrela de primeira magnitude, como também Rigel. A Bíblia menciona outras constelações, como a Ursa e as Plêiades (Jó 9:9; 38:31,32; Amós 5:8). A Septuaginta, em Jó 38:31, ao traduzir a palavra hebraica para o grego *Orionos* (nome de um poderoso caçador) deu um tom grego à questão. A vastidão do firmamento sempre infundiu um senso de respeito nos homers. Esse respeito, ou contribui para a iluminação mental (ver Sal. 19:1), ou descamba para uma forma de idolatria (ver Deu. 4:19; 17:3). E o povo de Israel algumas vezes entregou-se a essa forma de idolatria (ver II Reis 23:5,11; Jer. 8:2).

ÓRIX (ANTÍLOPE)

No hebraico, **dishon** (Deu. 14:5) e **to** (Isa. 51:20). Sob a hipótese de que esses dois nomes, no hebraico, designam somente uma espécie animal, foi escrito este verbete. Na primeira dessas passagens, o animal é descrito como «limpo», isto é, próprio para consumo dos israelitas. E a segunda passagem refere-se a como esse animal era apanhado por meio de redes, sendo esse o método de apanhar caça grossa, ou seja, animais de grande porte. Parece estar em foco certo tipo de antílope, segundo a qual hipótese temos a palavra «antílope», em nossa versão portuguesa, em ambas essas passagens. Outras traduções são mais precisas, dizendo ester em foco o «órix», um tipo de antílope dotado de longos chifres pontiagudos, atualmenb circunscrito às savanas africanas, e que consegue sobreviver em lugares quase desérticos.

Há diversos tipos de gazelas que poderiam ser identificados com as palavras hebraicas em questão. Há cinco espécies de antílopes, naturals da África e de outros lugares. Os modernos métodos de caça com armas de fogo têm reduzido drasticamente o número desses animais; mas, nos tempos antigos, eles eram abundantes. No sul da Arábia sobrevivem atualmente apenas duas espécies de *órixes*, e isso em pequeno número.

ORLA

No hebraico, **shul**, «orla», «borda». Essa palavra aparece por onze vezes no Antigo Testamento: Êxo. 28:33,34; 39:24-26; Jer. 13:22,26; Lam. 1:9; Naum 3:5 e Isa. 6:1. Essa palavra vem do verbo que significa «pendurar».

No grego, *kráspedon*, «beira», «orla». Esse vocábulo é usado por cinco vezes: Mat. 9:20; 14:36; 23:5; Mar. 6:56 e Luc. 8:44.

A orla é a extremidade inferior de uma veste, sua fimbria ou borda. Entre os fariseus dava-se um extraordinário valor à orla das vestes. Essa doutrina deles estava baseada sobre o trecho de Êxodo 28:33,34. Essa fimbria ou orla resultava do fato de que as extremidades dos fios de lã eram deixados sem entretecido, a fim de impedir que o tecido se desfiasse.

Os israelitas foram instruídos a usar fimbrias nos quatro cantos de suas vestes. A isso conferia-se uma certa significação espiritual. Servia para relembrar-lhes os mandamentos da lei. A sobrepeliz de Aarão (Êxo. 28) deveria ter sinetas de ouro e romãs na sua orla, o que emprestava àquelas vestes um sentido altamente simbólico. Os fariseus exibiam sua superioridade usando longas *franjas*, uma das palavras portuguesas usadas para traduzir o termo grego *kráspedon*. É claro que o faziam por orgulho espiritual. A mulher hemorrágica pensou que, se ao menos pudesse tocar na orla das vestes de Jesus, seria curada de sua enfermidade. O relato bíblico informa-nos que isso funcionou, mas não podemos atribuir a cura ao fato de que ela tocou em uma peça de tecido e, sim, ao fato de que teve confiança no Senhor (ver Luc. 8:43-48).

Os fariseus desenvolveram regras elaboradas que regulamentavam o uso das orlas em suas vestes. Isso deveria consistir em oito fios, um dos quais deveria ser enrolado em torno dos demais. Outros regulamentos foram baixados sobre quantas vezes esse fio deveria ser enrolado: primeiramente, sete vezes, com um nó duplo; então oito vezes, com outro nó duplo. Isso era feito segundo os valores numéricos dos caracteres hebraicos que formavam as palavras

Yahweh Um. O exagero sobre essa questão atingiu ao absurdo de certos rabinos asseverarem que todos os mandamentos da lei dependiam da observância quanto às orlas (ver Maimônides, *Hilch. Tzitzith, c.* terceiro, seção 12). O espírito de ostentação religiosa dos homens vai aumentando, à medida que sua espiritualidade vai diminuindo. Todas as pessoas religiosas são hipócritas, em certo grau, e isso porque o homem sempre é pior do que parece ser para os seus semelhantes. Todavia, isso não deveria impedir de procurarmos melhorar, a despeito dos nossos problemas.

ORNÃ

Ver I Crô. 20:25; 21:15,18; II Crô. 3:1. Essa é uma forma alternativa do nome *Araúna* (vide).

ORNAMENTOS

A arqueologia tem encontrado uma grande variedade de ornamentos, principalmente sob a forma de jóias variegadas. Ver o artigo geral *Jóias e Pedras* Preciosas.

Certos ornamentos de uso pessoal, referidos na Bíblia, têm paralelos no uso moderno. Podemos falar sobre *os anéis* (ver sobre *Anel)* ou argolas, alguns usados nas orelhas, outros no nariz, e ainda outros pendentes de cordões; os *braceletes* (usados perto do pulso, feitos de vários metais, de osso ou de madeira; Gên. 24:22; Núm. 31:50; Eze. 16:11; 23:42; Isa. 3:19; II Sam. 2:10; Êxo. 35:22); as *presilhas de tornozelo,* feitas de bronze ou outros metais etc. O profeta Isaías lamentava que as mulheres hebréias usassem correntes que as forçavam a caminhar com passos curtos, a fim de se mostrarem mais femininas. Essas presilhas ou correntinhas também faziam certo ruído que chamava a atenção das pessoas. Ver o artigo separado intitulado *Passos Curtos* (Isa. 3:16). Além disso havia ornamentos usados no pescoco, por mulheres, homens e até animais (ver Juí. 8:26; Pro. 1:9; Can. 4:9; Isa. 3:18; Eze. 16:11). Havia alguns com a forma de correntes, feitos de vários metais; outros eram cordões com contas ou conchas. Também havia os *broches,* alguns dotados de pino (ver I Macabeus 10:89; 11:58).

Os Excessos Egipcios. Os monumentos do Egito exibem ricas damas carregadas com toda forma de ornamentos. Os habitantes da Palestina usavam igualmente esses adornos pessoais. Os midianitas parecem ter sido tão exibidos quanto os egípcios (ver Núm. 31:50,52; Juí. 8:26). Em várias culturas antigas havia ornamentos masculinos. Os homens israelitas mostravam-se um tanto comedidos quanto a isso (ver Êxo. 32:2), mas não as mulheres israelitas. Os persas, os medos e os egípcios, além de outros povos antigos, adornavam suas principais autoridades, como os seus monarcas, com correntes de ouro em torno do pescogo, como emblemas de ofício, embora isso não se repetisse na cultura hebréia. Ver Gên. 41:42 e Dan. 5:7.

Proibições Bíblicas. Textos bíblicos como Isa. 3: 18; I Tim. 2:9 e I Ped. 3:4 proíbem o excesso no uso de ornamentos pessoais. O trecho de Tia. 2:1-4 menciona as correntes de ouro, usadas pelos ricos. Estes eram favorecidos em detrimento dos pobres que não podiam dispor de tais ornamentos. E essa prática de acepção de pessoas é ali condenada, embora não tanto o uso dos próprios ornamentos.

Uma Ornamentação Artística. Os comentários acima abordam a questão dos ornamentos pessoais. Havia outros enfeites que consistiam em esforços artísticos para embelezar objetos, como as decorações de vasos de cerâmica, ferramentas, armas, caixas, espelhos, jarras, tapetes, etc. Nisso estavam envolvidos metais preciosos, pinturas coloridas, gravações, entalhes em osso e marfim, etc. Os móveis da corte real eram ricamente ornamentados (I Reis 10:18: II Crô. 9:17; Amós 6:5). Palácios e relevos tumulares eram ornamentados com arte pelos egípcios, assírios e babilônios. O tabernáculo e o templo de Jerusalém também foram rica e elaboradamente ornamentados, um trabalho quase sempre efetuado por artífices estrangeiros, ou, pelo menos, seguindo modelos estrangeiros. E também não nos podemos esquecer, nesse relacionamento, dos sarcófagos de pedra ricamente cinzelados, especialmente do Egito e da Fenícia.

Ornamentos Arquiteturais. Tanto os edifícios públicos quanto as residências dos abastados eram ornamentados externa e internamente. Os palácios dos reis assírios, em Nínive e Corsabade, eram decorados com baixos-relevos. As entradas de seus edifícios mais importantes eram guardadas por animais cinzelados de forma mais intricada e estilizada, e também eram empregadas tintas de várias cores, destacando a ornamentação.

A arte egípcia tornou-se melhor conhecida através de suas pinturas murais, embora outras culturas também lançassem mão desse artifício. Pinturas murais egípcias têm sido encontradas em túmulos, palácios e edifícios públicos. Os templos de Carnaque e Luxor eram assim decorados. Fachadas com ídolos coloridos e esmaltados, representando animais, plantas, figuras humanas, etc., enfeitavam muitos edifícios. Os persas, por sua vez, importavam artífices de todas as direções do mundo antigo, a fim de decorarem seus edifícios. Várias modalidades de colunas e capitéis foram usadas a fim de aumentar a sensação de grandiosidade.

Apesar dos israelitas antigos não se equipararem a várias outras nações, no tocante a esse tipo de arte e tecnologia, os reis israelitas mais ricos, como Salomão e Acabe, decoraram seus lares e palácios com a ajuda do labor estrangeiro.

ORNAMENTOS DOS PÉS

Ornamento mencionado na descrição sobre as vestes e enfeites femininos (ver Isa. 3:16,18). Tal enfeite normalmente era feito de ouro, de prata ou de marfim. Os ornamentos dos pés eram largamente usados pelas mulheres de várias raças, na antiguidade. Os monumentos egípcios mostram que esses ornamentos eram usados por pessoas de ambos os sexos. O Alcorão (24:31) proíbe o uso desse tipo de ornamento, embora pareça estar em foco o tipo que possuía sinetas, que era usado por dançarinas. Não há que duvidar que as mulheres usavam o tal ornamento para chamar a atenção dos homens. O costume tem persistido nos países do oriente. Isaías (3:16,81) objetou à *maneira* das mulheres andarem fazendo ruído a cada passo dado. Naturalmente, isso chamava a atenção masculina. As mulheres não têm mudado muito na passagem dos séculos. Novos modos de atração (segundo os câmbios da moda e do capricho) vão sendo inventados. Os estudos relativos às estruturas do corpo humano demonstram que nada existe na estrutura de um corpo de mulher que a obrigue a andar de modo diferente da maneira de andar dos homens. Mas o radar pode detectar oscilações e requebros em uma pessoa que se aproxima, identificando-a como um homem ou uma mulher. O olho desarmado também detecta essas coisas. Penso que esses movimentos, cujo intuito é atrair os homens (consciente ou inconscientemente) são *psicologicamente* herdados pelas mulheres, mediante a transmissão de genes. Dessa maneira, as meninas inconscientemente andam à maneira tipicamente feminina, ao passo que as mulheres, da adolescência em diante, fazem-no conscientemente. A preservação da raça está envolvida em tudo isso. Porém, o profeta Isaías viu algo de errado nos trejeitos femininos. De fato, com todas as suas exigências, o corpo humano pode ser um estorvo para o desenvolvimento espiritual.

A arqueologia tem descoberto muitos ornamentos dos pés, sobretudo na Palestina. São feitos de ouro, de prata, de bronze e de outros metais. Seu propósito era produzir um ruído de sinetas, acompanhando os passos. Evidentemente eram usados nos tornozelos com uma correntinha ligando um ornamento a outro para forçar a mulher a dar passos mais curtos. Livingstone, na África, encontrou nativas usando enfeites similares! (FA S)

ORNAMENTOS TORCIDOS

Temos aí a tradução da palavra hebraica *gedilim,* «fímbrias», «beiradas». Essa palavra só ocorre por duas vezes em todo o Antigo

Testamento, isto é, I Reis 7:17 e Deuteronômio 22:12. Na primeira dessas passagens lemos: «Havia obra de rede, e ornamentos torcidos em forma de cadeia para os capitel que estavam sobre o alto das colunas; sete para um capitel e sete para o outro». Eram enfeites que havia nos capitéis das duas colunas do templo (vide). Outros estudiosos pensam que o sentido básico dessa palavra hebraica é «cordas», «cadeias».

Em Deuteronômio 22:12, lemos: «Farás borlas nos quatro cantos do teu manto, com que te cobrires», onde «borlas» é a tradução de *gedilim*. Em vista disso, parece que está em vista uma espécie de beirada, em forma de cadeia, tanto neste caso como no caso dos capitéis das duas colunas do templo.

ORONTES

Esse é o nome de um rio da Síria, que se tornou famoso na história secular. Esse rio não é mencionado na Bíblia, mas a cidade de Antioquia, um dos primeiros centros da cultura cristã, ficava à beira do rio Orontes. Ver Atos 11:20-26; 13:1-3. Esse rio tem seus mananciais no elevado vale de Becá. Percorre parte da Síria na direção norte, e, então, volta-se para o ocidente, desaguando no mar Mediterrâneo, no porto de Antioquia. Esta cidade é chamada de Antioquia do Orontes, a fim de distingui-la da outra Antioquia. Há, nesta enciclopédia, artigos sobre ambas as cidades. Outros importantes centros, às margens desse rio, eram Ribla, mencionada em associação com Jeremias, Zedequias e Nabucodonosor (II Reis 25:20,21; Jer. 39:5,6 e 52:9-11); Hamate, uma fortaleza hitita, que ficava perto desse rio, e *Cades* (vide).

Atualmente, esse rio chama-se *Nah el-Assi*. Esse rio flui para o norte, atravessando o vale de Becá, o vale entre os montes do Líbano e do Antilíbano. Então entra no lago Homs, um lago artificial, criado pelo represamento do rio. Perto de Hamate (moderna Hama), passa a correr na direção noroeste, onde forma terras alagadiças. Atualmente, essa região está sendo drenada. Em seguida, o Orontes atravessa uma região de pedras calcárias, o *Jisr esh-Shughur*, e, então, atravessa o vale de Amque, na direção oeste, até desaguar no mar Mediterrâneo. A certo ponto de seu trajeto, banha Antioquia (que os sírios chamam de Antakya).

Como sucede à maioria dos grandes rios, o Orontes teve e tem sua importância histórica e comercial. Na antiguidade, era um rota comercial natural, na direção norte-sul, como também um caminho seguido por exércitos em avanço. Suas águas davam vida e verdura a povoados ao longo do caminho. Os impérios hitita , hebreu e assírio incluíram o vale desse rio.

ORVALHO

No *hebraico*, **tal**, palavra que ocorre por trinta e quatro vezes no Antigo Testamento; por exemplo: Gên. 27:28,39; Núm. 11:9; Deu. 32:2; Juí. 6:38-49; I Reis 17:1; Jó 29:29; Sal. 110:3; Pro. 3:20; Can. 5:2; Osé. 6:4; 13:3; 14:5; Miq. 5:7; Ageu 1:10; Zac. 8:12.

Vários trechos bíblicos onde é mencionado o orvalho parecem indicar, para o leitor casual, que na Palestina o orvalho era copioso à noite, mesmo durante os meses de verão. Porém, o fato é que, nesses meses, escassamente se formava qualquer orvalho, o qual dificilmente poderia substituir a chuva, conforme poderíamos entender o trecho de Juízes 6:37-40.

Um ar seco, como é óbvio, não pode produzir orvalho. Quando as condições atmosféricas aliviavam o calor e a sequidão, então o orvalho começava a cair à noite, na Palestina. O refrigério adicional que isso representava era um benefício a mais nos países quentes e secos. O orvalho pode ser pesado nos meses de maio a outubro. A par com as chuvas, o orvalho tornava-se um motivo de fertilidade (Gên. 27:28; Deu. 33:13; Zac. 8:12), ao passo que a ausência de orvalho era considerada uma maldição (II Sam. 1:21; I Reis 17:1; Hab. 1:10). A condenação proferida por Elias incluiu o fato de que não haveria nem chuva e nem orvalho (I Reis 17:1).

1. Cristo e Deus Pai são comparados com o agradável orvalho para quem recebe a sua palavra, e a quem o Espírito refrigera (Rom. 14:4; Isa. 26:19).

2. Os santos são comparados ao orvalho, por causa de sua agradabilidade inerente e de sua influência refrigeradora sobre as outras pessoas (Sal. 110:3; Miq. 5:7).

3. Um exército que avança assemelha-se ao orvalho, por causa da natureza copiosa de seus elementos formativos, e por causa do fato de que cai sobre tudo, em seu trajeto (II Sam. 17:12).

4. As aflições e os sofrimentos parecem-se com o orvalho da noite, porquanto são muitos e se fazem presentes em toda parte. Entretanto, as aflições e os sofrimetnos podem produzir fruto (Can. 5:2; Dan. 4:25; Osé. 6:4).

5. A verdade de Deus é similar ao orvalho, por cair gradualmente, e, algumas vezes, de maneira imperceptível nos corações humanos, tornando os homens dóceis e frutíferos (Deu. 32:2).

6. Qualquer coisa deleitável e revigorante pode ser comparada com o orvalho (Pro. 19:12).

7. A harmonia entre os irmãos é como o orvalho do monte Hermom, isto é, deleitosa, revigorante e encorajadora de boas obras (Sal. 133:3).

8. Quando a alma prospera sob a influência da Palavra e do Espírito do Senhor, isso é como o orvalho que refrigera as plantas e as árvores (Jó 29:19).

OSÉIAS

No hebraico, «que Yahweh salve». Além do profeta desse nome (ver o artigo intitulado *Oséias* (*Profeta*), o único cujos escritos chegaram até nós, vindo do reino do norte, Israel), há mais quatro homens com esse nome, nas páginas do Antigo Testamento, a saber:

1. Um filho de Num (isto é, Josué) (Deu. 32:44). Em Núm. 13:8, algumas traduções dizem Oséias (como é o caso da nossa versão portuguesa). Esse era o nome original de Josué, antes que Moisés o tivesse mudado (Núm. 13:8,16). Mas parece que o trecho de Deut. 32:44 indica que, durante algum tempo, ele foi conhecido por ambos os nomes. *Oséias* era o seu nome original; a isso foi acrescentado o nome *Yah*, o que produziu *Josué*. Viveu por volta de 1450 A.C.

2. Um filho de Azazias, um dos oficiais de Davi, representante da tribo de Efraim. Ver I Crô. 27:20. Viveu por volta de 1015 A.C.

3. Um dos líderes do povo, que assinou o pacto com Neemias, quando um remanescente de Judá voltou a Jerusalém, após o cativeiro babilônico. Ver Nee. 10:23. Ele viveu por volta de 410 A.C.

4. O décimo nono rei de Israel, filho de Elá. Foi o último dos reis do reino do norte, Israel. Juntamente com o povo de Israel, foi para o cativeiro assírio (vide). Tornou-se famoso pelos males que praticou. Conspirou contra Peca, seu antecessor, e o assassinou (II Reis 15:30), em parte porque esse homem não resistira aos avanços dos assírios. Durante algum tempo pagou tributo a Tiglate-Pileser III, mas logo se revoltou. Aliou-se a So, rei do Egito, na esperança de se libertar da ameaça e do jugo assírios. Mas isso fez somente Salmaneser, rei da Assíria, marchar contra Israel com um poderoso exército. Foram necessários três anos para reduzir Samaria (a capital do reino do norte, Israel), capital das dez tribos. Samaria foi destruída e uma parcela considerável das dez tribos. Samaria foi destruída e uma parcela considerável das dez tribos de Israel foi levada para o cativeiro, por Sargão II, que havia usurpado o trono da Assíria, para nunca mais retornar. Isso sucedeu em 720 A.C. Ver também II Reis 17:1,3,4,6; 18:1,9,10. Não dispomos de qualquer informação sobre o que sucedeu a esse homem, no cativeiro assírio.

OSÉIAS (PROFETA E LIVRO)

Esboço:

I. Oséias, o Profeta
II. Caracterização Geral
III. Data
IV. Proveniência e Destino
V. Pano de Fundo Histórico

VI. Problemas de Unidade e Integridade
VII. Mensagem e Conceitos Principais
VIII. Esboço do Conteúdo
IX. Canonicidade
X. Oséias Ilustra o Princípio da Restauração
XI. Bibliografia

I. Oséias, o Profeta

Não se sabe muita coisa sobre o profeta *Oséias.* O trecho de Oséias 1.1 nos fornece o nome de seu pai, Beeri, mas sem nenhuma genealogia. Esse mesmo versículo nos fornece o tempo, declarando que ele viveu "... nos dias de Uzias, Jotão, Acaz e Ezequias, rei de Judá, e nos dias de Jeroboão, filho de Joás, rei de Israel". Todavia, o lugar de seu nascimento não é mencionado. Não temos nenhum registro sobre sua chamada divina como profeta. Informes existentes no livro nos permitem saber algo sobre seu caráter e suas tendências. Ele era terno, sensível e misericordioso, um tanto parecido com Jeremias, e não era severo como alguns outros profetas, a exemplo de Elias. Sua abordagem à mensagem profética que tinha de entregar baseava-se em sua relação de esposo. Isso representava o fato de que Yahweh havia sido ofendido por sua esposa infiel, a nação de Israel. A fim de que essa mensagem fosse sentida e entregue com eficácia, era mister que Oséias passasse por uma situação real de traição sofrida. E, para que isso acontecesse realmente, como é óbvio, ele teria de manter profundo amor por sua esposa. Somente então ele poderia sentir a ferroada da infidelidade, compreendendo, metaforicamente, a ofensa de Israel contra o Senhor, em sua infidelidade, que consistia na idolatria e corrupção moral.

Oséias foi o único profeta do reino do norte, Israel, cujos escritos sobreviveram até nós. Ninguém sabe qual era a ocupação de Oséias, mas, visto que há uma referência ao "padeiro" e ao ato de sovar "a massa" em Osé. 7.4 ss., alguns pensam que essa era a sua atividade. No entanto, o domínio que ele tinha sobre assuntos históricos e religiosos mostra que ele deve ter recebido excelente educação, não podendo ser algum aldeão ou interiorano. E, visto que estava tratando com a íntima relação entre Deus e o povo de Israel, ele não se interessava em fazer previsões sobre outras nações, em contraste com outros profetas, como Amós, Jonas ou Daniel.

Tal como no caso de muitas outras personagens bíblicas obscuras, embora raramente sejam exatas, as tradições preenchem os espaços em branco. Há especulações acerca de sua parentela. Seu pai tem sido confundido com um príncipe rubenita (ver I Crô. 5.6). Ele também tem sido considerado profeta, embora sem nenhuma prova quanto a isso. Alguns rabinos supunham que um pai, mencionado na introdução do livro de algum profeta, também deveria ter sido profeta. O pseudo-Epifânio e Doroteu, de Tiro, dizem que Oséias nasceu em Belemote, na tribo de Issacar (Epifânio, *De Vitis Prophet.* 11; Doroteu, *De Proph.* 1). Drúsio *(Critici Saeri,* tomo 5) citou informações dadas por Jerônimo, que dizem: "Oséias, da tribo de Issacar, nasceu em Bete-Semes". Mas outros intérpretes opinam que, na realidade, ele pertencia à tribo de Judá, embora tenha labutado em Israel, conforme o subtítulo do livro de Amós, que aparece em algumas traduções, mostra que poderia ter acontecido. Todavia, não há razão para duvidarmos que ele nasceu no reino do norte, Israel. Ver no *Dicionário* o artigo sobre *Bete-Semes,* quanto a informações sobre sua presumível terra natal. Todavia, não há nenhuma evidência para confiarmos nessa informação meramente tradicional.

O Nome. Oséias significa "libertador", ou então "salvação". Este nome tem sido variegadamente interpretado. Jerônimo interpretava-o como "salvador", mas outros preferiam pensar no imperativo "salva!", como se fosse um apelo dirigido a Yahweh.

II. Caracterização Geral

Oséias aparece em primeiro lugar, entre os profetas menores, de acordo com a disposição ocidental dos livros do Antigo Testamento, talvez por causa de seu volume, ou da vívida intensidade de profeta paralelamente ao seu patriotismo e estilo parecido com o dos profetas maiores. Cronologicamente, Jonas atuou antes dele (cerca de 862 A.C.), mas Joel (810 A.C.), Amós (cerca de 790 A.C.) e Isaías (720 A.C.) foram-lhe mais ou menos contemporâneos, sobretudo Joel e Amós. Oséias começou a profetizar nos últimos anos do reinado de Jeroboão II, que era contemporâneo de Uzias, e terminou suas profecias no começo do reinado de Ezequias. O livro de Oséias representa o que ficou preservado dentre suas profecias escritas.

Alguns especialistas supõem que o livro de Oséias combine duas coletâneas de escritos originalmente separadas, a saber: as *Parábolas* (caps. 1—3) e as *Profecias* (caps. 4—14). O livro contém cerca de quinze poemas proféticos, que Oséias teria entregado diante dos mercados de cidades próximas, para as quais viajou, como Jezreel e Samaria. Isso poderia indicar que ele era agricultor, mas, nesse caso, ele recebeu uma educação incomumente aprimorada para quem estava envolvido nas lides do campo. Seus oráculos têm sido datados por volta de 743 e 735 A.C., refletindo degraus descendentes da desintegração nacional. Um próspero estado de Israel, que caracterizara a época por volta de 750 A.C., gradualmente foi cedendo lugar a levantes internos e à ameaça da invasão assíria. Oséias, pois, procurou salvar a nação, fazendo-a voltar-se para Deus, o único que era capaz de manter longe os vários lobos ameaçadores e preservar a integridade da nação. Como profeta político que foi, Oséias operava tendo em mira a unidade nacional, opondo-se às alianças com o estrangeiro e exigindo uma administração pública justa. Ele reafirmava as contribuições e os discernimentos de Amós, concebendo Yahweh não somente como um Deus justo e severo, mas também como um Deus amoroso. Uma de suas contribuições foi salvar a religião de Israel de ser absorvida pelo *baalismo* (ver a respeito no *Dicionário*), com todos os seus exagerados envolvimentos sexuais.

A chamada e a missão de Oséias estavam intimamente ligadas à sua vida pessoal. Alguns eruditos pensam que ele se casou com uma prostituta e acabou sendo infectado por ela, com algum problema sexual, mas isso é ler o texto bíblico antigo através dos óculos da moderna análise psicológica. Outros supõem que alguma tragédia doméstica tenha resultado na infidelidade de sua esposa, e que os problemas pelos quais Oséias passou tenham terminado por dar-lhe entendimento sobre o relacionamento entre Israel e Yahweh, no qual a nação aparece como a esposa infiel de Deus, devido à sua idolatria e corrupção espiritual. Na qualidade de último dos profetas de Israel, ele utilizou (e talvez tenha popularizado) as parábolas, a fim de entregar a sua mensagem. Pelo menos é verdade que o conceito de Deus, neste livro, aproxima-se daquilo que nos expõe o Novo Testamento, mais do que qualquer outro livro do Antigo Testamento.

As *tradições judaicas* davam a *Oséias* o primeiro lugar, cronologicamente falando, entre os profetas canônicos. Entretanto, quase todos os eruditos modernos preferem pensar que Jonas e Amós o antecederam, ou foram mais ou menos contemporâneos, conforme vimos anteriormente.

O estilo de Oséias é abrupto e breve (o que causa alguma obscuridade), além de ser impressionante e solene. Em seu livro há muitas referências geográficas locais, pois ele menciona Efraim, Mizpa, Tabor, Gilgal, Bete, Jezreel, Gibeá, Ramá, Gileade etc. Os seus temas são: o pecado da nação de Israel, a necessidade de arrependimento, a condenação iminente, a derrubada da casa reinante de Jeú, a ameaça assíria, a necessidade de Israel abandonar a idolatria, e, finalmente o amor de Deus, este ilustrado por sua própria tragédia doméstica. Mui tolamente, Israel demonstrava confiança na Assíria, o gigante do norte, como se fosse um protetor de Israel. Mas Oséias deixou claramente previsto que a Assíria, longe de ser o salvador de Israel, acabaria por ser o seu destruidor. Ver Osé. 5.13; 7.11; 8.9; 12.1 e 14.3.

Oséias condenava o emprego da política como remédio para os problemas espirituais da nação. As alianças com potências estrangeiras só serviam para aumentar ainda mais os problemas de Israel. Contudo, uma arrependida e piedosa nação de Israel seria protegida por Deus. Infelizmente, as esperanças de Oséias não se concretizaram!

III. Data

O trecho de Oséias 1.1 nos dá um indício cronológico seguro, segundo dissemos anteriormente. Vários contemporâneos são ali mencionados. O começo do ministério público de Oséias pode ser datado por volta de 748 A.C.; e a morte de Ezequias, que ocorreu por volta de 690 A.C., mostra-nos que o ministério de Oséias cobriu um longo período, cinqüenta e oito anos, visto que o seu ministério atingiu a época de Ezequias. Ele começou a escrever por volta de 748 A.C., ou poucos anos mais tarde. E realmente pode ter escrito o livro em duas partes (as parábolas, capítulos 1—3; e as profecias, ou oráculos, capítulos 4—14, um pouco mais tarde).

As pessoas mencionadas em Osé. 1.1, dentro da cronologia fornecida por Oséias, foram: Jeroboão II (reinou entre 782 e 753 A.C.), Uzias (reinou entre 767 e 739 A.C.), Jotão (reinou entre 740 e 731 A.C.), Acaz (reinou entre 732 e 715 A.C.) e Ezequias (reinou entre 716 e 686 A.C.). O trecho de Oséias 1.4 parece dar a entender que uma data anterior à morte de Jeroboão II marcou o início do ministério desse profeta. Oséias 8.9 é passagem que talvez faça alusão ao tributo pago a Tiglate-Pileser por Menaém (cerca de 739 A.C.). E, nesse caso, o ministério de Oséias já estava bem estabelecido em 743 A.C., e pelo menos parte de seu livro já tinha sido escrita.

IV. Proveniência e Destino

O próprio livro, como é óbvio, fala sobre uma origem, no reino do norte, embora nos seja impossível a precisão, quanto a isso. No entanto, nem todo o livro precisa ter sido, necessariamente, escrito no mesmo lugar. O destino primário era o reino do norte, Israel, embora seu livro tivesse uma mensagem universal, que também se aplicava a Judá. Podemos supor que a profecia de Oséias se tornou conhecida em Judá. O fato de que a introdução do livro menciona reis tanto do reino do norte quanto do reino do sul indica que a nação inteira—Judá e Israel—era visada pelo profeta, a quem ele dirigira suas advertências.

V. Pano de Fundo Histórico

1. *A prosperidade material* foi um fator que, juntamente com outros, levou ao declínio moral de Israel. Essa prosperidade era tão grande que poderia ser comparada à do início da monarquia. A Síria fora debilitada e, finalmente, derrotada. Uma estela encontrada em 1907 em Afis, quarenta quilômetros a sudoeste de Alepo, comemorava a queda da Síria e, quando isso sucedeu, então não muito depois, Jeroboão II (ver II Reis 14.28), foi capaz de estender sua autoridade até Damasco. As fronteiras sul e leste de Israel e de Judá quase chegaram às mesmas extensões dos dias de Davi e Salomão. A Assíria já havia começado a ameaçar a Síria e a Palestina, embora a possibilidade de invasão ainda parecesse remota.

2. *Um menor militarismo* aumentou as riquezas materiais da nação. O comércio intensificou-se, e Israel, passando a controlar as rotas de caravanas que antes haviam sido dominadas por Damasco, foi capaz de multiplicar consideravelmente a sua prosperidade material. O luxo tornou-se comum, e os habitantes de Israel viviam regaladamente. Operários fenícios especializados receberam a tarefa de aumentar a ostentação de Israel. Os habitantes de Israel chegaram a dispor de leitos com entalhes de marfim, itens que os arqueólogos têm descoberto, pertencentes a esse período. Ver Amós 6.4, que menciona o detalhe. Havia abundância de azeite e de vinho, e muitos viviam até em luxo excessivo, segundo se vê em Amós 3.15 e I Reis 22.39.

3. *Avanços Religiosos Pagãos.* Descobertas arqueológicas, feitas no norte da Síria, em Ras Shamra (Ugarite), mostram o quanto as formas de adoração idólatra dos cananeus se tinham espalhado em Israel e em toda a circunvizinhança. Os israelitas estavam-se deixando seduzir pela idolatria. Divindades pagãs e bezerros de ouro foram levantados por Jeroboão I, e Betei e Dã tornaram-se grandes centros de idolatria em Israel (I Reis 12.28). Sabemos que os ritos de fertilidade, com seus excessos e vícios sexuais, faziam parte desse culto. Além disso, a violência, o alcoolismo e toda a forma de indulgência completava o quadro desolador. Havia prostituições cultuais variegadas, e sabemos que a prostituição e o homossexualismo chegaram a ser praticados até mesmo no interior do templo (II Reis 23.7).

4. *A Confusão Resultante.* A prosperidade material começou a declinar; a confusão tomou-se a ordem do dia. O filho de Jeroboão, Zacarias, foi assassinado por Salum, e este, por sua vez, foi morto por Menaém. Quatro reis de Israel foram mortos em quinze anos. Instaurou-se a vacilação política, em relação à Assíria. Menaém tentou aplacar o poder proveniente do norte. Israel passou a agir como uma pomba sem juízo hesitando entre a Assíria e o Egito, disposta a apelar para qualquer lado, menos a voltar-se para Deus, conforme se vê em Osé. 5.13; 7.11 e 12.1. Toda essa vacilação em nada contribuiu para curar a nação de Israel, que nem ao menos percebeu estar gravemente enferma! Tudo chegou ao fim quando Israel caiu diante das tropas assírias, ocasião em que a cidade de Samaria foi tomada pelo inimigo, em 721 A.C., e grandes segmentos da população da nação do norte foram deportados.

VI. Problemas de Unidade e Integridade

O trecho de Oséias 1.1-11 foi escrito na terceira pessoa, contando o casamento do profeta; mas o trecho de Oséias 3.1-5 encerra um relato na *primeira* pessoa, praticamente da mesma natureza. Essas duas seções do livro, vinculadas uma a outra por um sermão dirigido a Israel (no segundo capítulo do livro), poderiam ter sido escritas por dois autores diferentes, como também poderiam descrever duas mulheres diferentes, e não uma só. Se supusermos que Gômer, esposa de Oséias, está em foco do começo ao fim do livro, então poderemos concluir que ela já era uma prostituta quando Oséias com ela contraiu matrimônio. Isso teria sido muito incomum para um profeta, que, sem dúvida, estava proibido de fazer tal coisa. Essas circunstâncias extraordinárias, contudo, poderiam ter sido necessárias a ele, a fim de que a mensagem de seu livro ganhasse em vigor e eloqüência. A fim de aliviar o problema, alguns supõem que Oséias tomou Gômer como concubina, e não como sua legítima esposa; mas isso é uma especulação que também não resolve o problema. Outros estudiosos afirmam que Gômer era virgem, quando o profeta se casou com ela. Mas, se nos apegarmos a esse ponto de vista, então é quase necessário ver duas mulheres diferentes no relato, entre os capítulos primeiro e terceiro, e não somente uma mulher.

Ainda um terceiro grupo de eruditos pensa que temos dois relatos sobre a mesma mulher e sobre o mesmo casamento, mas, tendo procedido de duas fontes separadas (uma delas uma biografia, e a outra uma autobiografia), esses relatos simplesmente se contradizem. Alguns supõem que Gômer fosse uma prostituta cultual, que se reformou temporariamente, por haver-se casado com Oséias, mas que acabou revertendo à sua condição anterior. Várias outras idéias são apresentadas, embora não possamos chegar a nenhuma conclusão indiscutível. Seja como for, é quase certo que somente uma mulher está em foco no livro, embora não saibamos como reconciliar os dois relatos a respeito. Essa circunstância, porém, não impede que a mensagem do livro seja comunicada.

A Interpretação Alegórica. Alguns estudiosos pensam que o que se lê no livro de Oséias é pura alegoria, sem importar se houve o envolvimento de uma ou de duas mulheres. Desse ponto de vista, todos os problemas sobre o que o profeta poderia ter feito ou não, se casou ou não com uma prostituta, tornam-se destituídos de importância. No entanto, quase todos os comentadores a respeito rejeitam essa interpretação alegórica.

VII. Mensagem e Conceitos Principais

"Israel aparece como a esposa adúltera de Yahweh, que foi repudiada, mas finalmente será purificada e restaurada. Essa é a mensagem distintiva de Oséias, que pode ser sumariada em duas palavras, *Lo-Ami* (não meu povo) e *Ami* (meu povo). Israel não era apenas pecaminosa e apóstata, embora isso também seja dito; mas o pecado da nação assumia o caráter mais grave devido à exaltada relação em que ela fora posta com Yahweh". (SCO)

"Oséias é a profecia sobre o imutável amor de Deus por Israel. Apesar das contaminações da nação com o paganismo cananeu e com os cultos de fertilidade, o profeta fez todo o esforço para advertir o povo a arrepender-se, em face do perpétuo amor de Deus por eles. O tema do profeta é quádruplo: a idolatria de Israel; a sua iniqüidade; o seu cativeiro e a sua restauração. Por todo o livro, entretanto, ele acena com o tema do amor de Deus por Israel. Israel é retratada profeticamente como a esposa adúltera de Yahweh, que em breve seria posta fora, mas que finalmente seria purificada e restaurada. Esses eventos são engastados dentro do mandamento divino de que o profeta se casasse com uma meretriz. Os filhos dessa união receberam nomes que simbolizam as principais predições de Oséias: *Jezreel*, a dinastia de Jeú haveria de ser completamente destruída; *Lo-Ruama*, "a quem não se demonstrou misericórdia", o que indica uma profecia sobre o cativeiro assírio; *Lo-Ami*, "não meu povo", a rejeição temporária de Israel (cf. Rom. 11.1-24); e *Ami*, "meu povo", que aponta para a restauração final da nação (cf. Rom. 11.25,26), no fim dos tempos (Osé. 1.2—2.23)". (UN)

***Alguns Pontos de Vista Doutrinários*:**

1. *A Graça Divina.* Deus é quem toma a iniciativa na salvação do homem (Osé. 11.1). A condição de Israel era de profunda depravação, que só poderia ser curada mediante a graça de Deus. Por todo o livro, a nação de Israel é convidada a arrepender-se, o que dá a entender que isso está dentro do alcance da vontade humana. Ver Osé. 5.4; 11.7. A restauração final prometida (Osé. 1.2—2.23) é o resultado final da graça de Deus, o que é uma verdade no tocante à criação inteira, e não apenas à nação de Israel (Efé. 1.9,10). Ver no *Dicionário* o artigo geral sobre a *Restauração*.

2. O *Pecado.* É mister cuidar do pecado, mediante o arrependimento. O pecado tem o poder de confundir, perverter e desviar (Osé. 4.11), não sendo nenhuma brincadeira. Embora o profeta tenha comprado Gômer de volta, reduzida como ela estava à prostituição e ao opróbrio, o pecado empurrou-a de volta à sua anterior forma de vida pecaminosa. O pecado é poderoso, mesmo em meio ao favor recebido. Assim também, o juízo precisa ser imposto contra o pecado, o que, no caso de Israel, viria sob a forma do cativeiro aos assírios. Todavia, esse juízo divino seria restaurador, e não meramente punitivo. Isso faz parte da natureza do *julgamento divino* (ver a respeito no *Dicionário*).

3. *O Difícil Caminho para o Arrependimento* (ver Osé. 6.1-4). Alguns intérpretes aceitam essa passagem como se ela retratasse um autêntico arrependimento. Mas outros vêem superficialidade, de tal modo que o arrependimento logo reverte ao estado pecaminoso anterior. Há algo de profundamente ilustrativo nisso, que visa todos os homens. Por que razão o arrependimento é tão espasmódico, tão fugidio, tão facilmente reversível? Oséias ensina-nos que não é fácil o caminho que conduz ao arrependimento, depois que a pessoa se deixa envolver pela idolatria, pela imoralidade e pelas formas corruptas de adoração religiosa. O evangelho promete arrependimento, mediante o poder do Espírito, mas esse poder só se torna disponível àqueles que realmente o cultivam. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Arrependimento*.

4. *O Verdadeiro Conhecimento de Deus.* Jesus orou no sentido de que os homens viessem a conhecer o verdadeiro Deus, e Seu Filho (João 17). Mediante esse conhecimento, que não é apenas intelectual, o homem é espiritualizado, porquanto isso envolve comunhão no Espírito Santo. O verdadeiro conhecimento de Deus implica comunhão com Deus, e não apenas informações a respeito de Deus. A falta de conhecimento real de Deus, por parte de Israel, levou a nação a todas as modalidades de pecado, como o perjúrio, a mentira, o homicídio, o furto, o deboche, o engodo e o derramamento de sangue inocente, conforme se vê em Osé. 4.2. Gômer ofendeu profundamente a Oséias, com a sua conduta traiçoeira. E nós insultamos a Deus com a nossa conduta errada. Isso demonstra a superficialidade da nossa experiência com o Ser divino, embora ela seja autêntica. O verdadeiro conhecimento de Deus requer o toque místico. O Espírito Santo precisa fazer-se presente, a fim de nos transformar, ou então, terminaremos com uma teologia meramente intelectual.

5. *Esperança e Restauração.* A mensagem geral de Oséias é bastante desanimadora, excetuando a sua mensagem de esperada restauração, quando Deus haverá de reverter as misérias de Seu povo de Israel. A esperança, porém, é transferida para o futuro. O presente imediato era negro, moralmente falando, mas, no horizonte, já avultava o cativeiro assírio. Somente quando a mente da fé dá uma espiada naquilo que Deus, finalmente, fará, vê-se esperança no livro de Oséias. No entanto, apesar de distante, a esperança é real. Ver Osé. 2.14-23; 11.10,1; cap. 14 e, especialmente, 6.1-3.

VIII. Esboço do Conteúdo

I. A Esposa Prostituída de Yahweh é Repudiada (1.1—3.5)
- A. Um casamento metafórico (1.1—2.23)
  - 1. Ilustrações da rejeição com os nomes Lo-Ami (1.1-9)
  - 2. Consolo em meio à miséria (1.10,11)
  - 3. O julgamento de Israel (2.1-13)
  - 4. A restauração de Israel (2.14-23)
- B. Outro casamento metafórico (3.1-5)
  - 1. Sua decretação (3.1-3)
  - 2. Seu significado (3.4,5)

II. Israel, Objeto do Amor de Deus (4.1—14.9)
- A. A culpa de Israel (4.1-19)
- B. A ira divina (5.1-15)
- C. Arrependimento (6.1-3)
- D. A reação divina (6.4—13.8)
- E. Restauração final (13.9—14.9)

IX. Canonicidade

O lugar ocupado pelo livro do Oséias à testa dos doze profetas menores é antiqüíssimo. Nenhuma decisão canônica jamais pôs isso em dúvida. Desde os dias de Ben Siraque (ver Eclesiástico 49.10,11), essa posição já estava bem estabelecida. Vários manuscritos da Septuaginta têm os profetas menores em diversas seqüências; mas o livro de Oséias sempre figura em primeiro lugar, talvez por causa de seu volume ou, então, por causa de sua elevada mensagem e teologia, que nos fornece um quadro de Deus diferente do de muitos outros livros do Antigo Testamento. Em contraste com outros livros, a autoria genuína deste livro nunca foi posta em dúvida. E os estudiosos jamais duvidaram das relações históricas do livro, conforme se vê em Osé. 1.1. Cronologicamente falando, Oséias não deve ser posto antes de Amós (como aparece em *Baba Bathra* 14.b); mas a sua importância faz com que ele mereça estar no começo dos profetas menores.

X. Oséias Ilustra o Princípio da Restauração

Israel havia adotado toda forma de *paganismo*, tendo caído em pecado grave, em apostasia, tornando-se uma nação pagã entre nações pagãs. Jezreel (Osé. 1.4) nasceu da esposa adúltera de Oséias, a fim de simbolizar a iminente destruição da casa de Jeú e o cativeiro assírio. Em seguida, nasceu-lhes uma filha, que foi batizada como Lo-Ruama (Osé. 1.6), nome que significa "não compadecida". Deus haveria de retirar Sua misericórdia protetora de Israel, por um longo tempo. Misérias incontáveis sufocariam a vida nacional de Israel. O povo seria disperso; eles perderiam seus territórios; a adoração sagrada sofreria interrupções. Haveria muitos longos séculos de agonia. Em outras palavras, um *severo juízo* sobreviria àqueles que antes tinham sido povo de Deus. Nasceu então um filho, de Oséias e Gômer, chamado Lo-Ami (Osé. 1.9), nome que significa "não meu povo". Até hoje Israel continua sendo "não meu povo", enquanto está sendo dada a oportunidade de salvação aos gentios. Portanto, está envolvido um processo de séculos de julgamento devastador.

A esposa adúltera, verdadeiramente, foi repelida. No entanto, foi explicado ao profeta que ele deveria chamar seus filhos de *Ami*, que significa "meu povo", e de *Ruama*, isto é, "compadecida" (Osé. 2.1). Notemos que essas palavras são a reversão verbal dos nomes conferidos aos filhos de Oséias. Tais reversões verbais, pois, falam de

uma restauração que deverá abençoar a Israel, graças aos infalíveis e poderoscs propósitos de Deus, embora esses propósitos possam requerer muito tempo para serem cumpridos. Em nossos dias, a restauração final continua sendo assunto apenas predito nas profecias bíblicas. Paulo tomou esse tema, em Rom. 11.25,26, fazendo dele uma importante doutrina evangélica. O apóstolo, pois, renovou a esperança e o ensino de Oséias. Fornecemos no *Dicionário* um artigo separado sobre o assunto, chamado *Queda e Restauração de Israel.* Essa restauração está esperando o tempo do fim e a intervenção que será realizada pelo próprio Cristo. Ver Osé. 13.9—14.9.

Várias lições ótimas são dadas por Oséias, quanto à natureza da restauração de Israel:

1. O pecado exerce efeitos devastadores sobre um indivíduo ou sobre uma nação, conforme for o caso.
2. O pecado precisa ser severamente punido, em consonância com o rigor da justiça.
3. Nesse juízo, um povo inteiro foi declarado "não compadecido" e "não povo de Deus", o que mostra a severidade desse julgamento divino.
4. Os grandes juízos divinos podem perdurar por longo tempo, realmente. Israel, desde antes do cristianismo, não teve modificada a sua condição diante de Deus, após tantos séculos. Creio que o julgamento dos perdidos atingirá os ciclos da eternidade futura. Apesar da morte biológica do indivíduo não pôr fim à oportunidade (I Ped. 4.6), ainda assim deixa cada um de nós sob o juízo apropriado. Cada alma permanecerá sob juízo durante o tempo que for mister para que pague por seus erros e seja restaurada, *através* do juízo. Em outras palavras, o julgamento será *um* dos meios envolvidos nessa restauração. Não antecipo que todas as almas sofrerão o mesmo grau e nem a mesma duração de julgamento. Isso variará de acordo com a reação de cada indivíduo, e a obra que nele estiver sendo efetuada, pela graça de Deus.
5. *O juízo divino é punitivo,* conforme ilustrado pelo livro de Oséias. Por outro lado, também é *restaurador,* conforme mostra o mesmo livro. Em outras palavras, o juízo realiza algo, a saber, restaura. O julgamento da cruz foi um severíssimo golpe contra o pecado, mas também se revestiu de poderes remidores. Assim, todos os julgamentos divinos são golpes contra o pecado, produzindo miséria e sofrimento. Porém, vão muito além disso, livrando o homem das tempestades e trazendo a ele o *raiar de um Novo Dia,* no qual a graça restauradora de Deus resplandece em *todos* os lugares de Sua criação.
6. Os assírios vieram e puseram fim à nação do norte, Israel. Séculos e séculos de sofrimentos têm-se seguido desde então. Mas a promessa de restauração final permanece firme. O propósito de Deus continua operando. Não foi cancelado pelo julgamento. O mesmo sucede no caso de *todos os homens. Os* homens estão dispersos e cativos pelo diabo. O julgamento haverá de sobrevir a todos os homens, o que fará com que a vasta maioria deles tenha de ir para as dimensões espirituais do julgamento. No entanto, a misericórdia de Deus garante que esse estado, em si mesmo, tem um efeito restaurador, conforme vemos em I Ped. 4.6 e Efé. 1.9,10. Esse propósito opera até nos ciclos da eternidade futura, abrangendo um tempo muito longo, da mesma maneira que o povo de Israel tem estado sob o juízo divino, há muitos séculos. Deus, porém, escreverá um capítulo final de misericórdia e graça, e todos os homens haverão de exultar no Logos, como o grande Benfeitor e a razão e o alvo de toda a existência humana, mesmo que nem todos venham a obter a redenção que há em Cristo. Isso, meus amigos, é um evangelho otimista, é boas novas para os homens garantidas pelo amor de Deus, em Jesus Cristo.

XI. Bibliografia

AM BA E HARR I IB IOT OES SN WBC WES YO Z

OSÍRIS

Tal como sucede com as noções sobre as divindades pagãs, esse deus teve um desenvolvimento em sua história. Ao que parece, ele começou como um deus do rio Nilo de Busiris, no delta desse rio. Em Abidos havia um importante santuário dedicado a essa divindade. De acordo com a mitologia egípcia, Osíris foi assassinado por *Sete* (vide). Mas o filho de Osíris, Horus, juntou os pedaços do corpo despedaçado de seu pai e tornou a reuni-los em um só corpo, conferindo-lhe então a vida. Temos aí uma estranha distorção doutrinária, onde um filho dá vida a seu pai. O fato é que essa história tornou-se símbolo dos poderes doadores de vida, que podem ser aplicados a todos os seres humanos, segundo aquele mito.

Em seguida, Osíris é apresentado como dirigente do mundo inferior. Mais tarde, exaltado a uma posição superior, ele passou a ser concebido como o deus do céu, e começou a aparecer como uma divindade entronizada. Dizia-se do Faraó do Egito que ele era filho de Osíris. pelo que a teologia entrou na política. De acordo com o culto a Osíris, a salvação humana é obtida através da prática de ritos e de princípios morais. Esses ritos eram efetuados por um sacerdócio. Segundo esses sacerdotes ensinavam, Osíris teria atingido a imortalidade através desses ritos, tornando-se um pioneiro no caminho que deve ser seguido por todos os homens. Durante o reino médio e o império egipcios, surgiram novos conceitos acerca de Osíris, e a bênção pessoal dos salvos foi enfatizada. Um juízo formal veio a tornar-se parte da esperada cena celestial. Osíris passou a ser o rei que julga as almas. Sentado em seu trono, aparecia munido de cetro e látego, usando esses objetos de acordo com os requisitos de cada caso. Os mitos variavam quanto aos detalhes. De acordo com os anais de Heliópolis, Osíris aparece como membro da última geração de descendentes de Atom. Ali, foi Ísis, e não Horus, quem reuniu os pedaços do corpo do assassinado Osíris.

Já nos tempos do império romano, Osíris e Ísis foram unidos em uma religião misteriosa. O tema principal era o mesmo que no antigo Egito. Uma divindade morrera, mas fora trazida de volta à vida. E nisso jaz a esperança da imortalidade, mediante a participação no mesmo programa. Ver *Religiões Misteriosas (dos Mistérios).*

Uma Tríade. Nesse relato mitológico temos uma das muitas tríades religiosas que atingiram seu ponto culminante na doutrina cristã da Trindade. Nessa trindade egípcia vemos Osíris, sua esposa, Ísis, e o filho deles, Horus. Ver o artigo intitulado *Tríades Divinas.*

OSNAPAR

Esse nome acha-se na Bíblia somente em Esd. 4:10 (em nossa versão portuguesa, Asnapar), em uma carta escrita em aramaico, enviada por Reum, comandante, e por Sinsai, o escriba, e seus associados, ao rei da Pérsia, Artaxerxes. Essa carta exortava-o a determinar a cessação da reedificação das muralhas de Jerusalém, e a restauração daquele lugar, após o cativeiro babilônico, pelos judeus que dali haviam retornado. Normalmente, os intérpretes identificam Osnapar com *Assurbanipal* (vide), que sucedeu no trono a seu pai, Esar-Hadom, como monarca da Assíria (669 A.C.). Ele capturou Tebas no Egito, em 663 A.C., e combateu contra vários povos da região. O artigo intitulado *Assurbanipal* narra a história inteira.

OSSO(S)

No hebraico a palavra mais comum é **etsem** que ocorre por 97 vezes, desde Gên. 2:23 até Hab. 3:16. No grego, a palavra é *osteón* (Mat. 23:27; Luc. 24:39; João 19:36 (citando Ex. 12:46; cf. Sal. 34:21); Heb. 11:22). Quase todas as referências bíblicas são literais, referindo-se àquela parte durável do corpo humano. Mas, ocasionalmente, encontramos um uso metafórico, em que *ossos* indica os sentimentos profundos, os afetos e as afiliações (ver Gên. 29:14; Juí. 9:3; Jó 2:5; Sal. 42:10; Efé. 5:30).

O sepultamento decente dos cadáveres sempre fez parte importante das culturas humanas, quando então se dizia que os «ossos» descansavam, e a natureza seguia seu livre curso. Vér Gên. 1:25; Heb. 11:22; Eze. 39:15. Religiosamente falando, o contato com ossos humanos era considerado contaminador. Ver Núm. 19:16. Quei-

mar os ossos de um morto era algo que muito os profanava (ver II Reis 23:20). Havia também a crença de que os ossos (real ou simbolicamente) podiam preservar a vitalidade da pessoa, e que ela tivera em seu corpo físico. Vê-se reflexos disso em II Reis 13:21. Ver a metáfora dos «ossos secos», em Eze. 38:1,2. Quebrar e espalhar ossos era emblema de derrota absoluta, infligida ao inimigo (Sal. 43:5; Isa. 38:13). Queimar os ossos era considerado um ato pecaminoso (Amós 2:1). Uma notável profecia teve cumprimento quando os ossos do Senhor Jesus não foram quebrados (João 19:36), e alguns intérpretes têm pensado que isso simboliza a Igreja. Ver Sal. 34:20. O trecho de Sal. 22:14,17 mostra-nos que os sofrimentos de Cristo envolveram uma agonia que descia até os seus próprios ossos.

OSSUÁRIOS

Essa palavra portuguesa vem do latim, **ossis**, «osso», e, mais particularmente, de **ossuarium**, «para ossos». Um ossuário é uma caixa para guardar ossos de pessoas mortas, depois de a carne ter-se desprendido e sido consumida, ficando os ossos secos. Quando restam somente os ossos, o espaço capaz de contê-los é bem menor, e os ossos dos membros de famílias inteiras podem ser guardados em lugares compactos, como em prateleiras (no latim, *loculi),* escavadas em rochas ou encostadas em paredes. A arqueologia tem descoberto câmeras para os ossos de famílias inteiras. Os ossuários eram feitos de pedra ou de argila queimada no forno. Com freqüência, essas caixas eram decoradas com entalhes e pinturas, predominantemente figuras geométricas.

Embora a Bíblia não use essa palavra, tal prática era comum nos tempos bíblicos. É possível que uma antiga representação de uma casa, em argila queimada no forno, pertencente aos tempos calcolíticos (cerca de 4000-3000 A.C.), na realidade tenha sido um ossuário. Porém, quase todos os ossuários descobertos pelos arqueólogos datam dos tempos romanos. Têm sido encontrados ossuários de origem judaica e de origem cristã. Alguns dosses ossuários são de dimensões bem pequenas, algo como de 30 a 50 cm de largura, e de 25 a 40 cm de comprimento. E mesmo os ossuários maiores dificilmente chegam aos 90 cm de comprimento. As inscrições encontradas nos ossuários confirmam muitos nomes bíblicos, como Salomé, Judá, Simeão, Marta, Eleazar, Nataniel, Jesus (Josué), etc.

OTNI

Uma forma abreviada de Otniel, que signiffca «Deus é poderoso». Esse era o nome de um dos filhos de Semaías. Ele foi um porteiro levita coraíta, um servo do templo (I Crô. 26:7). Viveu por volta de 1015 A.C.

OTNIEL

No hebraico «Deus (El) é poderoso» ou, então, «leão de Deus». Esse foi o nome de duas personagens que figuram nas páginas do Antigo Testamento:

1. O Primeiro Juiz de Israel. Esse homem é mencionado por ocasião da conquista de Quiriate-Sefer (posteriormente denominado Debir). Ele era filho de Quenaz, irmão mais jovem de Calebe (Juí. 3:9). Parece que Quenaz era o cabeça da tribo de Judá; e parece que Otniel, como filho de Jefoné, era descendente de Quenaz, ou talvez fosse um seu filho direto. Algumas vezes, Calebe é chamado de «quenezeu» (ver Núm. 32:12; Jos. 14:6,14), o que talvez signifícasse que ele era filho de Quenaz e irmão mais velho de Otniel. Seja como for, Quiriate-Sefer (Debir) fora alocada a Calebe, e este ofereceu sua filha como recompensa a quem a capturasse. Otniel ganhou o prêmio (ver Jos. 15:16,17; Juí. 1:12,13). Ao que parece, a cidade fora capturada e perdida de novo; ou, então, embora verbalmente «dada» a Calebe, nunca havia sido ocupada pelos judaítas.

A época de Otniel foi de apostasia em Israel. Os israelitas tinham começado a servir aos *baalins*, adorando Astarote nos bosques. O juízo divino que sofreram, por esse motivo, foi serem entregues ao poder de Cusã-Risataim, rei da Mesopotâmia. E os israelitas ficaram sujeitos a uma dura servidão, durante oito anos. Otniel, pois, foi levantado por Deus para ser o libertador. Recebeu uma unção especial, da parte do Senhor, para poder desincumbir-se da tarefa. Ele venceu na batalha contra o rei estrangeiro, e a terra de Israel teve descanso durante quarenta anos. Otniel realizava os serviços tanto de juiz quanto de libertador, conforme indicam os trechos de I Sam. 7:15 e 8:20. Ele viveu por volta de 1360 A.C.

2. Outro homem, provavelmente do mesmo nome, é mencionado em I Crô. 27:15. Ele foi um dos antepassados de Heldai, e chefe de uma família de netofatitas. Talvez ele pertencesse à família do Otniel descrito no primeiro ponto, acima, e foi um oficial que serviu a Davi. Na referência dada acima é dito que ele era «de Otniel».

OTONIAS

O cânon palestino não menciona esse nome; mas seu nome aparece no cânon alexandrino, em I Esdras 9:28. Ele foi um daqueles que haviam tomado esposa estrangeira, na Babilônia, mas que, após o retorno do remanescente de Judá, do cativeiro na Babilônia, foi obrigado a divorciar-se dela.

OURIÇO

No hebraico, **quippod**. Aparece somente em Isa. 14:23; 34:11 e Sof. 2:14. Tudo quanto envolve a fauna, a flora, etc., do Antigo Testamento, constitui problema de tradução, porque os israelitas não usavam termos científicos para designá-los. Por essa razão, as traduções dão vários animais, onde nossa versão portuguesa diz «ouriço». De acordo com as descrições do hábitat, nessas passagens, a espécie em foco vivia em lugares desérticos. A tradução portuguesa está associada a uma raiz árabe, similar à palavra hebraica; mas o contexto, pelo menos em Sofonias, sugere alguma forma de lagarto. Alguns estudiosos têm sugerido alguma variedade noturna do íbis, além de outros pássaros. Como estamos vendo, não há como determinar precisamente o animal em pauta. (ND UN)

OURIVES

Há duas palavras hebraicas e uma palavra grega envolvidas neste verbete:

1. *Tsaraph*, «refinar», «purificar». Embora verbo, essa palavra é traduzida como substantivo, «ourives», pelas traduções em geral, por cinco vezes: Nee. 3:8,32; Isa. 40:19; 41:7 e 46:6.

2. *Tsorephi*, «refinador», «purificador». Esse substantivo ocorre somente por uma vez, em Nee. 3:31, dentro da frase, «Depois dele reparou Malquias, filho dum ourives...»

3. *Arqurokópos*, «artífice em prata». Esse vocábulo grego é usado somente em Atos 19:24, indicando Demétrio, que provocou tremenda agitação popular em protesto contra Paulo e outros pregadores cristãos que estavam prejudicando indiretamente o negócio deles, que consistia em fabricar nichos de prata da deusa Diana. Ele é chamado «ourives» em nossa versão portuguesa, embora não trabalhasse com ouro, e, sim, com prata.

A palavra hebraica indica alguém que funde algo ou que refina algum metal. Ver Mal. 3:2,3. Um ourives trabalhava moldando a martelo, ou então moldando o metal após fundi-lo, obtendo o formato e a grossura desejados. As religiões idólatras muito empregavam as artes dos ourives, para formação de seus ídolos. Alguns desses ídolos eram apenas recobertos de ouro, mas também havia ídolos feitos de ouro puro. Ver Jer. 10:9, 51:17. Ver o artigo geral sobre a *Idolatria.* Os ourives mencionados em Nee. 3:8,21,32, conforme pensam alguns estudiosos, provavelmente eram joalheiros. Ver os artigos gerais sobre o *Ouro* e sobre *Artes e Ofícios.*

O trecho de Salmos 12:6 refere-se à «prata refinada em cadinho de barro, depurada sete vezes», quando procura mostrar o grande valor das Escrituras Sagradas. Sem importar se devemos entender literalmente ou não as palavras «depurada sete vezes», o que importa é que entendamos que a prata precisa ser refinada seguidamente, a fim de tornar-se pura. Os ourives antigos, ou melhor, os «forjadores

de prata», recobriam ídolos de madeira com uma fina camada de prata (Juí. 17:4; Jer. 10:9), que batiam a martelo. Conforme se sabe através da história, era na Espanha que se produzia quase toda a prata do mundo europeu antigo, incluindo o Oriente Próximo. De acordo com Salomão (ver Pro. 25:4), os ourives usavam a prata, depois que a escória da mesma era escumada, isto é, retirada. Porém, a julgar pela linguagem por ele usada, não se sabe dizer, por aquele trecho, se eles recobriam de prata os ídolos, ou se abatiam a martelo sobre esses ídolos. Isaías 40:19 fala das cadeias de prata que os ourives fabricavam a fim de adornar seus ídolos pagãos. O caso bíblico mais notável que envolveu alguém dessa ocupação foi o de «um ourives, chamado Demétrio». Esse indivíduo fazia nichos de prata representando, provavelmente, templos em miniatura da deusa pagã Diana, a «santa» protetora dos efésios. Essa arte idólatra, no dizer ainda de Lucas, «dava muito lucro aos artífices». Sem tencionar fazê-lo, Paulo e sua equipe de pregadores mexeram com o bolso deles, pois os convertidos ao cristianismo abandonavam a idolatria e deixavam de comprar os tais nichos de prata. Não seria preciso mais nada para Demétrio e seus colegas de profissão se revoltarem contra os evangelizadores. Incidentalmente, isso mostra-nos como a arte religiosa (incluindo-se nessa categoria as chamadas «casas de artigos religiosos», que vendem de tudo) está diretamente ligada ao lucro financeiro. Se não houvesse compradores, os artífices dessas coisas teriam de voltar-se para outras atividades. Mas a credulidade popular, sempre muito mal informada, alimenta esse comércio. A narrativa do tumulto provocado por Demétrio e seus companheiros, contra os pregadores do Senhor Jesus, encontra-se em Atos 19:23-40. Pelos interiores e sertões do Brasil têm aparecido muitos êmulos de Demétrio. Esses atiçam o povo simples contra os pregadores do evangelho, quando os lucros dos exploradores da idolatria, em qualquer de suas manifestações, se vêem ameaçados! Ver também sobre *Prata* e *Artífices*.

OURO

Ver o artigo geral sobre **Mina**, Mineração. Alguns têm observado que o ouro é amarelo devido ao medo que sofre, por causa de tantos homens ambiciosos que o buscam. Todos nós sabemos o que significa buscar o ouro. No entanto, o bem mais humilde aço é o metal mais valioso de nossa moderna civilização. O ouro mostra-nos como os homens procuram criar falsos valores; pois, apesar do ouro ter seus usos, dificilmente encontra-se no alto da lista dos metais verdadeiramente preciosos.

Esboço:

I. Palavras da Bíblia para Ouro

II. O Ouro como Metal, sua História e seus Usos

III. Usos Metafóricos

I. Palavras da Bíblia para Ouro

Há seis palavras hebraicas envolvidas, e uma palavra grega, a saber:

1. *Zahab,* «amarelo», «brilhante». Essa palavra hebraica é usada por mais de trezentas e sessenta vezes, desde Gên. 2:11 até Mal. 3:3. Também é palavra usada para indicar o céu brilhante, o «áureo esplendor» do norte, em Jó 37:22. E também pode estar em foco o «tempo bom», que, poeticamente, poderia ser chamado de «tempo dourado». Ver Jó 37:22, embora a nossa versão portuguesa não tenha um fraseado que dê a entender essa segunda idéia.

2. *Betsar ou betser,* «defesa», «riqueza». Outros estudiosos pensam nos sentidos de «escavado» e «retirado», provavelmente em alusão ao minério de ouro. Com o sentido de «ouro», essa palavra só ocorre em Jó 22:24 *(betser)* e em Jó 36:19 *(betsar).* Há traduções que dizem ali «tesouro». No entanto, nossa versão portuguesa, apesar de traduzir a palavra por «ouro», na primeira dessas referências, traduz a segunda de uma maneira que não menciona nem o ouro e nem qualquer outro metal, dizendo: «Estimaria ele as tuas lamúrias e todos os teus grandes esforços, para que te vejas livre da tua angústia?» O homem justo, mediante o seu trabalho diligente, pode prosperar materialmente, adquirindo ouro e prata; mas, conforme Jó 22:25, «...o Todo Poderoso será o teu ouro, e a tua prata escolhida».

3. *Paz,* «purificar», «separar». Essa palavra hebraica refere-se ao ouro refinado. É usada por nove vezes: Jó 28:17; Sal. 19:10; 21:3; 119:127; Pro. 8:19; Can. 5:11,15; Isa. 13:12; Lam. 4:2.

4. *Segor,* «fechado», pois refere-se a coisas escondidas, como um «tesouro». Essa palavra ocorre somente em Jó 28:15.

5. *Kethem,* «armazém dourado», no hebraico, embora seja palavra geral para também indicar o ouro; ocorre por sete vezes: Jó 31:24; Pro. 25:12; Lam. 4:1; Dan. 10:5; Jó. 28:19; Isa. 13:12; Sal. 45:9. Nessas duas últimas referências, a palavra é utilizada para indicar o ouro de Ofir.

6. *Charuts,* «melhor bem» ou «ouro amarelo». Esse vocábulo hebraico ocorre por seis vezes: Pro. 3:14; Zac. 9:3; Sal. 68:13; Pro. 8:10,19 e 16:16.

Também há uma palavra hebraica *dehab,* que significa «dourado», e que figura no Antigo Testamento por nove vezes: Esd. 6:5; Dan. 3:5,7,10,12,14,18; 5:2,3.

7. *Chrusós,* «ouro». Palavra grega que ocorre por treze vezes, no Novo Testamento: Mat. 2:11; 10:9; 23:16,17; Atos 17:29; I Cor. 3:12; I Tim. 2:9; Tia. 5:3; Apo. 9:7,20; 18:12,16. Também há um adjetivo com base nesse substantivo, *chrúseos,* «dourado», que aparece por quinze vezes: Heb. 9:4; Apo. 1:12,13,20; 2:1; 5:8; 8:3; 9:13; 14:14; 15:6,7; 17:4 e 21:15. Nesse termo grego, tal como no caso de *zahab* e *charuts,* palavras hebraicas, a alusão é à cor amarela desse metal, embora o termo grego seja usado para indicar toda variedade de ouro, de minério de ouro, de moedas de ouro, de pesos de ouro, de jóias ou de ornamentos feitos desse metal.

II. O Ouro como Metal, sua História e seus Usos

O ouro é um metal amarelo, brilhante e mole. É tão procurado por causa de sua beleza, porque não se corrói e nem se mancha, e também porque é fácil de trabalhar com ele. Pode ser obtido do seu minério sem técnicas complexas de separação. É o metal que mais se presta para se trabalhar com ele, podendo ser batido até atingir uns duzentos mil avos de um milímetro de espessura. Vinte e oito gramas desse metal podem ser batidos até espalhar-se por 27 m^2. Visto que o ouro é tão mole, pode fazer liga com outros metais, melhorando assim suas qualidades diante dos desgastes. A pureza do ouro é expressa mediante o sistema de quilates, ou em termos de sua finura. O ouro puro é o ouro de vinte e quatro quilates; o ouro de dezoito quilates tem cerca de setenta e cinco por cento de ouro, enquanto que o resto é prata ou cobre. Quase todas as jóias de ouro são feitas de ouro de dezoito quilates. A finura refere-se a quantas partes de ouro há, em relação a outro metal, dentro de uma escala de mil. Portanto, o ouro 750 equivale ao ouro de dezoito quilates.

História. O ouro foi um dos primeiros metais usados pelo homem, por ser de fácil refinamento e fácil de trabalhar. Até mesmo na Idade da Pedra, os homens já usavam o ouro. Sua própria escassez encarregou-se de aumentar-lhe o valor. Na Idade do Bronze, o ouro passou a ser usado ainda em maior abundância. Mas, desde a Idade da Pedra os homens usavam pepitas de ouro como ornamentos. Então os homens começaram a martelar o ouro, até dar-lhe o formato desejado. Na Idade do Bronze, começou a ser moldado. Sabemos que já havia ativa exploração de minas de ouro, desde 4000 A.C. Isso ocorria na, Arábia, na Índia, na Pérsia, na Caucásia na Ásia Menor, na Península dos Bálcãs, no Egito e em outras regiões da África e, finalmente, na Palestina. Fontes informativas egípcias falam sobre o ouro pesado sob a forma de anéis (ver Gên 43:21; I Crô. 21:25; 28:14; Esd. 8:25,26). O ouro também era usado à guisa de moeda (Gên. 13:2; 24:22). O ouro representava riquezas materiais (Êxo. 12:35; 32:3,4; Núm. 31:50-54). A Bíblia fala sobre lugares específicos onde o ouro era extraído, como a região de Havilá (Gên. 2:11), Sabá (I Reis 10:22) e Ofir (I Reis 9:28).

Usos do Ouro. O ouro era usado como decoração, sob a forma de jóias, ou como uma unidade monetária, sob a forma de peso e, mais tarde, sob a forma de moedas. O ouro é excelente como um

item de decoração, porque se pode trabalhar mui facilmente com esse metal, além de ser resistente à corrosão e às manchas. Nos tempos modernos, além dos usos tradicionais, esse metal é muito usado pela indústria eletrônica, por causa de sua excelente condutividade elétrica e por sua resistência à corrosão. Ligas de ouro e níquel ou de ouro e prata são empregadas em contatos elétricos. Se for necessário endurecer mais o ouro, então faz-se uma liga de ouro e platina. Com freqüência, o ouro é usado para encobrir os pólos dos tubos eletrônicos. Ligas de ouro com níquel e de ouro com ferro são usadas no fabrico de artigos magnéticos e nas memórias dos computadores. Quando usado em liga com o paládio ou com o cobre, serve para trabalhos dentais. Espelhos forrados atrás com ouro são muito usados em equipamentos espectroscópicos, por cause de sua qualidade superior de reflexo, na região infravermelha do espectro. Compostos de ouro são usados no tratamento da artrite reumatóide e em outras condições patológicas. Contudo, o ouro é tóxico, pelo que deve ser controlada cuidadosamente a sua administração como medicamento. O isótopo radioativo 198 (AU) é usado na terapia de radiações internas, para o tratamento de certas variedades de câncer. Esse mesmo produto é usado para detectar derramamentos em filtros suficientemente finos para captar bactérias.

III. Usos Metafóricos

a. O ouro representa aquilo que é puro, divino, precioso e incorruptível. O emprego desse metal, no tabernáculo armado no deserto, de acordo com a tipologia bíblica, tem esses significados. Ver Dan. 10:5; Apo. 3:18; 8:3 e 14:14.

b. Ele simboliza o próprio Deus, como um Ser puro, precioso, enriquecedor e eterno, a verdadeira riqueza de seu povo (Jó. 22:25).

c. A *Palavra de Deus* também é simbolizada pelo ouro, devido às suas qualidades de grande valor e de permanência (Sal. 19:10; Isa. 60:17; Zac. 4:12; I Cor. 3:12; Apo. 21:15).

d. Os santos, bem como suas virtudes espirituais, como a fé, a esperança, o amor etc., são comparados com o ouro (Jó 23:18; Sal. 45:13; I Ped. 1:7).

e. As *taças da ira de Deus* aparecem como taças de ouro, por serem divinas, puras, sem qualquer mistura e, portanto, poderosas em seus efeitos (Apo. 15:7).

f. As riquezas materiais, em quaisquer de suas formas, juntamente com aquilo que é pomposo e cheio de ostentação, também são comparadas ao ouro (Gên. 13:2; Juí. 8:26; Apo. 17:4). (AM DANA FOR)

OURO, CANDEEIRO DE

Ver sobre **Candeeiro de Ouro.**

OURO BATIDO

Tratava-se do ouro combinado com algum outro metal, formando uma liga. Certos objetos de ornamentação e certos objetos para uso militar eram ligas, conforme se vê em I Reis 10: 16,17 e II Crô 9:15,16. O ouro extraído pelos métodos antigos não era muito puro, e já vinha misturado com certa variedade de outros minerais, como a prata, o cobre, o ferro, o bismuto, o mercúrio etc. Portanto, vários tipos de ouro eram conhecidos e nomeados inteiramente à parte de qualquer liga propositalmente feita.

OUVIDO

No hebraico, **ozen**, que figura por mais de cento e setenta vezes, desde Gên. 20:8 até Zac. 7:11. No grego, *ous*, que aparece por trinta e sete vezes no Novo Testamento: Mat. 10:27; 11:15; 13:9; 13:15 (citando Isa. 6:10); 13:16,43; Mar. 4:9,23; 7:16,33; 8:18; Luc. 1:44; 4:21; 8:8; 9:44; 12:3; 14:35; 22:50; Atos 7:51,57; 11:22; 28:27; Rom. 1:8 etc. O termo grego *otion,* «lobo externo do ouvido», aparece por três vezes: Mat. 26:51; Luc. 22:51 e João 18:26.

Referências Bíblicas Literais. 1. A ponta da orelha direita dos sacerdotes era tocada com sangue, por ocasião da consagração deles ao ministério (Lev. 8:23,24; Êxo. 29:20) e eles ficavam assim identificados com os sacrifícios cruentos que tinham de oferecer. 2. Outro tanto era feito no caso de um leproso curado, como sinal de sua purificação (Lev. 14: 14). 3. Se a um escravo fosse oferecida a liberdade, mas ele preferisse continuar como escravo de seu senhor, então sua orelha direita era perfurada com uma sovela, como símbolo de sua contínua e permanente subserviência (Êxo. 21:6). Esse é um belo símbolo de total dedicação. Não são muitos os escravos de Cristo que perfuram espiritualmente a orelha. 4. Na antigüidade, homens e mulheres adornavam suas orelhas com brincos (vide). 5. Ter decepada uma das orelhas era uma prática muito temida. Um inimigo recebia esse tipo de tratamento como sinal de ódio e humilhação (Eze. 23:25). 6. Um dos mais significativos milagres de Jesus foi a cura da orelha do soldado, a qual fora cortada fora por Pedro, quando ele saltou em defesa de Jesus, no horto do Getsêmani (Mat. 26:51; Mar. 14:47).

Usos Simbólicos. 1. Descobrir o ouvido significa revelar alguma coisa (I Sam. 20:2). 2. É dito que os ídolos tinham ouvidos pesados, pois não podiam atender os pedidos feitos por seus adoradores, em contraste com o verdadeiro Deus (Sal. 135:17 e Isa. 59:1,2). 3. Acerca de Deus é dito que ele tem os ouvidos abertos, o que indica que está sempre pronto a ouvir o seu povo (Sal. 34:25). 4. O povo de Deus é chamado de povo que ouve com mau grado, pare indicar a sua insensibilidade para com a mensagem divina (Mat. 13:15). 5. A ação de ouvir indica a presença daquele que ouve (I Crô. 28:8 e Luc. 4:21). 6. Fixar os ouvidos no que se ouve representa uma mensagem que é compreendida e com base na qual o ouvinte passa a agir (Luc. 9:44). 7. Ouvidos incircuncisos representam o indivíduo rebelde que não dá atenção à mensagem de Deus (Jer. 6:10). 8. Inclinar o ouvido significa dar estrita atenção a quem fala (Sal. 88:2). 9. Aquele que tem ouvidos que ouvem é aquele que obedece (Pro. 20:12). 10. Deus abre os ouvidos espirituais dos homens, a fim de que escutem e obedeçam à sua voz (Jó 29:11; Isa. 50:4). 11. O fato de que os ouvidos de Davi foram abertos indica que ele foi preparado por Deus para mostrar-se obediente (Sal. 40:6). (S UN Z)

OVELHA

Seis palavras hebraicas e uma palavra grega estão envolvidas na compreensão deste verbete, a saber:

1. *Kebes*, «cordeiro». Palavra hebraica que figura por cento e quatro vezes. Por exemplo, Êxo. 29:38-41, Lev. 4:32; 9:3; 12:6; Núm. 6:12,14; 7:15,17,88; 15:5; 28:3,4,7,9,11,13,14,19,21,27,29; II Crô. 29:21; Esd. 8:35; Pro. 27:25; Isa. 1:11; Jer. 11:19; Eze. 46:4-7,11,13,15; Osé. 4:16.

2. *Keseb,* «cordeiro». Palavra hebraica que aparece por doze vezes. Para exemplificar: Gên. 30:32,33,35; Lev. 1:10; 7:23; Núm. 18:17; Deu. 14:4.

3. *Tson,* «ovelha». Palavra hebraica usada por cento e dez vezes, com esse sentido. Por exemplo: Gên. 4:2; 12:16; 20:14; Êxo. 9:3; 20:24; Lev. 22:21; Núm. 22:40; 27:17; 32:36; Deu. 7:13; 14:26; Jos. 7:24; I Sam. 8:17; 14:32; 27:9; II Sam. 7:8; I Reis 1:9,19; 25; II Reis 5:26; I Crô. 5:21; II Crô. 5:6; 7:5; Nee. 3:1,32; Jó 1:3; Sal. 4:11, 22; 49:14; 74:1; Isa. 7:21; 13:14; Jer. 12:3; Eze. 34:6,11,12; Joel 1:18; Miq. 2:12; Zac. 13:7.

4. *Tsoneh,* «ovelha». Palavra hebraica usada por duas vezes: Núm. 32:24 e Sal. 8:7.

5. *Rachel,* «ovelha». Palavra hebraica usada por quatro vezes: Can. 6:6; Isa. 53:7, Gên. 31:38; 32:14.

6. *Seh,* «ovelhinha». Palavra hebraica que ocorre por quarenta e quatro vezes, com diversas traduções correlatas. Por exemplo: Êxo. 22:1,4,9,10; Lev. 27:26; Deu. 17:1; 18:3; Jos. 6:21; I Sam. 14:34; Sal. 119:176; Jer. 50:17.

7. *Próbaton,* «ovelha», «carneiro». Vocábulo grego empregado por trinta e nove vezes no Novo Testamento: Mat. 7:15; 9:36; 10:6; 10:16; 12:11,12; 15:24; 18:12; 25:32,33; 26:31; (citando Zac. 13:7) Mar. 6:34; 14:27; Luc. 15:4,6; João 2:14,15; 10:1-4; 7,8,11-13,

15,16,26,27; 21:16,17; Atos 8:32 (citando Isa. 53:7); Rom. 8:36 (citando Sal. 44:23); Heb. 13:20; I Ped. 2:25 e Apo. 18:13.

1. *Origem e História Primitiva.* Essa questão é complexa, de tal modo que muitas opiniões têm sido expressas pelos eruditos sobre as possíveis espécies ancestrais, seu período de existência e seu lugar de origem. A obra de Zeuner é a mais completa (F.E. Zeuner, *A History of Domesticated Animals*, cap. 7).

É difícil que esse estudo venha a ser ultrapassado, a menos que algum material ou método de estudo radicalmente novo venha a ser encontrado. Há duas espécies originárias principais. A espécie Urial *(Ovis orientalis)* é a mais importante delas. Trata-se de uma espécie da Ásia central e oriental, que vive principalmente em regiões montanhosas, desde a porção oeste do Tibete até a Transcáspia. A ovelha adulta chega a quase 90 cm de altura no alto do dorso, com chifres extremamente vincados, nos lados da cabeça. Ela torna-se avermelhada durante o verão, com porções inferiores esbranquiçadas, e torna-se marrom cinza durante o inverno. A outra espécie é a *Ovis mousimon,* das montanhas da Córsega e da Sardenha, além de regiões da Ásia Menor. Ela é um tanto menor que a *Ovis orientalis,* de cor marrom avermelhado escuro. Durante o inverno, os carneiros adultos ficam com manchas esbranquiçadas ou creme, dos lados. Seus chifres são extremamente longos e recurvos. É no Irã que se acham os primeiros sinais de domesticação da ovelha, perto da região de Urial. Por ocasião da era da cerâmica neolítica (cerca de 5000 A.C.), já estavam sendo criadas ovelhas, provavelmente cuidadas por cães, e também já estavam sendo misturadas espécies, sob algum controle. Então, essa espécie domesticada propagou-se tão rapidamente, que acabou se misturando com outras espécies que estavam sendo domesticadas independentemente, até que poucas espécies podiam ser consideradas puramente originárias de alguma espécie.

2. *Características da Ovelha Domesticada.* A maior parte das espécies atualmente difere largamente de seus antepassados selvagens, e essas diferenças começaram a aparecer quase desde o princípio. Quatro são as diferenças principais: a. *A lã.* Essa se fez presente nas espécies selvagens, embora tome-se mais patente durante o inverno, quando pode cobrir os pêlos mais duros. As propriedades da lã, como o acetinado e a capacidade de produzir fios, foram reconhecidas na antiguidade desde bem cedo, tendo sido criadas espécie que produzlam boa lã em grande quantidade. Porém, ovelhas dotadas de pêlos duros até hoje podem ser encontradas, especialmente nos trópicos. b. A *cauda.* Algumas espécies domesticadas têm caudas com duas ou três vezes mais vértebras que as formas selvagens. Em outras espécies domesticadas, a cauda tornou-se um órgão onde é armazenada grande quantidade de gordura, o que tem sido encontrado entre múmias tão antigas quanto as da XII dinastia egípcia (cerca de 2000 A.C.). c. *A cor. O* homem ocidental está tão acostumado a ver ovelhas brancas que qualquer outra coloração lhe parece estranha. As primeiras ovelhas, mui provavelmente, eram marrons; mas, no Egito havia ovelhas brancas, marrons e negras, antes de 2000 A.C. e talvez até muito antes disso. Tornou-se tradição pensar que as ovelhas referidas na Bíblia sempre fossem brancas isso é correto quase em todos os casos, mas não é inteiramente o sentido do texto que diz: «...se tornarão como a lã» (Isa. 1:18). Na verdade, as palavras «lã de Zaar» (com base no texto hebraico que fala em *tsachar,* «brancura»; Eze. 27:18), encontram-se em um contexto que dá idéia de riquezas. Mas é óbvio, com base no trecho de Gênesis 30:32 *ss,* que tanto as ovelhas quanto os bodes eram de várias colorações, presumivelmente incluindo a cor «branca», embora a palavra ali traduzida como «malhados» indique manchas claras em animais escuros. Por igual modo, devido aos trechos de Núm. 28:3,9 e 29:17,26, onde se lê que as ovelhas oferecidas em sacrifício tinham de ser «sem defeito», que isso indicaria que esses animais teriam de ser imaculadamente brancos. Porém, essa palavra aponta para imperfeições em geral, e não, necessariamente, para a coloração dos animais. d. *Hábitat.* Começando como um animal que vivia naturalmente em regiões montanhosas, as ovelhas se desenvolveram em espécies dispersas por toda a espécie de terreno, desde terras altas até pantanais, ou mesmo até as fímbrias dos desertos. A ovelha é mais seletiva do que o bode, em sua alimentação, requerendo uma melhor quantidade de forragem, geralmente uma melhor qualidade de relva, conforme podemos observar em I Crônicas 4:39,40: «Chegaram até a entrada de Gedor, ao oriente do vale, à procura de pasto para os seus rebanhos. Acharam pasto farto e bom...» As erráticas chuvas de inverno que caem na Palestina faziam a relva crescer em tufos, e os pastores, sabendo onde encontrar pastagem, levavam as suas ovelhas até aqueles lugares. Davi, com base nesse tipo de experiência, escreveu: «Ele me faz repousar em pastos verdejantes...» (Sal. 23:2).

3. *Usos.* Geralmente os estudiosos concordam que, a princípio, a ovelha foi domesticada somente por causa de sua carne. A carne das ovelhas, diferente do caso dos bodes, é boa tanto nos animais pequenos como nos já bem desenvolvidos. Tal como o gado vacum e o gado caprino, as ovelhas são ruminantes dotadas de patas bipartidas, pelo que provêem uma carne limpa e saudável, que fazia parte importante da dieta dos hebreus, conforme até hoje se vê em muitos países árabes. A arte de tecer, provavelmente, começou usando fibras vegetais; mas também é possível que os homens tenham começado a usar a lã produzida por diversos animais. Com a criação seletiva, melhorou a quantidade de lã disponível, como também sua qualidade, até que se pôde efetuar um intenso comércio dela. Parte do tributo anual pago a Mesa, rei de Moabe, consistia na lã de cem mil carneiros (II Reis 3:4). Em algumas comunidades, as ovelhas eram altamente valorizadas por causa de seu leite, embora haja somente uma clara referência bíblica a isso, isto é, Deuteronômio 32:14. Uma espécie moderna, derivada de raças desde há milênios nativas da Palestina, atualmente, é largamente usada para produzir leite para o fabrico de queijos. O uso das peles de ovelhas já se havia generalizado muito antes de sua domesticação; após essa domesticação, esse uso multiplicou-se muito. «...peles de carneiros tintas de vermelho...», em Êxo. 25:5, é a única menção específica a esse uso, no Antigo Testamento. «O sacerdote que oferecer o holocausto de alguém, terá o couro do holocausto que oferece» (Lev. 7:8). Esses holocaustos envolviam carneiros ou bodes. Além disso, os refugiados perseguidos «...andaram peregrinos, vestidos de peles de ovelhas e de cabras...» (Heb. 11:37). Em adição a isso, muitas pessoas reconheciam o valor das ovelhas a fim de estrumar os campos de pastagem. No Egito, as ovelhas eram usadas para pisar o grão dos cereais, desde cerca de 2500 A.C. A variedade de nomes que os hebreus aplicavam a esse animal indica quão importante as ovelhas eram para os israelitas. Eles eram pastores capazes, e, provavelmente, dispunham de diversas espécies. O trecho de Gênesis 30:32 *ss.* É interessante em sua descrição de uma falsa teoria, que até hoje é aceita, de que as coisas ingeridas ou vistas pela mãe, antes do nascimento do filhote, podem afetar a cor ou o formato deste. Assim, Jacó pôs as ovelhas pejadas defronte de varas descascadas, a fim de aumentar a proporção de animais nascidos com as cores que ele desejava. Os versículos 41 e 42 daquele mesmo capítulo explicam que ele escolhia os animais mais vigorosos para serem submetidos a esse processo; a inferência é que ele compreendia conscientemente qual a genética do rebanho, fazendo os animais se cruzarem de acordo com um plano preestabelecido, ao mesmo tempo em que, equivocadamente, atribuía o seu sucesso à sua habilidade de lidar com varas de várias cores. Entretanto, foi por providência divina que todo esse processo obteve tão grande êxito (cf. Gê. 31:11,12).

4. *Sentido Figurado.* A ovelha tornou-se um fator proeminente nas ofertas e sacrifícios de Israel, e grandes números eram sacrificados a cada ano. Certos tipos de ofertas consistiam em holocaustos animais inteiramente consumidos ao fogo (ver sobre *Sacrifício);* mas, de acordo com outros tipos de sacrifícios, quase toda a carne do animal sacrificado era usada pelo ofertante ou pelo sacerdote oficiante. Alguns nomes

hebraicos são raramente usados, exceto nessa conexão. Acima de tudo, a ovelha revestia-se de profunda significação metafórica. Ela é o símbolo central em trechos bíblicos como Salmos 23 e Isaías 53:6. Neste último trecho, lemos: «Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas...» No Novo Testamento encontramos uma passagem como a de João 1:29: «Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!» E, em João 10:14, lemos:« Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem a mim...» Dentre as setenta e quatro menções às ovelhas, nas páginas do Novo Testamento, apenas uma deve ser entendida em sentido literal: as ovelhas que estavam sendo vendidas no átrio do templo de Jerusalém (João 2:14), juntamente com os bois e as pombas.

Tal como em muitos países, onde cães e cavalos são domesticados e onde os homens lhes aplicam nomes, assim também, em alguns países do Oriente, os pastores dão nomes às suas próprias ovelhas. Aristóteles informa-nos de que já havia esse costume em seus dias e que essa era uma prática muito comum entre os pastores gregos. (*História de Animais,* VI. 19). Teócrito forneceu-nos os nomes pelos quais o pastor Lacom chamava a três das ovelhas de seu rebanho:

> Ó, Chifre Torto, ó, Pé Ligeiro, deixai a árvore,
> *E pastai para oeste, onde vedes a Careca.*
> (Idílio, V. 102,3).

Também não era incomum que os cães dos pastores conhecessem as ovelhas *individualmente,* sendo capazes de separar qual quisessem, do meio de muitas ovelhas.

Ora, tudo isso expressa o interesse, a bondade, o cuidado por cada crente, individualmente, mostrando que Jesus Cristo cuida de cada um de nós, tendo para cada qual uma missão especial, tendo reservado um destino especial para cada um. Dessa forma vemos aqui ensinado um «teísmo» elevado, em contraste com a posição esposada pelo «deísmo». O teísmo ensina que Deus criou e continua interessado na sua criação entrando em contato permanente com os homens de diversas maneiras. Por outro lado, o deísmo assevera que Deus criou, mas logo em seguida abandonou a sua criação, não tendo interesse por ela, nem para recompensar, nem para punir. Ver o artigo sobre a *Providência de Deus.*

E as conduz para fora. Os pastores orientais seguiam adiante do rebanho, não o enxotando por detrás. Isso serve de excelente ilustração da orientação que nos é dada por Cristo. Assim ele fez primeiramente, quando de nossa conversão: guiando-nos para fora deste mundo. Em seguida ele assim age quanto ao pasto: conduz-nos a uma vida espiritual mais abundante (ver João 10:10). Em seguida ele nos leva até a completa vida eterna, o destino apropriado dos remidos (ver João 10:25).

Acerca disso comenta John Gill *(in* loc.): «Vindos dentre os bodes do mundo, entre os quais jaziam, e dentre os apriscos do pecado e dos pastos secos do monte Sinai e de sua própria justiça, nos quais se alimentavam: e de si mesmos e de toda a dependência a qualquer coisa que lhes seja própria; e ele, Cristo, os conduz a si mesmo, e à plenitude de sua graça, e ao seu sangue e justica, e à presença, de seu Pai em comunhão com ele, e no caminho da retidão da verdade, levando-os aos pastos verdejantes de sua palavra e de seus mandamentos e até as águas tranqüilas de seu amor e de sua graça soberanos.

OVO

No hebraico há duas palavras, e no grego, uma, a saber:

1. Challamuth, «clara do ovo» ou «iogurte». Essa palavra hebraica figura somente em Jó 6:6.

2. *Betsim,* «ovos». Palavra hebraica usada por seis vezes: Deu. 22:6; Jó 39:14; Isa. 10:14; 59:5.

3. *Oón,* «ovo». Palavra grega que é usada somente em Luc. 11:12.

A primeira das duas palavras hebraicas vem de uma raiz que significa «branco». Há vários usos curiosos dessa palavra nas páginas da Bíblia. O trecho de Deu. 22:6 proíbe que se retire do ninho uma ave que esteja com seus ovos ou já com os seus filhotes. No entanto, os próprios ovos podiam ser retirados. Antes de tudo, parece haver nisso certa medida de misericórdia, porquanto convém que os homens tenham compaixão até mesmo das aves. Em segundo lugar, aparentemente isso tinha o propósito de garantir a preservação das espécies. Àquele que assim respeitasse as aves, era prometida longa vida e prosperidade. Portanto, esse preceito ocupa um justo lugar ao lado daquele acerca do tratamento que deve ser dado aos pais. Ver Efé. 6:3, onde se encontra praticamente o mesmo fraseado. Os trechos do Antigo Testamento citados são Exo. 20:12 e Deu. 5:16.

Na passagem de Jó 39:14 há uma referência à avestruz, que deixa os seus ovos à superfície do solo para serem aquecidos pelos raios do sol. O rei da Assíria vangloriou-se de que poderia recolher as riquezas da terra como alguém que junta os ovos abandonados em um ninho, dando a entender que poderia fazer isso com pouco esforço, tão grande era o seu poder. O trecho de Isa. 59:5 alude aos ovos dos répteis.

No Novo Testamento, em Luc. 11:12; lemos que nenhum pai daria um escorpião a seu filho que lhe pedisse um ovo. Da mesma maneira, Deus, que é o nosso Pai celeste, dará coisas boas a seus filhos, sem enganá-los, cuidando das suas necessidades. Os ovos, pois, representam o suprimento básico para a vida. Os ovos eram muito procurados como alimento. O trecho de Deu. 22:6 mostra-nos que era costume recolher ovos de aves selváticas para o alimento. Outras aves eram domesticadas a fim de os homens comerem os seus ovos, o que talvez esteja em pauta em Isaías 10:14. Nos tempos neotestamentários, essa prática tornou-se comum e os ovos faziam parte da alimentação diária de muitas pessoas (Luc. 11:12).

A gema do ovo é o germe da vida e os mitos antigos referem-se aos ovos como a fonte de toda a vida biológica. A gema é circundada pela clara, que é pura albumina. A casca calcária protege o conteúdo. O pintinho, quando está pronto para sair do ovo, pica e quebra a casca pelo lado de dentro. O trecho de Jó 6:6 tem uma referência difícil que pode incluir ovos. Nossa versão portuguesa diz ali: «...ou haverá sabor na clara do ovo?» No entanto, no hebraico, pode haver referência à beldroega, uma planta que produz um suco espesso e pegajoso, ou então pode aludir à clara do ovo (esta última é a interpretação dada pela nossa versão portuguesa). Seja como for, a alusão é a algo *insípido, ou* a *palavras sem sentido.*

Nos sonhos e nas visões, um ovo alude à vida em potencial que pode ser fertilizada, e isso produzido por algum ato ou condição. Por causa de sua natureza como uma entidade *fechada em si mesma,* um ovo pode aludir a alguma questão misteriosa, que precisa ser esclarecida, ou como algo potencialmente vivo, que precisa vir à luz da consciência, a fim de que possa fruir. O ovo também pode representar o próprio «eu», sendo um dos arquétipos postulados por Jung (vide). O ovo também veio a simbolizar a páscoa e a ressurreição, mas isso de acordo com um pano de fundo muito mais pagão e germânico. Todavia, isso está de acordo com o simbolismo geral do ovo. Cristo é a luz que pode penetrar na matéria e produzir vida, a vida que se deriva de um túmulo fechado e misterioso, em face da sua ressurreição.

OZÉM

No hebraico, «força». Esse era o nome do sexto filho de Jessé, imediatamente mais velho que Davi, que foi o sétimo (I Crô. 2:15). Viveu por volta de 1060 A.C.

OZIAS

Em algumas versões portuguesas, essa é a forma do nome Uzias, rei de Judá, e que aparece na genealogia de Mat. 1:8,9. Nossa versão portuguesa diz Uzias.

OZNI

No hebraico, «cuidadoso», «atencioso». Nome do quarto filho de Gade e fundador de um clã gadita que se tornou conhecido pelo nome de oznitas (ver Núm. 26:16). Ele deve ter vivido por volta de 1700 A.C.